

Homenagem à Professora
Maria Amélia Mascarenhas Dantes



ROMPENDO BARREIRAS

Abrindo caminhos para a História
das Ciências no Brasil

ROMPENDO BARREIRAS

Abrindo caminhos para a História
das Ciências no Brasil



MINISTÉRIO DA
**CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO**



Copyright © 2023 MAST (MCTI)

Parte ou totalidade desta obra poderá ser reproduzida e distribuída livremente, bastando para isso dar crédito às organizadoras e ao MAST/MCTI.

1a. Edição

Capa e Diagramação

Vitor Dulfe

Fotografia de Maria Amélia Mascarenhas Dantes

Reprodução/UNIVESP

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Henrique Morize
Bibliotecária Reg. CRB7- 4466

Rompendo barreiras: abrindo caminhos para a história das ciências no Brasil.
Homenagem à Prof.^a Maria Amélia Mascarenhas Dantes [recurso eletrônico] / organizadoras: Silvia Figueirôa, Maria Margaret Lopes, Heloisa Bertol Domingues e Marta de Almeida. — Rio de Janeiro : MAST, 2023.

Inclui Bibliografia

Formato digital

Disponível na internet

ISBN: 9786599348389

1. História da Ciência - Brasil. 2. Dantes, Maria Amélia Mascarenhas. I. Figueirôa, Silvia. II. Museu de Astronomia e Ciências Afins. III. Título.

CDU 5(091)

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Parte 1 - Ex alunas e alunos.....	9
História(s) da(s) Ciência(s), diálogos e fronteiras disciplinares: minha homenagem à Maria Amélia Mascarenhas Dantes - Adriana T. A. Martins Keuller.....	11
Homenagem à professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes - Afonso Carlos Neves	15
Maria Amélia: as qualidades de uma formadora - André Felipe Cândido da Silva	17
Fragmentos de uma relação delicada - Christina Helena Barboza	24
Maria Amélia: cientista professora cidadã - Edivania Granja da Silva Oliveira	28
À professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes - Felipe Nascimento da Silva	30
Louvando a arte e a sabedoria da professora Maria Amélia - Flávio Coelho Edler.....	32
Sobre encontros, caminhadas e lições de generosidade - Gustavo Querodia Tarelów	35
Maria Amélia - Heloisa Maria Bertol Domingues.....	39
Formação com sabedoria e afeição - José Carlos Barreto de Santana e André Luis Mattedi Dias.....	44
Sobre Maria Amélia - Luiz Antonio Teixeira.....	50
Ligados pelo Positivismo: experiências, lembranças e afinidades com a professora Maria Amélia Dantes - Luiz Otávio Ferreira	54
Vários papéis - Márcia Regina Barros da Silva.....	57
Pioneirismo, os museus e a generosidade de Maria Amélia - Maria Margaret Lopes.....	62
Sociabilidades científicas, afinidades e aprendizagens para a vida - Marta de Almeida	65
Maria Amélia: uma referência em História Social da Ciência - Olga Sofia Fabergé Alves.....	72
Maria Amélia Dantes, a grande dama da História da Ciência - Olivia da Rocha Robba.....	74

Uma historiadora das ciências no e do Brasil - Regina Cândida Ellero Gualtieri	77
Obrigado, professora! - Reginaldo Alberto Meloni	80
Pelas veredas da História das Ciências - Roger D. Colacios	86
Poronga a alumiar varadouros - Sérgio Roberto Gomes de Souza	92
O tempo voa!!! Mas as lembranças ficam - Silvia F. de M. Figueirôa	97
Homenagem à professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes - Suzana Cesar Gouveia Fernandes	101
Maria Amélia: grande mestra!! - Tania Maria Fernandes	103

Parte 2 - Colegas e Colaboradoras/es

Maria Amélia Mascarenhas Dantes e o 1º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia Alfredo Tiomno Tolmasquim	107
A contribuição de Maria Amélia Mascarenhas Dantes à construção da rede da História da Ciência no Brasil - Antonio Augusto Passos Videira	113
Maria Amélia, pioneira da História da Ciência no Brasil - Gildo Magalhães Santos	116
No vértice de uma nova história - José Jerônimo de Alencar Alves	120
“... Discutir o que era fazer a História da Ciência” - Maria Rachel Fróes da Fonseca	125
A construção da professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes na construção da área de História da Ciência no Instituto Butantan - Nelson Ibañez	129
“Brilho da Ciência e da Cultura” - Gilberto Gil e a História da Ciência no Brasil - Olival Freire Junior	131
Cooperação entre o Núcleo de História da Ciência da FFLCH-USP e a REHSEIS - Patrick Petitjean	136
Maria Amélia Dantes e a história do Positivismo no Brasil: questões historiográficas, posturas institucionais - Rogério Monteiro	142

Parte 3 - Anexos

Orientandos	149
Publicações	151
Imagens e links de matérias/entrevistas/vídeos	162

APRESENTAÇÃO

Em setembro de 2022, durante o 18º. Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia (SNHCT) realizado na USP, as organizadoras deste volume começaram a conversar sobre a oportunidade de prestar homenagem à profa. Maria Amélia Mascarenhas Dantes, orientadora de todas nós. E isso por vários motivos mas, principalmente, pela importância da construção da memória, algo tão caro aos historiadores. Procuramos salientar, através da mirada do tempo, o papel que Maria Amélia vem desempenhando há décadas na construção da História das Ciências no Brasil, hoje um campo consolidado, embora várias pessoas que nele trabalham não conheçam os percalços de sua construção. O ano de 2023 pareceu-nos um momento apropriado, já que ela festejou seus 80 anos em 08 de fevereiro, e a Sociedade Brasileira de História das Ciências (SBHC), que ela ajudou a fundar e da qual participa com constância desde então, celebra seus 40 anos em 16 de dezembro.

O próximo passo era pôr nossas mãos à obra, convidando suas e seus ex-alunas e alunos, bem como colegas com quem trabalhou mais de perto, a participarem de um livro no espírito dos *Festschrift* – obras no estilo de celebração, que unem afeto a observações acadêmicas. A busca ativa por todas e todos então começou, grandemente facilitada pela listagem elaborada pela Pós-graduação da FFLCH-USP que a colega Márcia Regina Barros da Silva gentilmente nos repassou. Partimos das pessoas com quem mantínhamos contatos, seguimos pela internet e pelo Google Acadêmico buscando artigos mais recentes onde pudéssemos encontrar endereços atualizados e, finalmente, recorremos à Plataforma Lattes, enviando mensagens diretamente por essa plataforma.

Fomos bem-sucedidas: cerca de 2/3 das pessoas da nossa lista inicial responderam, afirmativa e entusiasticamente, ao convite para participar e aqui estão conosco. Alguns, por motivos diversos, não puderam participar. E de uma pequena parte, infelizmente, não foi possível obter resposta ou contato.

Os textos aqui reunidos relembram, celebram, salientam pontos e detalham muitos e diversos aspectos. Mas há entre eles traços marcantes em comum: o papel destacado de Maria Amélia na abertura, sólida e firme, de todo um novo campo de pesquisa no Brasil; a relevante formação de recursos humanos, os quais, por sua vez, formaram novos pesquisadores e que, por seu turno, já estão formando mais gente, povoando a disciplina da História das Ciências em nosso país, distribuídos do Acre à região Sul; sua gentileza, generosidade, acolhimento e firmeza intelectual na orientação de seus e suas estudantes; a mente aberta e atualizada. É quase irresistível pensar que, inspirada pela Alquimia que investigou em sua tese de doutorado, Maria Amélia tomou para si a missão de transformar, intelectual, acadêmica e pessoalmente, aquelas e aqueles que se colocaram sob sua supervisão.

Também salta à vista, a partir de sua produção científica, a contínua busca de diálogo com as demais áreas da ciência, seja com a História e suas subdisciplinas, seja com a comunidade científica de modo geral, por meio de sua participação regular nas Reuniões Anuais da SBPC e da Associação Nacional de Pós-graduação em História (ANPUH), no âmbito da qual participou e coordenou o GEHCT (Grupo de Estudos em História da Ciência e da Tecnologia).

Os frutos desse trabalho são aqui modestamente reconhecidos. Recordações, memórias e balanços de quem a conhece e com ela convive para que gerações, atuais e futuras, saibam, ao menos um pouco, de sua própria história.

O apoio que tivemos para dar concretude à ideia de se fazer essa justa homenagem diante da magnitude do trabalho incansável de Maria Amélia também pode ser aqui interpretado como reconhecimento das instituições e de seus responsáveis. Por isso nosso agradecimento à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e ao Departamento de História da USP, à Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC) e, especialmente, ao Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), que viabilizou a edição e a impressão do livro que, esperamos,

seja lido e apreciado como um brinde à beleza em aprender, ensinar e romper barreiras.

.....

Nascida em São Paulo, SP, em 1943, MARIA AMÉLIA MASCARENHAS DANTES graduou-se em Física pela Universidade de São Paulo (1961–1964), onde realizou o curso de Especialização em Física Nuclear (1965–1969). Aí também concluiu seu doutoramento em História Social, em 1973, com tese sobre a Medicina de Paracelso, sob orientação de Eurípedes Simões de Paula. Seu pós-doutorado, de 1975 a 1976, foi realizado junto ao “Centre Koyré d’Histoire des Sciences” da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), França, supervisionada por René Taton. Professora no Departamento de História da FFLCH-USP desde 1973, aposentada em 1998, tem continuado até hoje a ser responsável pela formação de gerações de estudantes e profissionais em História das Ciências no país, como atesta a orientação de 50 dissertações de mestrado, teses de doutoramento e supervisões de pós-doutoramento. Sua produção científica concentrou-se na História das Ciências no Brasil, em seus processos de institucionalização e nos modelos institucionais adotados; nas discussões sobre o cientificismo e o Positivismo; nos Institutos de Pesquisa, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Silvia Figueirôa, Marta de Almeida, Margaret Lopes & He-loísa Domingues

Setembro de 2023.

EX-ALUNAS E ALUNOS

HISTÓRIA(S) DA(S) CIÊNCIA(S), DIÁLOGOS E FRONTEIRAS DISCIPLINARES: MINHA HOMENAGEM À MARIA AMÉLIA MASCARENHAS DANTES

Adriana T. A. Martins Keuller
USP
adriana.keuller@gmail.com

Minha inserção no estudo de história da ciência começou como orientanda de iniciação científica de Maria Amélia no projeto de pesquisa sobre “O Papel das instituições no processo de implantação da ciência no Brasil: estudo comparativo (1800-1930)” desenvolvido no início dos anos de 1990. Nas reuniões coletivas que participei, pude aprender e observar a importância de se considerar a ‘ciência como uma atividade socialmente constituída, com bases organizacionais e normas de atuação próprias,’ além de conhecer um pouco sobre as contribuições dos estudos da história institucional, a partir dos trabalhos e das pesquisas desenvolvidas pelo grupo que ela orientava e coordenava¹. A atenção e o cuidado dispensados a cada um dos pesquisadores do grupo, as observações e orientações empregadas com maestria, eram habilidades que a professora conduzia com tranquilidade.

Meu interesse em trabalhar o Arquivo de Roquette-Pinto do acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que estava sendo organizado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins, direcionou minha pesquisa para a Antropologia que era produzida, ensinada e debatida no início do século XIX. A relação do meu

¹ O resultado deste trabalho foi publicado por ela como: DANTES, M. A. M. (org.) *Espaços da Ciência no Brasil(1800-1930)*. Ed. Fiocruz, 2000.

personagem, Edgard Roquette-Pinto, com a antropologia e o Museu Nacional, encaminhou meu estudo para a instituição do Museu Nacional.

Assim comecei o meu doutorado com a Maria Amélia. Registre todas minhas atividades de reuniões ou de ‘notas para pensar’ em dois cadernos. Fui procurar, portanto, meu caderno para redigir meu texto. Ao rever minhas anotações das reuniões com a Maria Amélia me lembrei de minhas viagens à USP em São Paulo e minhas longas conversas telefônicas quando fazia pesquisa no Rio de Janeiro.

O levantamento de material e os fichamentos de certos documentos eram apresentados e discutidos em conjunto. A dificuldade e a incerteza de mapear um campo de conhecimento tão distante e diferente do que eu aprendi, pois sou historiadora por formação, era tratado por minha orientadora com tal clareza que me encorajava a continuar e a aprofundar a pesquisa de forma a nortear meu rumo.

A cada encontro na USP, Maria Amélia me apresentava um novo espaço físico da Universidade, da Biblioteca do FFLCH e suas estantes repletas de revistas raras ou de coleções de revista de história da ciência, aos prédios da Botânica, da Biologia, o laboratório de Antropologia Biológica, da Física, o Museu, o jardim japonês, o cinema, o alojamento, entre outros serviços. Entre almoço e café da tarde, nossas conversas eram repletas de histórias e sempre divertidas. E sempre com surpresas: com novos textos, novas indicações de leituras, um livro de presente – o da Mariza Corrêa, *As Reuniões Brasileiras de Antropologia: cinquenta anos*, a exposição dos instrumentos de antropologia física no Laboratório de Antropologia Biológica e também recomendações de filmes, como o filme feito por Levi-Strauss no Brasil exibido no CCSP em 2005². Ao fim do dia, com a sensação de alívio e com a bolsa pesada

2 CORRÊA, M. *As Reuniões Brasileiras de Antropologia: cinquenta anos*. DF: Brasília: ABA, 2003. Filme: “Aldeia de Nalike 1 e 2” de Claude e Dina Lévi-Strauss – catálogo da Sociedade de Etnografia e Folclore. Exibido em 30/03/2005. CCSP. Publicado por ‘Ilustríssima’. *Folha de SP*. 30/03/2005. P. E4

de textos fotocopiados e livros, ela me dava carona para o ponto de ônibus ou metrô mais próximo de forma que eu pudesse chegar a tempo à rodoviária do Tietê.

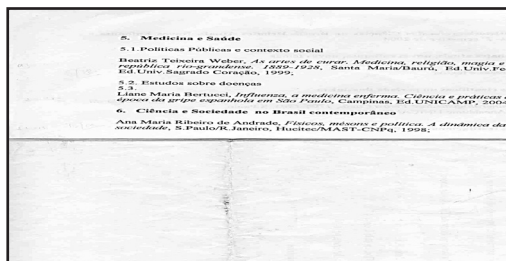
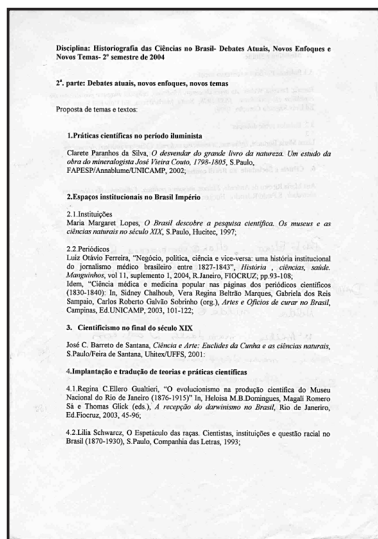
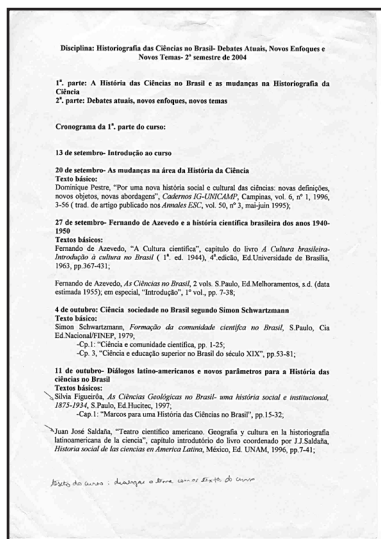
Com listagens e tabelas que cresciam, Maria Amélia lembrava sempre que meu foco era trabalhar a tradição científica do Museu Nacional, as relações científicas desenvolvidas com os franceses e norte-americanos, as reformas empreendidas no Museu, o papel do médico como intelectual, o imaginário coletivo da ciência neste momento, a comunidade científica, os diálogos entre história da ciência e antropologia, o papel dos instrumentos científicos, entre outros. O aprofundamento teórico vinha repleto de referências e textos, da historiografia do Brasil e da Latino Americana, com livros e artigos da revista QUIPU, livros franceses ou ingleses emprestados pela própria professora.

Atenta às novas abordagens da história da ciência, sobretudo ao contexto colonial, fui apreendendo as especificidades do nosso “encontro de culturas” e como nossa(s) prática(s) científica(s) apresentava uma dinâmica interna própria. Seguindo esta ideia, percebi que a prática científica adotada por uma instituição foi produzida moldando esses diferentes conhecimentos científicos, de forma adaptá-los. Essas discussões foram feitas a partir de uma série de leituras, como B. Latour, D. Pestre, P. Petitjean, R. Fox, N. Jardine, D. Bloor, S. Motoyama, P. Kreimer, H. Vessuri, M. Cueto, J.J. Saldaña, L. C. Arboleda, N. Stepan, R. Morse, J. L. Fragoso, S. Figueirôa, M. Lopes, H.M. Domingues, entre outros.

Como aluna cursei sua disciplina ‘Historiografia da Ciência no Brasil’ ministrada no segundo semestre de 2004, cuja turma era formada por um grupo pequeno de alunos. Entre leituras obrigatórias, Fernando de Azevedo e S. Schwartzmann.

Seu estímulo, apoio e carinho me conduziram em todo meu percurso profissional. A habilidade em construir pontes nos mais difíceis caminhos e entre saberes e conhecimentos, me abriu para outros espaços físicos e de conhecimento. Muito obrigada por tudo!

I- Programa de curso de 2004.2



Annecy (França), 28/Agosto/2023

HOMENAGEM À PROFESSORA MARIA AMÉLIA MASCARENHAS DANTES

Afonso Carlos Neves
Universidade Federal de São Paulo
afonsocnn@gmail.com

Minha trajetória com a Professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes tem várias peculiaridades que vou contar aqui, relacionadas à minha carreira. Eu estudei Medicina na Escola Paulista de Medicina (EPM) e me formei em 1979. Fiz Residência de Clínica Geral e Neurologia Clínica. Fiz Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado (no exterior) em Neurologia. Atuei como médico e professor afiliado ligado à mesma escola. Em 1982, prestei Fuvest e entrei em História na USP, no período noturno. Frequentei por dois anos. Mas a Medicina é muito absorvente como profissão e não terminei a graduação de História. Durante o curso médico, e depois, mantive certo “pé nas Humanas”, de modo que, no ano de 2001, começamos a trabalhar com um grupo interdisciplinar a respeito de Conhecimento. Nesse grupo, entre outros profissionais, tinham dois historiadores que trabalhavam na EPM: Luís Furlan e Márcia Barros Silva. Márcia era orientada na pós-graduação pela Profa. Maria Amélia e me sugeriu fazer prova para Doutorado Direto para PG em História Social. Após conversa com a Profa. Maria Amélia, fiz a prova, passei e comecei o Doutorado orientado por ela. O trabalho do Doutorado foi de 2004 a 2008. Assim, a tese girou em torno da História Social da Ciência Médica em São Paulo, mais especificamente sobre neurologia, psiquiatria e psicologia.

A Profa. Maria Amélia sempre me tratou muito bem. Sempre calma e paciente, com a voz baixa, sempre dando oportu-

nidade de falar, de modo que, aos poucos, permitiu que eu conduzisse meu pensamento para ideias mais claras, tanto sobre os temas a serem abordados, como a forma de abordar. Desse modo, ocorreu o gradual desdobramento do trabalho em torno dos assuntos referidos, em São Paulo, a partir de periódicos médicos dos séculos XIX-XX. Dessas conversas foi possível aprender muito. A maneira de abordar a Ciência a partir da História Social, dando atenção às personagens, aos temas, às instituições. Uma das coisas que aprendi também foi como olhar os eventos estudados a partir de certa distância no tempo. As particularidades desse campo da História fazem com que tenhamos cuidado em conter entusiasmos e julgamentos. O modo próprio da professora orientar era muito interessante, porque fazia com que a minha atenção ficasse concentrada nas correções, acréscimos, ou coisas para cortar, de modo que o quebra-cabeças da tese foi sendo montado gradualmente.

Realmente foi muito prazeroso e muito instrutivo ser orientado pela Profa. Maria Amélia naquela sucessão de tardes semanais de encontros em torno da elaboração do trabalho. A noção que tenho da história da ciência e da medicina, agora com suas vertentes sociais, é totalmente outra. Foi um grande aprendizado e a Profa. Maria Amélia Mascarenhas Dantes merece ser homenageada por seus ensinamentos!

São Paulo, junho 2023

MARIA AMÉLIA: AS QUALIDADES DE UMA FORMADORA

André Felipe Cândido da Silva
Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz
andre-felipe.silva@fiocruz.br

Quem iniciou como eu a formação acadêmica no Brasil em história das ciências no início dos anos 2000 deparou-se com uma área da história em pleno desenvolvimento. Agendas de pesquisa cresciam e diversificavam-se em termos de temas, abordagens e recortes temporais, adensando, para tanto, os investimentos em acervos documentais guardados ou simplesmente entulhados nas instituições científicas que eram os objetos predominantes daqueles estudos. Quando ingressei no primeiro programa de pós-graduação especializado no campo – o Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz – em 2004, não só eu, como muitos colegas tínhamos escasso conhecimento dos debates que ocorriam na subdisciplina, apesar da formação universitária em história.

Os professores e textos relativos à história das ciências no Brasil invariavelmente assinalavam uma ruptura clara na forma de abordar o assunto. Se tradicionalmente as universidades eram tomadas como marcos de origem de uma ciência institucionalizada no país; se havia apego aos parâmetros de demarcação de cientificidade estabelecidos no Velho Mundo, retratando o Brasil como imitação canhestra da ciência europeia; se as interpretações se baseavam mais em ensaios panegíricos ou em crônicas escritas pelos próprios cientistas, tudo se modificou a partir dos anos 1980. Qualquer balanço historiográfico sobre a história das ciências no Brasil identifica esse marco de mudança que vem associado a um nome: Maria Amélia Mascarenhas Dantes. Professora da USP, ela havia orientado no

mestrado e doutorado muitos dos autores dos textos que líamos nas disciplinas sobre a história de museus, jardins botânicos, serviços geológicos, observatórios astronômicos, comissões científicas, escolas médicas, sociedades intelectuais, institutos de pesquisa biomédica e agrícola. Aos poucos vim a saber que ela também havia supervisionado as dissertações e teses de alguns professores que atuavam na pós-graduação onde eu me formava. Como eles, grande parte dos formados por Maria Amélia contribuiu para difundir a história das ciências nas instituições brasileiras de pesquisa e ensino. Sentia-me, assim, aprendiz e herdeiro direto de uma renovação historiográfica que abriu caminho para uma compreensão mais circunstanciada do desenvolvimento histórico das ciências no Brasil, com uma série de possibilidades de investigação em aberto e outras tantas em desenvolvimento.

Em textos bastante claros e propositivos – efetivamente programáticos – Maria Amélia mostra sensibilidade historiográfica ao preconizar a uma análise histórica livre de concepções apriorísticas de ciências, sejam aquelas que as concebem como mero empreendimento teórico, e, portanto, cidadela da epistemologia, sejam aquelas comprometidas com teorias sociológicas e macronarrativas que atrelam o desenvolvimento científico a concepções de modernização capitalista ou constelações de valores. Na agenda proposta por Maria Amélia, importa compreender os fatores responsáveis pela emergência e sustentação de espaços e coletivos dedicados à atividade científica. Ou à “prática científica”, como se tornou cada vez mais corrente no léxico dos autores que protagonizavam ou acompanhavam o que seria por isso mesmo referenciado como “virada prática”.

Em tempos em que a virada em voga é a “decolonial”, importa sublinhar como Maria Amélia foi bastante crítica do eurocentrismo subjacente às interpretações que tendiam a colocar o Brasil e demais países latino-americanos como regiões desprovidas de contribuições significativas ao acervo da “ciência universal” e como meros consumidores e imitadores de teorias e protocolos elaborados no Norte Global. Pelo contrário,

o desenvolvimento histórico das ciências no Brasil implicou, segundo ela, alto nível de criatividade local na medida em que requereu a capacidade de integrar, adaptar, traduzir e reconfigurar teorias e práticas.

Por meio desses textos que davam um panorama da história das ciências no Brasil, em diálogo com as inovações teórico-metodológicas que ocorriam no campo, principalmente a partir dos chamados “estudos sociais das ciências” e das transformações da própria ciência histórica como um todo, Maria Amélia ajudou a pavimentar o caminho para uma renovação historiográfica: uma série de pesquisadores passou a percorrer arquivos e bibliotecas à cata de evidências que contribuíssem para narrar a história das ciências no Brasil do ponto de vista dos espaços em que elas foram praticadas. A ideia de radicar a análise nas instituições acentuava o foco na dimensão social da prática científica. Muitos dos quadros que desde os anos 1980 vieram se dedicar à história das ciências no Brasil formaram-se no contexto dessa abertura metodológica e ajudaram a sedimentar o campo.

Apesar de todas as implicações que sabemos existir nos artefatos de memória destinados a sedimentar identidades, é possível dizer que Maria Amélia formou uma escola, constituída a partir dessa renovação historiográfica que ela contribuiu decisivamente para estabelecer. Por trás da ideia apenas aparentemente banal de constituir uma escola, quase auto evidente no próprio esforço desta homenagem, repousa um conjunto de características individuais importantes e nada triviais – a capacidade de indicar novos caminhos e possibilidades de um campo do conhecimento e programa intelectual; a habilidade em arregimentar discípulos e identificar talentos; a dedicação em formar novos quadros; a competência em estabelecer parcerias consistentes; a firmeza de lutar pelo reconhecimento por espaço e legitimidade. Sem sombra de dúvida esses fatores se reúnem em Maria Amélia, combinando-se a qualidades únicas que pude conhecer alguns anos depois de mais familiarizado com o campo da história das ciências. No tocante à capacidade de conquistar espaço e legitimidade, é digno de nota o fato de

Maria Amélia ter instituído pioneiramente uma linha de pesquisa devotada à história das ciências em um dos mais tradicionais e prestigiados programas de pós-graduação em história, em um contexto em que eram grandes os estranhamentos com o campo, que em grande parte se desenvolveu fora dos nichos canônicos da disciplina. Certamente não foi uma conquista simples. Mas foi decisiva para o reconhecimento que hoje a história das ciências goza no universo acadêmico como campo autêntico da historiografia, bastante cindida em uma miríade de subespecialidades.

Tive o privilégio de apreciar as qualidades de Maria Amélia como acadêmica e pessoa depois de ter recém-concluído o doutorado em História das Ciências e da Saúde, muito incerto dos rumos a tomar depois da tese. Corria o ano de 2011. No estudo sobre a história das relações intelectuais entre Brasil e Alemanha no século XX, temática da tese, percebi que São Paulo fora um centro importante daquele intercâmbio por diversas razões. Interessava-me conhecer melhor aquela história. Desejava também circular por espaços institucionais distintos daqueles em que havia me formado. Decidi, então, apresentar à FAPESP uma proposta de estágio de pós-doutorado a ser desenvolvida no Departamento de História da USP com supervisão da professora Maria Amélia. No desenvolvimento da tese, conhecera outro aspecto da produção dela – os estudos sobre as relações científicas entre França e Brasil. Com Amélia Império Hamburger, Michel Paty e Patrick Petitjean, Maria Amélia coordenou a coletânea “As Ciências nas Relações Brasil-França” que demarcou as investigações sobre o papel das agências coloniais e da diplomacia cultural na promoção das relações intelectuais e científicas entre França e Brasil no século XX. Os textos publicados naquela obra foram fundamentais para eu compreender as articulações entre as ciências e a diplomacia no incentivo e realização dos intercâmbios acadêmicos, um tópico que teve centralidade em minha pesquisa de doutorado. Consultei se Maria Amélia tinha interesse em supervisionar uma pesquisa de pós-doutorado focada em compreender o papel das instituições médicas de São Paulo no intercâmbio inte-

lectual germano-brasileiro. Maria Amélia prontamente aceitou e acolheu a proposta, que felizmente foi aprovada.

O estágio de pós-doutorado durou quase três anos – de fevereiro de 2012 a novembro de 2014, período em que pude estreitar os laços com Maria Amélia. E assim, desde a solicitude com que aceitou supervisionar minha pesquisa à suavidade e generosidade manifestadas durante todo aquele período, pude notar que o significado de Maria Amélia para a história das ciências no Brasil – certamente certificado pelos demais testemunhos que compõem esta homenagem – fruto de sua capacidade intelectual, vem acompanhado de características pessoais admiráveis, que são a sua generosidade, serenidade e doçura.

Um aspecto da personalidade de Maria Amélia que me chamou atenção e que merece ser salientado refere-se ao respeito intelectual, que se traduziu, no meu caso, no diálogo aberto e generoso com o meu trabalho; no estímulo às minhas ideias e na autonomia que me conferiu no período do estágio sob sua supervisão. Todas as sugestões, propostas e ideias encontraram nela receptividade, compreensão e encorajamento. Propus oferecermos em 2013 uma disciplina de história e historiografia da saúde na pós-graduação em história na USP e ela não só acolheu a proposta, como viabilizou a sua realização e deixou-me absolutamente à vontade para elaborá-la e organizá-la segundo meus interesses. Desprendimento e liberdade que só se encontram nos mestres seguros de si e suficientemente abertos para promover a autonomia e crescimento daqueles que os cercam.

Em 2013, São Paulo, e mais tarde, todo o Brasil, eram convulsionados pelas manifestações que ficaram celebrizadas como “jornadas de junho de 2013”. Em nossos longos almoços e cafés, acompanhados de bastante conversa, Maria Amélia e eu compartilhamos muitas inquietações com aquele momento e com os possíveis rumos que o país tomaria dali, entre ansiosos e esperançosos. Identifiquei uma observadora atenta, engajada e arguta da realidade contemporânea. Descobri também uma cinéfila inveterada e atenta com as ofertas culturais da capital paulista. Enfim, uma historiadora de múltiplas facetas

e interesses, compassada com o seu tempo e as transformações cataclísmicas que o acompanham.

Ao rememorar aquele período, além de nostálgico, sinto-me profundamente grato pela sorte de encontros como aquele que tive com a professora Maria Amélia, que fizeram a diferença em meu itinerário. Sou profundamente grato pela confiança e autonomia que ela me conferiu em um estágio decisivo de minha vida profissional, em que encontrei liberdade e estímulo para seguir adiante o rumo dos meus interesses e me preparar para conquistar bases profissionais mais seguras.

O que de melhor pode haver em uma formadora do que a capacidade de marcar, estimular e inspirar os que com ela convivem? Apesar de não ter interagido com Maria Amélia em um período de minha formação no sentido estrito do termo, pude apreciar nela qualidades que certamente contribuíram para a tornarem a figura associada a transformações importantes na história das ciências no Brasil.

Mais do que compartilhar impressões e recordações pessoais, gostaria de enfatizar aqui essa combinação particular de Maria Amélia, de competência acadêmica, firmeza, generosidade, doçura e suavidade. Recentemente, ao tentar me aventurar pelos ásanas da yoga, recordei-me da paixão com que ela me relatava sobre os seus muitos anos de prática. Frente ao desafio enorme de conseguir sustentar as posturas, imaginei que a persistência e a disciplina seguramente concorreram para o equilíbrio, centramento e integração que são discerníveis na figura calma e serena de Maria Amélia. As décadas de prática disciplinada de yoga se imprimem em sua postura elegante, alinhada e esguia, que transmitem dignidade e brandura. O sorriso largo e olhar dócil, a fala mansa e bem pausada; a escuta atenta e a economia nos gestos comunicam uma atitude de abertura e acolhimento que distinguem as formadoras das quais costumamos guardar as melhores recordações. Foi com dedicação, persistência, generosidade, suavidade e firmeza que Maria Amélia capitaneou a renovação de toda uma área do conhecimento, formou suas lideranças e contribuiu para insti-

tuí-la nos espaços acadêmicos formais.

Nesse sentido, “formar uma escola” nos termos realizados por Maria Amélia não cabe nos espaços estreitos dos sistemas curriculares padronizados, no inventário das orientações concluídas, publicações, disciplinas e eventos. Menos do que invalidar os sistemas de currículos acadêmicos, estou aqui a enfatizar como realizações importantes e duradouras envolvem mais do que mera competência acadêmica. No caso de Maria Amélia, implicam em afeto, dedicação, disciplina, firmeza e uma boa dose de desprendimento. O pragmatismo, competição e individualismo que incidem no ambiente científico desfavorecem em muitos graus o cultivo dessas virtudes. Desse modo, essa justa e necessária homenagem à professora Maria Amélia é inspiradora, no sentido de nos encorajar a busca e emulação dessas mesmas qualidades que a tornaram decana da história das ciências no Brasil e faz de nós, praticantes dessa área do conhecimento no Brasil, direta ou indiretamente, seus discípulos.

FRAGMENTOS DE UMA RELAÇÃO DELICADA

Christina Helena Barboza
PPACT/MAST
christina@mast.br

“Quem é essa senhora?”

Ainda hoje ressoa a pergunta feita pela orientadora de mestrado diante de minha insistência para que a Profa. Maria Amélia Mascarenhas Dantes integrasse a banca de defesa da dissertação, em um prestigiado programa de pós-graduação em história do estado do Rio. Para evitar juízos apressados, devo logo esclarecer o contexto em que foi feita. Na época, início da década de 1990, não havia uma Plataforma Lattes ao alcance da mão, e para se ter acesso à produção científica de alguém era preciso ir a uma biblioteca; aliás, poucas pessoas possuíam computador em casa. Eu era apenas uma jovem iniciante na carreira de pesquisa, e possuía uma visão muito limitada do mundo acadêmico, com suas normas, valores e códigos de conduta. Mesmo assim, a pergunta me pareceu indício de algo mais do que o eventual desconhecimento e/ou falta de diálogo entre profissionais de diferentes universidades e departamentos. Refiro-me aqui ao “hiato” então existente (o termo é emprestado de Carlos Maia) entre os historiadores *tout court* e os historiadores das ciências.

Além de incontestavelmente pioneira na pesquisa e ensino de história das ciências no Brasil, na minha opinião Maria Amélia Dantes foi uma das profissionais que mais contribuiu para mudar esse quadro.

Eu a conheci pouco depois de meu ingresso, em 1987, no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Por volta desse período, e até pelo menos meados da década de 1990,

em suas curtas viagens ao Rio de Janeiro, realizadas no âmbito dos projetos “As ciências nas relações Brasil-França” (1985-1990) e “Os modelos institucionais e a implantação das ciências no Brasil” (1992-1995), por ela coordenados, Maria Amélia sempre visitava o MAST, invariavelmente acompanhada por algum pesquisador ou pesquisadora de outra instituição (o que podia incluir os franceses Patrick Petitjean e Michel Paty). Foi dessa forma que vários historiadores (das ciências) hoje consagrados, muitos deles, na época, com formação anterior em outras especialidades e campos de conhecimento, tiveram a oportunidade de conhecer-se e trocar ideias e informações sobre seus projetos de pesquisa, as potenciais fontes em história das ciências no Brasil (e respectivos arquivos), a bibliografia mais recente. O ambiente dessas reuniões informais era descontraído e estimulante, em parte devido à generosidade e entusiasmo com que Maria Amélia discutia cada ideia, cada novo projeto – mesmo no caso dos planos ainda imaturos de quatro jovens assistentes de pesquisa do MAST, Adriana Oliveira, Lígia Kussama, Pedro Marinho e eu mesma, que, não por outra razão, pediram sua orientação, na hora de fazer mestrados ou doutorados.

De fato, acho que não estou sozinha ao ressaltar a generosidade com que Maria Amélia desempenhou seu papel de orientadora, seja ao ler, corrigir e comentar detalhadamente os nossos manuscritos, seja ao ajudar os “estrangeiros”, como eu e tantos colegas de outros estados brasileiros, a transitar na imensidão para muitos assustadora da USP e da cidade de São Paulo.

Os projetos interinstitucionais mencionados aqui resultaram na organização de duas coletâneas que acabaram tornando-se referência na historiografia das ciências do Brasil, respectivamente *A ciência nas relações Brasil-França* (1996) e *Espaços da ciência no Brasil* (2001). Nessa última obra, em particular, o eixo condutor partia de uma perspectiva teórico-metodológica então inovadora, incansavelmente defendida por Maria Amélia e por seus alunos e ex-alunos, alguns deles autores dos capítulos. Sem a pretensão de fazer uma resenha do livro, creio que não custa reafirmar o caráter inovador de uma proposta

que, já naquela época – final do século XX –, procurava fugir dos recortes disciplinares na escrita da história das ciências (no caso, para abraçar as instituições). Mas gostaria de lembrar outro aspecto importante desse livro. Ao privilegiar o período imperial, e com isso derrubar a tese do “atraso científico” do Brasil, Maria Amélia e seu grupo foram ao encontro dos especialistas no período, dando assim um passo decisivo no sentido de ultrapassar o “hiato” com relação aos historiadores *tout court*.

Não há, portanto, como deixar de mencionar a habilidade ímpar de Maria Amélia em juntar pessoas com diferentes perfis e interesses, uma habilidade usada mesmo depois que o campo da história das ciências expandiu-se e consolidou-se no país, participando ativamente de espaços formais de intercâmbio científico, como os simpósios da ANPUH e os seminários nacionais da SBHC.

Tive a oportunidade de conviver mais amiúde com a professora durante os anos de meu doutorado, feito sob sua orientação, entre 1997 e 2002. Serei sempre grata pela sua paciência comigo, e também pelo cuidado ao corrigir e comentar cada capítulo, evitando, por exemplo, tornar “terra arrasada” páginas a fio escritas sobre Descartes em um trabalho debruçado sobre a meteorologia no século XIX! (Esse trecho, claro, foi cortado da versão final.) Durante o curso, fui também sua aluna, na disciplina “Questões metodológicas de história das ciências” – um privilégio, dada a riqueza das leituras indicadas e dos debates realizados em sala, sempre arrumada como mesa redonda, bem ao seu estilo.

Gostaria por fim de destacar outros dois traços da atuação profissional de Maria Amélia que me impressionaram cada vez mais, à medida em que fui acompanhando sua trajetória e conhecendo melhor seu trabalho e os meandros do mundo acadêmico. O primeiro deles é a erudição. Pode parecer pleonasmo falar em erudição com respeito a um pesquisador de qualquer campo das ciências humanas e sociais, mas não é bem assim. No caso de Maria Amélia, por trás de sua aparente simplicida-

de, na fala e na escrita, está uma leitora que não apenas domina pelo menos três idiomas (inglês, francês e espanhol), além do português, como também manteve-se em dia com a produção historiográfica em cada um deles – incluindo o português, do Brasil e de Portugal.

O segundo traço é a elegância, e aqui termino de volta à pergunta com que abri esse texto. Ao longo dos anos me dei conta de que nunca conheci historiadora tão elegante, embora quem primeiro tenha notado esse traço tenha sido justamente minha orientadora de mestrado, em um breve comentário feito logo após a defesa. Imagino que ela tinha em mente a análise de Pierre Bourdieu, autor que aliás utilizei na dissertação, por sugestão sua, e muito me influenciou, para quem os embates internos no campo científico podem ser bastante duros, na medida em que o que está em jogo é a própria autoridade de cada um dos lados para definir as regras do jogo. Sendo professora experiente, de um programa de pós-graduação prestigiado porém notoriamente (na época) permeado por lutas intestinas, talvez ela tenha percebido de imediato a diferença que esse tipo de temperamento pode fazer. Seja lá como for, assino embaixo. Além de tudo que assinalei nesse texto, Maria Amélia é uma pessoa extremamente elegante: na postura sempre ereta (e aqui acho que a prática regular de yoga também ajudou), na forma impecável de se vestir (mesmo no calor infernal do Rio), na conduta por ela escolhida para sua atuação profissional.

Rio de Janeiro, agosto de 2023.

MARIA AMÉLIA: CIENTISTA PROFESSORA CIDADÃ

Edivania Granja da Silva Oliveira
IFSertãoPE Campus Petrolina
edivania.granja@ifsertãope.edu.br

Inicialmente vou relatar um pouco do meu processo acadêmico para a inserção da professora Maria Amélia no contexto da minha vida profissional. Especificamente, vou tratar da professora Maria Amélia como minha orientadora no Programa de Pós-Graduação em História na USP, no período de 2018 a 2022.

Realizei o curso de Mestrado em História na UFCG, Campina Grande (PB), na área de História na perspectiva interdisciplinar nos campos da História Indígena e Ambiental. Após a finalização do Mestrado resolvi fazer a seleção de doutorado no PRODEMA (área ambiental), na UFPI, Teresina (PI).

O referido processo seletivo ocorreu no 1º semestre de 2018. Viajei de Petrolina (PE), cidade em que moro e trabalho, até Teresina (PI) para a realização da matrícula e em seguida fui direcionada à coordenação para conhecer a vice-coordenadora, que também faria minha orientação, a qual foi grosseira e bastante indelicada. Retornei a Petrolina e entrei em contato por e-mail com a coordenação do curso e solicitei o cancelamento da minha matrícula.

No início do 2º semestre participei do processo seletivo para o Programa História Social USP, modalidade DINTER com o PPG em História UFCG, possível por ter sido ex-aluna. Fui aprovada, fiquei bastante temerosa relacionada à orientação. O Coordenador do DINTER, professor Marcos Silva, foi muito acolhedor e repassou informações positivas dos(as) orientadores(as), mesmo assim não estava tranquila, por conta da experiência relatada acima.

Logo em seguida, a professora Maria Amélia enviou um e-mail com palavras encorajadoras e amáveis. Fiquei tranquila ao receber aquele primeiro e-mail. E depois fomos a São Paulo para participar da aula inaugural e reuniões com orientadores(as). Cheguei cedo e fiquei aguardando próximo à sala da professora Maria Amélia, um pouco ansiosa com aquele primeiro encontro presencial. A professora ao chegar foi muito simpática e acolhedora, parecia que a conhecia há muito tempo.

Durante todo o período de orientação sempre foi educada, respeitosa, compreensiva, acolhedora, amável. E minha defensora nos processos de qualificação e de defesa da tese. Por isso, atribuí a qualidade de professora cidadã, à qual agradeço os valiosos conhecimentos e experiências compartilhados comigo durante a pesquisa, o que possibilitou concluir com êxito a minha tese de doutorado em abril de 2022.

A professora Maria Amélia, orientadora transformada em eterna admiradora. Fez correções e sugestões que contribuíram para o meu trilhar ou retomar caminhos, compartilhava conhecimentos e palavras encorajadoras quando precisei, responsável pela minha conquista. Gratidão imensa e muito obrigada!

Petrolina (PE), 11 de julho de 2023.

À PROFESSORA MARIA AMÉLIA MASCARENHAS DANTES

Felipe Nascimento da Silva
Secretaria de Educação do Estado de São Paulo
felipe.silva@servidor.educacao.sp.gov.br

Lembro com certa nostalgia a primeira vez que tive contato com um texto da Professora Maria Amélia, “As ciências na História Brasileira”, publicado na Revista *Ciência & Cultura* de 2005, em uma aula de História Social ainda durante minha graduação. A leitura daquele breve artigo, que em suas linhas trazia uma nova forma de interpretação do desenvolvimento das práticas científicas no Brasil, impactou-me de tal maneira que decidi deixar de lado os estudos sobre os movimentos grevistas de inícios do século XX para, então, me dedicar irretraivelmente aos estudos em histórias da ciência.

Entre a primeira leitura daquele artigo e o primeiro e-mail encaminhado à professora alguns anos se passaram, o tempo necessário para poder terminar minha graduação e, paralelamente, elaborar um projeto que pudesse incorporar-se à linha de pesquisa da Professora Maria Amélia; na ocasião em que pude conhecer a professora pessoalmente, em uma das salas do departamento de história da FFLCH, de posse de meu projeto, a Professora correu o dedo sobre cada um dos autores citados na bibliografia e, a cada um deles, solicitava um breve resumo da obra e indicações sobre como aquela obra se relacionava com minha pesquisa; foi então que percebi que estava diante de mim uma das maiores pesquisadoras do Brasil, e que tamanha seria minha responsabilidade diante da decisão que havia feito.

Foi sob sua tutela que compreendi não apenas a construção da ideia de ciência, mas também pude aprender os significados da história na construção da memória coletiva; foi com a

Professora Maria Amélia que pude compreender toda a responsabilidade com a escrita, com o trato com as fontes; a cada reunião de orientação percebia o quão profundo e vasto aquele breve artigo de 2005 se mostrava.

Durante os anos em que pude ter a Professora Maria Amélia como orientadora lembro-me do seu falar firme, preciso, atencioso e gentil; a cada apontamento realizado nos esboços da dissertação, a Professora Maria Amélia abria um leque de possibilidades a serem desvendadas e desbravadas no fio condutor da pesquisa; e sempre que minhas limitações metodológicas abriam por demais esse leque, a professora sabia exatamente quais as perguntas a serem feitas para que eu, novamente, pudesse retomar o foco da pesquisa.

Os trabalhos da Professora Maria Amélia continuam atuais e extremamente relevantes, principalmente após os eventos da epidemia de COVID-19 e o fortalecimento dos discursos “negacionistas” contra as práticas científicas. Trabalhos como o da Professora Maria Amélia apresentam-se como bússolas diante do oceano de ignorância que a pesquisa brasileira foi lançada nos últimos oito anos.

Sou grato à Professora Maria Amélia por ter me ofertado a possibilidade de ser seu orientando; foram anos de grande aprendizagem, de crescimento intelectual e profissional. Sou grato à professora por ter confiado em meu trabalho, em minha pesquisa. À Professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes, com todo respeito e admiração.

São Paulo, setembro de 2023.

LOUVANDO A ARTE E A SABEDORIA DA PROFESSORA MARIA AMÉLIA

Flavio Coelho Edler
Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ
flavio.edler@fiocruz.br

Vasculho os desvãos da memória. Sondo uma lembrança aqui, outra acolá. Acho que foi na sede do Instituto Astrogildo Pereira, anexo ao Comitê Central do Partidão, que funcionava num prédio da Avenida Presidente Vargas, no Rio, que ouvi, pela primeira vez, o nome de Maria Amélia Dantes. Teria sido em 1986. Reuníamos-nos, ali, um grupo heteróclito – todos de extração acadêmica e formação nas mais diversas áreas científicas e profissionais – para, sob os escombros do marxismo, ler e debater autores relevantes no campo da teoria do conhecimento, linguística, epistemologia... Não tenho dúvidas sobre ter sido o engenheiro, professor da UFRJ e pesquisador do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST-RJ), meu amigo José Carlos de Oliveira, quem primeiramente me falou da existência da SBHC e de um núcleo pesquisas em História das Ciências, ligado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH da USP. Zé Carlos era orientando de Shozo Motoyama e, sabedor de meus interesses pela área, desde que começara a estagiar na Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz-RJ), sugeriu que conversasse com Maria Amélia a respeito de uma possível orientação no mestrado. Nesse mesmo contexto, provavelmente em setembro de 1986, eu conheceria Silvia Figueirôa e Margaret Lopes – geólogas, professoras da UNICAMP e orientandas de Maria Amélia – durante o I Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia (SNHCT), ocorrido no MAST, sob a presidência do saudoso Simão Mathias.

Vivíamos um tempo de renovação e esperança com o fim da ditadura e o sopro libertário que acompanhou a montagem do arcabouço institucional do Estado Democrático de Direito.

Meu encontro com Maria Amélia se deu nessa atmosfera em que os fundamentos teóricos da História da Ciência também passavam por questionamentos e inovações conceituais, metodológicas e temáticas, concomitantes ao processo de constituição e reconhecimento acadêmico desta área de pesquisa. A criação do Museu de Astronomia e Ciências Afins e da Casa de Oswaldo Cruz, testemunham o esforço de renovação dos estudos e história institucional das ciências no Brasil. Maria Amélia já pertencia à rede de historiadores interessados pela defesa da memória científica nacional, engajando-se nos debates sobre os conceitos de difusão, recepção e práticas científicas nas regiões periféricas que se enfeixavam sob o rótulo afrancesado de *mundialização da ciência* e formação de tradições científicas locais.

A pronta acolhida que tive na entrevista, ao apresentar os temas que eram de meu interesse de pesquisa se justificavam pela convergência que possuíamos a respeito da avaliação sobre a insuficiência e anacronismo da noção de ciência operada por autores de grande influência na historiografia das ciências no Brasil. As obras de Fernando de Azevedo e Simon Schwartzman relutavam em reconhecer o estatuto de cientificidade às práticas e instituições científicas anteriores à criação das universidades, nos anos 1930. A única exceção, então admitida, era o Instituto de Manguinhos, criado por Oswaldo Cruz, no início do século XX. A ideia de saberes e práticas científicas nos contextos colonial e imperial gerava grande suspeição, porém na COC começávamos a questionar essa periodização. Nesse sentido, tínhamos grande sintonia com o programa de pesquisa liderado por Maria Amélia, que vinha pesquisando e orientando seus alunos no sentido do Império, pensando nas instituições científicas e nos modos de produção de diferentes ramos da ciência naquele período.

Foram muitos, desde então, os contatos com minha orientadora de mestrado: a cada dois anos nas sessões do SNHCT da SBHC, inicialmente em Caxambu; em seminários e reuniões mais específicas que resultaram em coletâneas; em bancas de concurso ou de defesa... Aliás, ela esteve presente como membro da banca de avaliadores, por ocasião da defesa de minha tese

de Doutorado, em 1999. Embora eu tenha trilhado um percurso de investigações no campo das medicina e das ciências biomédicas, sempre me estimularam as leituras de suas publicações.

Porém, o que eu gostaria de destacar aqui é sua contribuição na formação de mais de uma geração de historiadores das ciências, num contexto de expansão da área. Conheço muitos colegas, com posições em universidades e centros de pesquisa, atuando em programas de pós-graduação que foram orientados por ela. A trajetória dos que tenho acompanhado revelam o êxito de Maria Amélia como estimuladora de vocações no campo da pesquisa histórica, confirmando a máxima de que a gente retribui mal a um professor, quando permanece sempre sendo seu aluno. E, nesse aspecto, gostaria de dar um tom mais pessoal a essa homenagem.

Desde meu primeiro contato com Maria Amélia e ao longo de sua orientação não me recordo de encontrá-la de mau humor ou irritada. Diante de um aluno que cultivava pretensões acadêmicas e relutava em abandonar certo dogmatismo teórico, manifestando, em alguns momentos, doses equivalentes de presunção e ignorância, a orientadora permanecia com sua indefectível serenidade. Sua interlocução era sempre mediada por delicadeza, paciência e incentivo. As sugestões formais, bem como a leitura atenta dos capítulos provisórios, sempre recheados de anotações, sugestões e questionamentos revelavam cuidado e rigor. Esse aprendizado, carregado comigo nas relações com meus alunos e orientandos. Me recordo, também, de uma reunião de orientação, já no processo de finalização da dissertação, período marcado por muita angústia na escrita e incertezas sobre os caminhos do texto. Nesse dia, Maria Amélia fez um comentário que tenho sempre transmitido aos meus orientandos: esse é um momento que tem que ser prazeroso. Um exercício de descobertas e aprendizados.

Embora mantenha contatos esporádicos com minha orientadora, sua presença se manifesta, ainda hoje, na minha própria experiência de orientação, nas marcas que deixou na minha formação e nas ocasiões que, como esta, recordamos sua presença inspiradora.

SOBRE ENCONTROS, CAMINHADAS E LIÇÕES DE GENEROSIDADE

Gustavo Querodia Tarelow
Museu Histórico da Faculdade de Medicina da USP
gustarelow@gmail.com

Era uma manhã típica do outono paulistano quando me encontrei com a professora Maria Amélia pela primeira vez. Naquele dia que me marcou para sempre, um sol ameno clareava as ruas da Cidade Universitária e aquecia o vai-e-vem dos estudantes que circulavam pelo campus. O encontro se deu em uma quinta-feira, dia 03 de abril de 2008, ao redor de uma mesa circundada por recheadas estantes preenchidas com incontáveis obras referenciais, na sala N-3 do prédio do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A concretização deste encontro significou algo extraordinário para este interlocutor, que naquela ocasião era um jovem professor de uma escola da rede pública de ensino localizada na região do ABC paulista.

Este encontro e seus desdobramentos me remete à bela analogia empreendida por Durval Muniz de Albuquerque Jr. em suas considerações sobre a escrita a respeito de um determinado sujeito em um tempo histórico¹. Tais encontros singulares, segundo ele, podem ser comparados aos passos dados por um viajante que, em sua jornada, vai deixando marcas no caminho através de pegadas e fragmentos de si. Do mesmo modo, diz ele, assim como a poeira que vai grudando em seu suor, o viajante vai sendo marcado pelo caminho que está percorrendo,

1 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

de tal modo que este indivíduo “não é só ponto de partida, nem só ponto de chegada, ele é travessia, transversalidade”. Me lembro, ainda, do poeta Luiz Galvão em seu “Mistério do Planeta”, quando diz que “pela lei natural dos encontros / eu deixo e recebo um tanto / e passo aos olhos nus ou vestidos de lunetas...”.

Com essas figuras em mente é que desejo dedicar neste nobre espaço, de justíssimas homenagens à professora Maria Amélia, algumas singelas linhas buscando refletir o que os encontros com a nossa querida homenageada me revelaram sobre sua personalidade e trajetória docente e acadêmica.

Ao longo de sua carreira, a professora Maria Amélia abriu as portas da universidade para uma série de jovens pesquisadores, formando no Departamento de História da USP um sólido grupo de estudiosos dedicados a perscrutar a história das ciências no Brasil. Essa constatação não é fortuita na medida em que consideramos todas as nuances que estão presentes no processo de admissão de pós-graduandos, bem como na viabilização, em diversos sentidos, de suas pesquisas e sua inserção no campo. Neste sentido, ao pensar em nossos encontros, caminhos e trajetórias, não me restam dúvidas de que é absolutamente fundamental ter em alta conta pessoas imprescindíveis que tem uma preciosa vocação de abrir portas e mostrar caminhos.

Após finalizar a graduação, desejando seguir desenvolvendo pesquisas e me aperfeiçoar para a sequência de minhas atividades docentes, passei a buscar informações sobre as possibilidades de realização de um eventual mestrado. Neste processo, busquei o contato de alguns professores que pudessem dialogar com os estudos sobre a história da psiquiatria e da Saúde Mental, que havia desenvolvido durante a graduação. Após receber a indicação da professora Zilda Iokoi de que a professora Maria Amélia, dada a sua orientação a diversos trabalhos no campo da história da medicina, poderia se interessar pela temática apresentada, fiz o primeiro contato eletrônico com ela. Recebi com grande alegria e esperança a sua resposta gentil, atenciosa e interessada, juntamente com um convite a ir até a

FFLCH para conversarmos a respeito do projeto de pesquisa que poderíamos desenvolver.

Quando a professora Maria Amélia me recebeu naquele outono de 2008, tive a oportunidade de pisar na FFLCH-USP pela primeira vez em minha vida. Recém-graduado em História em uma universidade privada de Santo André – SP, através de uma bolsa de estudos concedida pelo Programa Universidade Para Todos (PROUNI), a USP significava um sonho distante. Assim como milhões de jovens espalhados pelas periferias, convivía com a sensação de que aquele universo rico de potencialidades presente nas universidades públicas não era acessível, não era viável e nem mesmo possível de ser vivido por alguém com a minha origem.

De forma extremamente respeitosa e interessada, a professora apresentou uma série de sugestões para que o projeto pudesse se adequar aos objetivos do programa de pós-graduação em História Social, bem como aos referenciais teórico-metodológicos do campo de estudos sobre a história das ciências no Brasil. No entanto, o aspecto que mais despertou a minha atenção e admiração foi a escuta ativa e atenta de Maria Amélia, que buscou compreender os objetivos, motivações e as perspectivas da proposta que havia lhe apresentado, me concedendo uma grande liberdade para dissertar sobre as razões e paixões que permeavam meu desejo de me aprofundar na história da psiquiatria e de seus diversos atores.

Dali em diante incontáveis novos encontros se realizaram pautados por esta mesma possibilidade de uma construção conjunta em uma relação de confiança e parceria que se aprofundou ao longo de toda a pós-graduação. Sua orientação sempre atenta e generosa me deu a possibilidade de delimitar o objeto de pesquisa na medida em que as indicações de leitura, de fontes primárias e de textos referenciais enriqueciam a minha formação como pesquisador. Do mesmo modo, a professora Maria Amélia sempre esteve aberta a ouvir e me guiar nas minhas indagações e percepções oriundas do processo de construção de conhecimento científico. E, assim como Chico

César afirma que “Caminho se conhece andando / então vez em quando é bom se perder”, foi neste processo de construção-caminhada que chegamos à delimitação e aprofundamento de nosso objeto de estudos. Nasceu deste processo uma abordagem crítica sobre os tratamentos psiquiátricos empreendidos no Hospital de Juquery entre os anos 1920 e 1940 tendo como base os periódicos científicos em comparação com os dados quantitativos e qualitativos extraídos dos prontuários médicos do referido hospital.

Ao revisitar estes momentos, reafirmo aqui a certeza de ter sido um privilégio poder ter contato com a orientação, apoio e generosidade da professora Maria Amélia. Ao abrir as portas da universidade, possibilitando a oportunidade de estudos para um pesquisador ainda tão jovem, sem quaisquer dúvidas, posso afirmar que ela mudou a minha vida. Após diversas respostas negativas e de contatos sem respostas em busca de uma oportunidade de desenvolver um mestrado, a forma empática, paciente, ética e interessada de Maria Amélia me marcou profunda e eternamente. Além da profundidade de seus estudos seminais e do lugar destacado que ocupa na história das ciências no país, a forma como Maria Amélia conduziu sua carreira docente é uma inspiração e um horizonte a ser buscado.

Meu desejo é que o carinho e gratidão expressos nessas linhas, somadas às manifestações de afeto registradas por cada um de seus admiradores nesta coletânea possam evidenciar àqueles que não tiveram o prazer de conviver com a professora Maria Amélia não apenas o lugar de destaque que ela ocupa na historiografia brasileira, mas, também, a dimensão ética de sua atuação. E, pessoalmente, desejo que possa ter como ela inúmeros novos encontros que sempre me alegram, exatamente como o primeiro, dado naquele fatídico e inesquecível abril de 2008.

São Paulo, inverno de 2023.

MARIA AMÉLIA

Heloisa Maria Bertol Domingues
Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI
heloisa@mast.br

O orgulho e a honra de ter sido orientada por Maria Amélia, nos anos 90, foi e é enorme. Além do que aprendi com a sua orientação, que não foi pouco, fui introduzida numa comunidade científica, a de história das ciências e, principalmente, ganhei uma amiga. Uma historiadora de formação entrar para essa comunidade, naquele momento, não era óbvio. Maria Amélia, nunca transpareceu qualquer problema com isso e sempre tratou com diplomacia e sabedoria as dissensões de grupos. Mas essa é outra história.

Ao buscar a orientação de Maria Amélia, na USP, no início dos anos 1990, o meu interesse na história das ciências tinha apenas despertado em função do que eu havia concluído no mestrado, que tratou da visão sobre os índios no processo de construção da história do Brasil – a Revista do IHGB foi minha fonte de pesquisa. Nesse trabalho, a exploração do meio e a interpretação do papel dos índios se cruzavam no processo de construção do estado nacional. Forjava-se a imagem do Brasil, a partir de uma questão de fundo: - Como equacionar a contradição do país rico pela sua natureza, com a sociedade pobre e atrasada? O debate sobre a construção da história do Brasil foi norteador por essa contradição. No doutorado, a minha pergunta foi sobre o papel das ciências naquele contexto intelectual, considerando a agricultura como o sistema econômico dominante no País.

Logo de início fui surpreendida com uma questão, que acabou por criar uma cumplicidade entre orientadora e orientanda, estreitando nossos laços. -Porque estudar ciências no Brasil, no século XIX, se não existiam? Era o árbitro da Fapesp ques-

tionando o meu pedido de bolsa. Eu precisava da bolsa de estudos para fazer o curso e, imediatamente, discuti o problema com Maria Amélia. Ela prontamente argumentou: -É preciso responder. Percebi que estava diante de um desafio e, melhor, não iria enfrentá-lo só. A provocação do árbitro acabou sendo um estímulo.

Antes de mostrar que havia uma relação entre as ciências e agricultura, no Brasil império, que era o objeto da tese, era preciso “provar” que havia ciências no Brasil. Por trás da questão estava a velha imagem do atraso das ciências no país e do atraso do país. Eu ganhei a bolsa e terminei a tese convencida de que havia conseguido superar aquela imagem do atraso científico do Brasil. Hoje, trinta anos depois, já não estou tão convencida assim.

Fazia, então, mais de dez anos que Maria Amélia havia publicado o capítulo no livro “História das Ciências no Brasil”, organizado por Shozo Motoyama e Mário Guimarães Ferri (1979). O capítulo, intitulado *Institutos de Pesquisa Científica no Brasil*, tratava lucidamente do processo de institucionalização das ciências no país. Foi um trabalho pioneiro, que respondia à questão que me tinha sido colocada. No artigo, Maria Amélia enfrentava, ao mesmo tempo, uma visão historiográfica enraizada no país e, pior, abria luta contra o monstro historiográfico internacional do eurocentrismo. Maria Amélia, na sua delicadeza determinada, não hesitou. Continuou e acabou por formar essa legião de historiadores da ciência que aí está e introduziu-se, como nos introduziu, no meio científico internacional. Pode-se pensar que a sua trajetória de pesquisa, de certa forma pautada no mesmo problema daquele seu capítulo pioneiro, foi consolidada na tessitura das relações científicas que empreendeu.

As relações internacionais foram muito importantes para dar uma identidade regional para a história das ciências do Brasil e da América Latina, afirmou Maria Amélia no capítulo de uma coletânea publicada pelo MAST, em 2007. Nesse capítulo ela discutiu a integração do Brasil e da América Latina na historiografia das ciências dos anos 80. Nessa época, Maria Amélia

e outros brasileiros, estabeleceram relações com um grupo de historiadores das ciências, que estava organizando a Sociedade de História das Ciências Latino-Americana (SLHCT), a qual o Brasil se associou. Como ela mostra, aquela relação foi fundamental para a constituição da história das Ciências no Brasil como área de pesquisa. A sua preocupação maior no capítulo, foi analisar os debates que estavam sendo travados a respeito da metodologia da história das ciências na América Latina. Ela toma as observações do historiador mexicano, Juan José Saldaña, para mostrar que até então, a história das ciências privilegiava o passado de países considerados líderes da produção científica internacional, de cujo quadro os latino-americanos estavam sempre ausentes, embora as ciências estivessem sempre presentes na história desses países. Para Saldaña, que liderava os debates, “ao invés de historiar a prática científica da América Latina, buscava-se historiar a ciência européia na América Latina”. Defrontaram-se com uma questão metodológica. Maria Amélia destacou, daquele comentário, a ideia de que alguns autores tinham uma visão eurocêntrica, universalista e não histórica, por projetarem no passado características de práticas científicas mais recentes. Concluiu, concordando com Saldaña, que “a ciência foi e é uma prática social em sentido amplo; isto é, uma prática cultural, política e ideológica.” A Revista *Quipu* foi o canal de comunicação entre a SLHCT e os colegas dos países da América Latina. Contudo, a inserção de Maria Amélia no mundo das relações científicas, não parou aí.

Aprofundando as suas relações internacionais, também nos anos 80, Maria Amélia foi para a França e voltou de lá com o Programa de Cooperação Internacional CNPq/CNRS assinado. Este foi mantido de 1986 a 1992 entre equipes do Departamento de História da FFLCH e do IF, da USP e a equipe de *Recherches Epistemologiques et Historiques sur les Sciences Exactes et les Institutions Scientifiques* – REHSEIS / CNRS, visando a pesquisa histórica sobre as relações científicas. Desse Programa resultou o livro *As Ciências nas Relações Brasil-França (1850-1950)*, organizado por Maria Amélia, Amélia Hamburger, Michel Paty e Patrick Petitjean (Edusp, Fapesp

1996). Conforme dito na introdução do livro, para a equipe brasileira, o tema da incorporação de tradições culturais, em particular a francesa, era de interesse primordial para o estudo do processo de implantação da atividade científica e técnica no Brasil. Para a equipe francesa, o tema se inscrevia no programa “Ciência e Império”, que estudava a difusão da tradição científica e técnica francesa, em outros países.

Esse Programa de Cooperação e as ações na SLHCT podem ser vistos como um abre-portas da história das ciências brasileiras na linha do tempo internacional. “Ciência e Império” estudava, à época, a expansão europeia e o desenvolvimento científico em países da Ásia, África, América e Oceania. Em 1990, os seus coordenadores organizaram um colóquio internacional, em Paris, que levantou questões das relações científicas entre os países, problemas políticos das ciências e, principalmente, problemas concernentes às ciências e ao desenvolvimento. Além do Brasil, o encontro contou com participantes de praticamente todos os países latino-americanos, da Índia, Japão, China, França e Espanha, entre outros. Maria Amélia, acompanhada das orientandas Silvia Figueirôa e Margaret Lopes, juntamente com colegas franceses, formaram uma sessão sobre a história das ciências no Brasil, naquele congresso. Foram mais de 120 participantes. As ideias que discutiram e consolidaram, norteavam as pesquisas inspiradas na visão historiográfica das ciências que Maria Amélia já vinha discutindo e trabalhava nos seus cursos na USP. Tive a sorte de estar iniciando o doutorado naqueles anos.

Quando iniciei meu trabalho de tese, em 1992, a primeira lição que aprendi com Maria Amélia foi a de que as práticas científicas, que moviam os conhecimentos, constituíam um complexo de relações sociais e políticas sem as quais as ciências não se sustentariam. A questão sobre ter ou não ciências no país antes das universidades vista, ainda então, como um [falso] consenso, era atacada por dois lados: a diversidade das fontes que passavam a ser utilizadas nas pesquisas e; os métodos de análise historiográficos revolucionados pela história cultural, pelo estruturalismo e pelos estudos sociais das ciên-

cias. A liberdade de escolha era enorme e nos envolveu.

Durante o tempo que eu preparava a minha tese, Maria Amélia deu um presente aos seus orientandos, convidando-nos a participar do livro que estava organizando – *Espaços de Ciência no Brasil* (Ed. Fiocruz, 2001) – onde reafirmava a longevidade do processo de institucionalização das ciências no Brasil, iniciado ainda no tempo colonial, e as transformações que aconteceram subsequentemente. Foi uma grande experiência e satisfação ter participado desse livro. Para a historiografia, o livro representou o apagamento de mais uma luz que pairava sobre a imagem do atraso das ciências no Brasil. Contudo, um traço forte daquela imagem ainda persistia nos clichês terceiro mundistas. Mesmo assim, quando terminei a minha tese, em 1995, estava instituída a história social das ciências no Brasil e os estudos sociais das ciências que permitiram mexer com os alicerces da visão historiográfica sobre o fazer científico em nossos países.

O fim da tese foi o início da trajetória da historiadora da ciência, que eu me sentia. Também, estreitaram os laços de amizade, já existentes, entre a orientadora e a sempre orientanda. No mesmo ano de 1995, aconteceu na Colômbia um congresso da Sociedade Latino-Americana de História das Ciências. A generosidade de Maria Amélia, permitiu o meu batismo de fogo num congresso internacional da área. Fui à Colômbia porque ela me indicou para receber, em seu lugar, o auxílio que lhe tinha sido destinado pela organização do congresso; pois ela tinha recebido o da FAPESP. Maria Amélia, sem que eu percebesse, empurrou-me para o centro dos debates da área de história das ciências, do qual até hoje não sai e nem pretendo sair.

A história das ciências no Brasil, construída pela nossa orientadora, Maria Amélia Mascarenhas Dantes, foi fundamental para consolidar a área de história das ciências no Brasil, mais do que isso, foi fundamental para introduzir a história das ciências brasileiras na linha do tempo da “História Científica da Humanidade” e contribuiu para dominar o monstro do eurocentrismo científico.

Maria Amélia, Muito Obrigada!

FORMAÇÃO COM SABEDORIA E AFEIÇÃO

José Carlos Barreto de Santana
Universidade Estadual de Feira de Santana
zecarlos.uefs@gmail.com

André Luis Mattedi Dias
Universidade Federal da Bahia
andre.mattedi@ufba.br

A força da convicção é maior que a força da verdade. Não se trata de saber o que se diz saber, mas de aceitar como solidamente fixado aquilo que já se sabe. O saber se fixa por confiança na autoridade das fontes. Por aquilo que se transmite de uma forma determinada no interior de um comum. Num interior de um meio tido como vital. Porque esse meio é fonte de razoabilidade e de afeto. Logo é fonte de convencimento. O que nos convence é a razão e o afeto. É o conceito e o sensível. (Muniz Sodré, Educar para o sensível, IEA-USP, 2021)

Só aprende quem respeita! (Provérbio Iorubano)

A década de 1990 foi de grande importância para a vida acadêmica dos dois autores deste relato testemunhal. Com diferença de 4 anos, um em 1993 e o outro em 1997, professores do Departamento de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), chegamos à Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) na condição de alunos do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHS-FFLCH) com projetos de pesquisa no campo da História das Ciências (HC).

Tínhamos trajetórias diferentes. O primeiro a chegar foi José Carlos Barreto de Santana, geólogo, com especialização em Ensino de Geociências, que acabara de fazer um semestre sabático no Instituto de Geociências da Unicamp, sob a coordenação das professoras Silvia Figueirôa e Margaret Lopes,

pesquisando o conteúdo geológico no livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que evoluiu para uma proposta de mestrado apresentada com aval de Silvia e Margaret e com pronto acolhimento junto à professora Maria Amélia Dantes, que um ano depois avalizou a mudança para projeto de doutorado.

O segundo a chegar, André Mattedi, Licenciado em Matemática, Mestre em Educação, tinha um projeto de doutorado sobre a história da matemática no Brasil, focada na biografia de Omar Catunda, primeiro brasileiro catedrático de Análise da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e segundo diretor do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia, no início da década de 1960. José Carlos, com o apoio de José Jerônimo Alencar Alves, apresentou André Mattedi à professora Maria Amélia sob a argumentação de que seria de muita relevância ter alguém com quem pudesse estabelecer um diálogo permanente sobre História das Ciências no Brasil, quando do retorno de ambos à UEFS. A conversa com Maria Amélia fluiu muito naturalmente para o acolhimento da proposta, sem dificuldades.

As palavras seguintes expressam o reconhecimento dos autores às importantíssimas contribuições de Maria Amélia Dantes, não apenas para suas formações profissionais, como também – e principalmente – para a constituição do grupo de história das ciências na Universidade Estadual de Feira de Santana e no Programa em Ensino, Filosofia e História das Ciências UFBA-UEFS.

Não tínhamos formação em história *tout court*. Portanto, fazer o doutorado no Departamento de História da FFLCH-USP representava um duplo desafio: primeiro, conhecer o que havia de mais recente na historiografia das ciências, segundo, se apropriar dos modos de leitura, interpretação e escrita próprios dos historiadores.

Maria Amélia também não tinha uma formação *tout court* em História, pois se graduou em Física no início da década de 1960, e isso seguramente contribuiu para que entendesse as particularidades dos seus orientandos. Afinal de contas,

Maria Amélia havia feito com sucesso essa mesma transição em período e circunstâncias próprias, particularmente, quando realizou pós-doutoramento na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, sob a supervisão de René Taton, quando conviveu mais diretamente com profissionais e instituições da História das Ciências, o que, de certa forma, explica a sua opção por elaborar e desenvolver projetos e pesquisas que impactaram fortemente a história institucional das ciências no Brasil, como é exemplo expressivo e representativo a coletânea “Espaços da ciência no Brasil: 1800-1930”, organizado por Maria Amélia Dantes e publicado pela Editora Fio-cruz em 2001, cujas autoras e autores fizeram dissertações ou teses no Programa de História da FFLCH-USP.

Vínhamos também de uma vivência e experiência numa instituição relativamente nova e pequena, localizada numa região culturalmente forte, onde as relações pessoais predominavam sobre as impessoais, e chegávamos para uma temporada numa instituição estabelecida há mais tempo e também localizada numa região de forte tradição cultural, cujas relações nos pareciam mais impessoais e que parecia nos dizer que “o centro da cultura está aqui!”, apesar do que está escrito na Praça do Relógio.

Na FFLCH-USP, não tínhamos um espaço de permanência minimamente aceitável para desenvolver as nossas atividades de pós-graduação, quando não estávamos na sua excelente biblioteca ou nas salas de aulas. Então, não nos faltou a sensibilidade de Maria Amélia, que nos franqueou a utilização do seu próprio gabinete para que pudéssemos, inicialmente, estudar e começar a escrever nossos trabalhos. Posteriormente, sob a sua liderança e com a inestimável colaboração de Jerônimo Alves, aqui já citado, o nosso grupo de pesquisa em História das Ciências também funcionou naquele mesmo gabinete, com reuniões periódicas, ora semanais, ora quinzenais, sempre às quartas-feiras de tarde, formado por estudantes de mestrado e doutorado, que se acomodavam em torno da mesa de reuniões.

Nestas reuniões, no convívio com as colegas historiadoras que faziam parte do grupo, em outras atividades na FFLCH-

-USP, inclusive, envolvendo docentes do Departamento de História, ou nos Seminários de História da ANPUH, que frequentamos periodicamente em grupo, nós aprendemos o ofício de historiador, seu modo de pensar, interpretar e explicar a história, ler e escrever o texto histórico.

Durante nossos primeiros semestres em terras paulistanas, também foi muito importante para a nossa formação cumprirmos o curso de Introdução à História das Ciências que Maria Amélia oferecia regularmente no Programa de Pós-Graduação em História da FFLCH-USP, quando nos dedicamos às leituras e discussões sobre as mais recentes tendências da história social e cultural das ciências e dos estudos sociais das ciências, representadas pelos autores mais proeminentes da sociologia do conhecimento científico, das etnografias dos laboratórios científicos, da teoria ator-rede, das análises do discurso científico, dentre outras, organizadas e revisadas em obras clássicas como as de Bloor, Latour, Woolgar, Mulkay, Collins, Gilbert, Pinch, Schaffer, Knorr-Cetina, Pickering, Pestre, Shapin, dentre outros.

Além disso, não devemos esquecer a importância da participação direta de Maria Amélia em vários fóruns de debates internacionais, que envolveram temas como “mundialização das ciências”, “ciência colonial”, “institucionalização das ciências”, como por exemplo, o projeto internacional *Science and Empires*, idealizado por Roshdi Rashed como uma das principais linhas de pesquisa da equipe REHSEIS do CNRS francês, que resultou num colóquio internacional na sede da UNESCO, em Paris, em 1990. Maria Amélia participou deste evento, colaborando com sua organização e também apresentando um trabalho sobre positivismo e ciência no Brasil, que foi posteriormente publicado no livro *Science and Empires*, que reuniu parte dos trabalhos apresentados, editado por Patrick Petitjean, Catherine Jami e Anne-Marie Moulin em 1992.

Esta participação internacional não se deu isoladamente, ali também estavam outras importantes lideranças latino-americanas do campo da história das ciências, a exemplo de Shozo Motoyama, Ubiratan D’Ambrosio, Juan-José Saldaña, Luiz

Carlos Arboleda e Hebe Vessuri, com os quais Maria Amélia Dantes compartilhou os primeiros anos de implantação da Sociedade Latino-Americana de História das Ciências e da Sociedade Brasileira de História da Ciência, espaços institucionais de organização do campo.

A participação nestes espaços de especialistas, que estavam construindo historicamente o campo profissional autônomo da história das ciências no Brasil, na América Latina e no mundo, constituiu a base teórica e prática da formação que Maria Amélia Dantes proporcionou aos novatos do campo, como os autores deste texto.

A repercussão do trabalho de Maria Amélia como orientadora no Programa de Pós-graduação em História Social / História das Ciências da FFLCH pode ser notada já a partir das primeiras teses das sua orientandas, Silvia Figueirôa e Margaret Lopes, que renovaram os estudos institucionais da história das ciências no Brasil e se estendem ao longo de uma vida dedicada à formação de várias gerações de pesquisadores espalhados pelo Brasil.

Os autores deste relato testemunhal defenderam suas teses respectivamente em 1998 e 2002. José Carlos optou por uma escolha menos convencional ao integrar Euclides da Cunha e sua obra, inclusive, *Os sertões*, à História das Ciências no Brasil, situando autor e obra no contexto cultural do seu tempo e espaço e dialogando com as várias áreas do conhecimento utilizadas pelo escritor.

André Mattedi seguiu o caminho da história das instituições científicas, pois narrou o processo de profissionalização e de modernização da matemática e do seu ensino na Universidade da Bahia, desde a fundação da Escola Politécnica em 1897 até a implantação do Instituto de Matemática e Física, em 1960, e a Reforma Universitária de 1968, examinando também as atividades matemáticas da Faculdade de Filosofia, no seu curso de matemática iniciado em 1943. Graças à orientação e apoio de Maria Amélia Dantes, pode se dedicar a um tema pouco convencional até então, atividades matemáticas associadas ao

ensino da matemática numa instituição universitária situada na “periferia da periferia”, enfatizando o protagonismo de um grupo de mulheres e analisando relações de gênero no processo de implantação do Instituto de Matemática e Física.

A influência e contribuição de Maria Amélia Dantes prosseguiu no grupo de pesquisa em história das ciências que os autores formaram na Universidade Estadual de Feira de Santana, onde participaram da criação dos programas de pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências UEFS/UFBA em 2000 (os dois); em Estudos Literários em 2000 (José Carlos); em Desenho e Cultura em 2006 (André); e em História em 2007 (os dois), onde orientaram dezenas de estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado. Vários deles, hoje, são docentes de instituições públicas de ensino superior no Brasil.

Numa destas conversas maravilhosas que acontecem nos momentos lúdicos dos eventos científicos, provavelmente, durante um Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, promovido pela Sociedade Brasileira de História da Ciência, o saudoso Carlos Alvarez Maia, ao se referir a Maria Amélia, a intitulou como “A Grande Dama da História das Ciências no Brasil”. Concordamos integralmente com Maia e, por esta razão, consideramos Maria Amélia Mascarenhas Dantes digna do nosso maior respeito, afeição e admiração!

Feira de Santana, Salvador, Agosto de 2023

SOBRE MARIA AMÉLIA

Luiz Antonio Teixeira
Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ
luiz.teixeira@fiocruz.br

Nos idos dos anos 90 conheci a professora Maria Amélia Dantes. Naquele tempo, recém ingresso na Casa de Oswaldo Cruz, eu descortinava o mundo da história das ciências, aprendendo sobre internalismo, externalismo, difusão científica e outras coisas que eram centrais ao campo da história das ciências à época. Maria Amélia era uma autoridade na área, tinha escrito diversos artigos e capítulos sobre história das ciências no Brasil e na América Latina. Ela e sua fiel escudeira, Silvia Figueirôa, estavam em todos os fóruns da área, em especial nos congressos da Sociedade Brasileira de História das Ciências, falando sobre a institucionalização da ciência e a história das instituições científicas na América Latina e no Brasil. Me soava bem a visão de que ciência não era só o que vinha da Europa e que, desde o período colonial, a busca de conhecimentos nas diversas regiões da América também deveria ser vista como uma atividade científica.

Para mim e meu grupo de pesquisas que, na recém-fundada Casa de Oswaldo Cruz, trabalhava com a história da Fundação Oswaldo Cruz, uma dessas produções mostrou-se central: a História dos Institutos de pesquisas, capítulo da obra sobre História das Ciências no Brasil, organizada por Mário Ferri e Shozo Motoyama. Relacionando o surgimento e desenvolvimento dos institutos de pesquisa ao contexto científico e político da Primeira República e avaliando o papel por eles desempenhados no âmbito da saúde pública, seu trabalho junto ao livro sobre o Instituto de Manguinhos, escrito por Nancy Stepan, publicado em 1976 foram o combustível para o desenvolvimento dos estudos sobre a história dos Institutos Oswaldo Cruz e do Butantan na Casa de Oswaldo Cruz.

Ter descortinado o campo dos estudos institucionais das ciências, transformando-o num referencial atrativo e profícuo para muitos estudos foi só o início. Era um período de mudanças e, saídos dos tenebrosos tempos de autoritarismo, tínhamos uma sede de obtenção de novos conhecimentos. Na Fiocruz, estávamos numa instituição renovada, que buscava investir na produção de conhecimentos de uma forma ampliada, em consonância com a perspectiva da saúde coletiva que começava a se instituir. Nesse contexto, estudos sobre a história das ciências e da saúde pareciam fundamentais, por dar as bases para a compreensão das condições contemporâneas de desenvolvimento científico e sanitário. Com o objetivo de reforçar essa compreensão, a partir da História, a Casa de Oswaldo Cruz se empenhou em capacitar seus pesquisadores, incentivando-os a ingressar em cursos de mestrados e doutorados que os possibilitassem atuar de forma adequada nesses campos de pesquisa e consolidar suas carreiras profissionais em consonância com as necessidades da Fiocruz.

Para a consecução do nosso projeto institucional, a professora Maria Amélia foi um esteio fundamental, abrindo as portas do Programa de Pós-graduação em História Social da USP para o nosso grupo de pesquisas. Em poucos anos uma parte substancial dos pesquisadores e pesquisadoras do Departamento de Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz estavam na USP fazendo seus mestrados e doutorados. Grande parte deles e delas orientados pela própria Maria Amélia.

O conjunto de orientações desenvolvida por Maria Amélia ultrapassou os limites da formação de pessoal qualificada em História das Ciências, sua atuação também se fazia presente na participação em projetos de pesquisa, parcerias institucionais, elaboração de eventos científicos e incontáveis iniciativas de apoio institucional. Muito além da formação profissional, suas ideias, palavras e formas de agir imprimiram um verdadeiro estilo de pensamento à História da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz. O trabalho com instituições, a análise de sua capacidade de inércia ou de inovação, sua relação com os Estados Nacionais, com os diferentes campos científicos, passaram a ser

o cerne de grande parte de nossas pesquisas, apontando para uma forma particular de escrita da História, de produção de História das Ciências.

Marco de integração dessa forma de fazer história proposta por Maria Amélia e seu grupo e encampada pela pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz foi o surgimento do livro “Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930”, publicado pela Editora FIOCRUZ em 2001. A obra composta por capítulos dedicados a diferentes instituições científicas do Império e da Primeira República, escritos por pesquisadores identificados com a história das instituições científicas, teve a participação de vários profissionais da COC e, no meu entender, consolidou a História Institucional da Ciência como eixo de produção na COC.

Um momento inesquecível em nossa relação profissional com Maria Amélia foi a mesa-redonda “Pesquisa em História das Ciências e da Saúde: os itinerários de um campo de investigação”, ocorrida no 8º Encontro de História e Saúde, ocorrido em maio de 2007. Esses encontros foram a marca de nossa formação nos idos dos anos 1980 e em 2007, com a Casa de Oswaldo Cruz já consolidada, elaboramos uma nova versão, buscando dar um panorama das principais linhas de atuação e objetos de pesquisa, que haviam sido privilegiados na nossa produção. Também buscamos homenagear os mestres que foram centrais para a conformação da Casa de Oswaldo Cruz como Centro de Pesquisas Históricas. Maria Amélia foi uma das primeiras a serem pensadas para compor a mesa principal. Havia um enorme consenso sobre a importância de sua atuação na formatação de nosso departamento e na sua institucionalização. Junto com o sociólogo Luiz Antonio Castro Santos, eles foram os pilares intelectuais sobre o qual a COC se ergueu.

Contribuições, trocas, parcerias entre o corpo de pesquisadores da COC e Maria Amélia continuaram e continuam a acontecer da forma mais terna e agradável possível. Não poderia ser diferente, visto essas características terem destaque em sua personalidade. Mas não posso deixar de terminar esse texto trazendo-o para a experiência individual, ressaltando a

importância de nossa homenageada na minha formação. Depois de ter passado por um mestrado em Saúde Coletiva, na UERJ, fui recebido por Maria Amélia para ser seu orientando no Programa de História Social da FFLCH–USP. O curso de doutoramento foi rápido, e minha completa imersão nos projetos da Casa de Oswaldo Cruz, me impediram de uma maior participação em suas atividades, no entanto, a orientação realizada por Maria Amélia foi de uma riqueza inesquecível. Uma relação tranquila e rica na obtenção de conhecimentos acadêmicos e de aprendizagem para a vida. Rigor, compreensão calma e amizade são palavras que melhor definem esse processo e demonstram características de nossa homenageada que tanto valorizamos. Obrigado por tudo isso Maria Amélia, se individualmente você ajudou a me tornar um pesquisador qualificado e uma pessoa melhor, institucionalmente você foi uma atriz social central no processo de institucionalização da Casa de Oswaldo Cruz e na sua transformação num prestigioso centro de produção de história das ciências.

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2023

LIGADOS PELO POSITIVISMO: EXPERIÊNCIAS, LEMBRANÇAS E AFINIDADES COM A PROFESSORA MARIA AMÉLIA DANTES

Luiz Otávio Ferreira
Fundação Oswaldo Cruz e
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
luiz.ferreira@fiocruz.br

Em 1991, iniciei o curso de doutorado em história social no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sob a orientação da professora Maria Amélia Dantes. Foi uma época de mudanças e de novidades em minha carreira acadêmica. Havia concluído o mestrado em sociologia e antropologia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro com uma dissertação sobre as controvérsias científicas e as disputas institucionais em torno do positivismo na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Naquela fase de minha vida profissional, era um sociólogo indeciso que transitava entre três instituições: o Departamento de Sociologia e Política da PUC-RIO, a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ e o Departamento de Pesquisa Histórica da Casa de Oswaldo Cruz.

Em busca de estabilidade profissional e de definição intelectual me apresentei a professora Maria Amélia como candidato ao doutorado em história social com um projeto sobre a institucionalização dos periódicos médicos brasileiros na primeira metade do século XIX. Ao me aceitar como aluno de doutorado, a professora Maria Amélia me inseriu no ambiente institucional e intelectual da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e

também iniciou a minha socialização no campo da história das ciências. Tive o privilégio de compor a primeira geração de doutores que desenvolveram teses em história social adotando a original perspectiva proposta pela professora Maria Amélia sobre o processo de institucionalização das ciências no Brasil.

Na condição de orientando da professora Maria Amélia Dantes, participei dos seminários nacionais promovidos pela Sociedade Brasileira de História da Ciência e também de eventos internacionais, como o International Congress of History of Science. Os primeiros artigos científicos publicados resultaram de atividades de estudo e de pesquisa desenvolvidas sob a orientação da professora Maria Amélia. A oportunidade de participar das primeiras bancas de mestrado e de doutorado foi possível pelo convite feito pela professora Maria Amélia. Seria longa a lista de experiências que confirmam o quanto o vínculo estabelecido com a professora Maria Amélia foi decisivo para minha formação e socialização como historiador das ciências.

Contudo, a influência exercida pela professora Maria Amélia em minha formação intelectual e trajetória acadêmica vai além do papel de orientadora e de mentora no campo da história das ciências. Tínhamos certas afinidades e interesses compartilhados que certamente foram também importantes. Acredito que o interesse comum por uma compreensão revisionista e isenta de preconceitos sobre o papel das ideias e das ações dos positivistas no processo de institucionalização das ciências no Brasil facilitou muito a aproximação com a professora Maria Amélia.

Enquanto escrevia, solitariamente, entre 1986 e 1989, a dissertação mestrado em sociologia e antropologia sobre as controvérsias científicas e as disputas institucionais em torno do positivismo travadas entre professores e estudantes de engenharia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a professora Maria Amélia desenvolvia, entre 1985 e 1990, o projeto de pesquisa **Positivismo e Ciência no Brasil** cujo objetivo era estudar a influência das doutrinas positivistas no desenvolvimento das ciências no Brasil.

Os resultados finais começam a ser publicados no início da década de 1990. Em 1992, a professora Maria Amélia Dantes publicou **Positivisme et science au Brésil**, na coletânea *Science and Empires: Historical Studies about Scientific Development and European Expansion*, organizada por Patrick Petitjean, Catherine Jami e Anne-Marie Moulin. Um ano depois, seria publicado **Universalismo e ciência no Brasil do final do século XIX**, na importantíssima coletânea *Mundialización de la ciencia y cultura nacional*, organizada por A. Lafuente, A. Elena e M. L. Ortega. E, por último, veio **Os positivistas brasileiros e as ciências no final do século XIX**, publicado na coletânea *Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*, organizado por Amélia Hamburger, Maria Amélia M. Dantes e Michel Paty e Patrick Petitjean.

Infelizmente, minha dissertação de mestrado não se beneficiou, imediatamente, dos trabalhos sobre o positivismo publicados pela professora Maria Amélia Dantes. Na dissertação cito o clássico **Institutos de Pesquisa Científica**, um capítulo da coletânea *História das Ciências no Brasil* organizada por Mario Guimarães Ferri e Shozo Motoyama em 1980.

No entanto, não foi por acaso que o tema do positivismo tenha nos aproximado mesmo antes de me tornar seu aluno de doutorado. Uma leitura atenta das referências bibliográficas utilizadas por ela em seus estudos positivistas, indica influência dos mesmos autores cujas obras sobre a história do positivismo no Brasil foram decisivas para mim: Roque Spencer Maciel de Barros, Ivan Lins e Cruz Costa. Por isso, considero que o vínculo mais forte e duradouro que mantenho com a Professora Maria Amélia Dante resulta do compartilhamento das interpretações criativas elaboradas por Roque Spencer, Ivan Lins e Cruz Costa sobre papel das ideias e ações dos positivistas no processo de institucionalização das ciências no Brasil. Fomos ligados pelo positivismo!

Niterói, agosto de 2023.

VÁRIOS PAPÉIS

Márcia Regina Barros da Silva
Universidade de São Paulo – FFLCH
(Departamento de História)
marciabarrossilva@usp.br

Maria Amélia esteve presente em todas as atividades que caracterizaram o início da institucionalização da disciplina história das ciências no Brasil: a consolidação da pesquisa, o ensino de graduação, a orientação na pós-graduação, a criação de sociedade e de revista científicas nacionais e a disseminação dos resultados de pesquisa na forma de publicações. Ao pormenorizar cada uma dessas esferas vemos a expressão de um conjunto de pensadores animados pelas possibilidades do presente e de outros futuros que a universidade poderia proporcionar e o engajamento de uma jovem pesquisadora em um novo campo de atuação.

Especificamente, tivemos naquele momento a criação da primeira linha de pesquisa de pós-graduação, que ocorreria nos anos 1970, e os inícios do ensino da história das ciências na graduação de história, nos anos 1980, ambas na Universidade de São Paulo. Como apontou Simão Mathias, nos anos 1970 iniciaram-se discussões sobre a criação de uma sociedade: “O primeiro ato concreto para a formação da nova entidade foi a promoção, pelo Núcleo [de História da Ciência e da Tecnologia], de um Encontro dos Historiadores da Ciência, que se realizou na 33^a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a SBPC, em 10 de julho de 1981, em Salvador, Bahia” (Mathias, 1984, p. 2).

A assembleia de fundação da Sociedade Brasileira de História da Ciência, a SBHC, aconteceria enfim em 16 de dezembro de 1983, no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Maria Amélia foi, entre outros, sócia fundadora e eleita integrante do primei-

ro Conselho Deliberativo. Além disso, a criação do Boletim bimensal, em 1984, que daria origem à revista semestral da SBHC, em 1985.

A ocasião da homenagem a Maria Amélia Mascarenhas Dantes é, portanto, uma oportunidade de indicar o lugar da sua participação na história e na historiografia da disciplina história das ciências e das tecnologias no Brasil e também a sua permanência no Departamento de História da FFLCH.

Nos anos 1970, com a reforma universitária de 1968, o Departamento de História passou a contar com a colaboração de dois docentes, orientados pelo professor e historiador Eurípedes Simões de Paula, na ocasião chefe do departamento e depois também diretor da FFLCH. Maria Amélia Dantes formada em física e pós-graduada em História passou a fazer parte dos quadros docentes da universidade, primeiro na graduação e logo no Programa de Pós-Graduação em História Social, criando a linha de pesquisa sobre História das Ciências.

A longa lista de mestrados e doutorados defendidos sob orientação de Maria Amélia é longa e impressiona, pois suas orientandas e orientandos estão hoje espalhados por instituições científicas pelo país e são responsáveis pela ampliação das pesquisas brasileiras. Eu mesma defendi o mestrado em 1998 e o doutorado em 2004, e lembro bem da profusão de textos e discussões em aula com artigos originados já da produção de ex-alunas e alunos formados em uma primeira geração de pós-graduandos. Além destes, muitos textos vinham da Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología, mais conhecida como *Quipu*. A revista que havia sido lançada durante conferência realizada pela SBHC em junho de 1984, em São Paulo, e que era mais uma manifestação daquela institucionalização citada acima, ampliava para coletivos latinoamericanos discussões realizadas a partir da *Sociedad Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología*, fundada em 1982.

Como uma pesquisadora essencial para a história das ciências no Brasil, Maria Amélia fez de seus estudos de caso espaço de destaque de uma perspectiva própria, ao produzir novas lei-

turas para compreender o passado científico dos países latino-americanos, não centrais na economia mundial. É perceptível que as pesquisas produzidas a partir dos anos 1980 passaram a recontextualizar as histórias das ciências no Brasil, possibilitando o surgimento da história ‘social’ das ciências no país.

A própria ideia de que as ciências se tornavam também ‘sociais’ se expandia por meio das análises inauguradas no mesmo momento em outros países, como fica patente nos livros de Bruno Latour e Steve Woolgar, *Laboratory life: the social construction of scientific facts*, de 1979; Bruno Latour, *Science in Action, How to Follow Scientists and Engineers through Society*, de 1987, ou do livro de Steven Shapin e Simon Shaffer, *Leviathan and the Air-Pump: Hobbes, Boyle, and the Experimental Life*, de 1985.

Toda esta nova análise, reunida em diversos textos, se incorporava em aulas e pesquisas que Maria Amélia, generosamente, com paciência e receptividade, apoiava que incorporássemos em nossas próprias pesquisas de pós-graduação. As publicações acima indicadas permitem perceber dois aspectos que me parecem centrais naquele momento: o ensino de história das ciências para historiadores de modo geral e a leitura ampla das transformações na história das ciências brasileiras, produzindo na historiografia extensas alterações em nosso modo de escrever e fazer a história das ciências no Brasil.

Os termos mais frequentes da produção de Maria Amélia foram certamente a preocupação com a contextualização da produção científica brasileira, as relações entre história e ciências, os modelos institucionais e a história da institucionalização das ciências no Brasil, além da história das ciências em São Paulo.

Gostaria de destacar quatro textos cujos títulos dão um exemplo dos interesses de Maria Amélia em discutir processos de institucionalização na história e na própria disciplina. Os artigos: *O objeto da história da ciência* (1986), *Fases de implantação da ciência no Brasil* (1988), *O ensino de história da ciência no curso de graduação em História da USP* (1989) e *Universalismo e ciência no Brasil do final do século XIX* (1993) apresentam as mudanças em curso, como ela mesma indica:

“Nestes anos em que temos ministrado [esta] disciplina no curso de Graduação em História, temos visto que as funções informativa e metodológica não esgotam as possibilidades oferecidas pelo curso, que se apresenta como um espaço para a reflexão de questões atuais. Inicialmente, procurando entender os limites ao desenvolvimento da atividade científica no Brasil, acabamos tocando na questão da dependência, não apenas política e econômica, como também cultural. Em segundo lugar, resgatando as raízes da produção científica brasileira, esta disciplina constitui-se, também, em um espaço de reflexão sobre a atuação do intelectual na sociedade brasileira. Tocando assim, diretamente, na atuação futura dos alunos, enquanto, pesquisadores e professores.” (Dantes, 1989, p. 77).

Vê-se, portanto, que Maria Amélia compartilhou daquelas mudanças que aconteciam sincronicamente nos estudos estrangeiros e brasileiros, mesmo que cada uma tivesse objetivos específicos: “Como vemos, a presença de instituições científicas no Brasil já estava registrada na historiografia dos anos 70. No entanto, o reconhecimento do papel desempenhado por estes espaços na implantação das ciências só se deu a partir de uma mudança de perspectiva metodológica” (Dantes, 2001, p. 18).

Percebemos, por tudo isso, a plena consciência do papel que o ensino e a pesquisa deveriam desempenhar nas produções contemporâneas e, ainda hoje, esta preocupação está presente em seus diferentes trabalhos.

Referências Bibliográficas

DANTES, M. A. M. Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil. In: DANTES, M. A. M., ed. *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001, pp. 13-22.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. Universalismo e ciência no Brasil do final do século XIX. In: A. Lafuente, A. Elena & M. Ortega. (org.). *Mundialización de la ciencia y cultura nacional*. 1ªed. Madri, Espanha: Doce Calles, p. 377-389, 1993.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. O ensino de história da ciência no curso de graduação em história da USP. *Revista da Sociedade Brasileira de história da ciência*, São Paulo, v. 3/4, p. 76-78, 1989.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. Fases de implantação da ciência no Brasil. *Quipu. Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología*, México, v. 5, n.5, p. 265-275, 1988.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. O objeto da história da ciência. In: I Seminário Nacional sobre História da Ciência e da Tecnologia, 1986, Rio de Janeiro. *Anais do I SNHCT*, p. 185-189, 1986.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas; MOTOYAMA, Shozo; FLORSHEIM, G. História da ciência e o seu ensino na Universidade de São Paulo. *Quipu. Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología* México, v. 1, n.2, p. 245-251, 1984.

MATHIAS, Simão. A fundação da Sociedade Brasileira de História da Ciência. In: *Boletim da SBHC*. Vol. 1, no. 1, outubro de 1984, p. 2.

LATOUR, Bruno e WOOLGAR, Steve. *Laboratory life: the social construction of scientific facts*. Beverly Hills: Sage Publications, 1979.

LATOUR, Bruno. *Laboratory life: the construction of scientific facts*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1986.

SHAPIN, Steven e SHAFFER, Simon. *Leviathan and the Air-Pump: Hobbes, Boyle, and the Experimental Life*, Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1985.

São Paulo, FFLCH, setembro de 2023.

PIONEIRISMO, OS MUSEUS E A GENEROSIDADE DE MARIA AMÉLIA

Maria Margaret Lopes

PPGMUS/MAE

mmlopes@unicamp.br

Maria Amélia inaugurou um campo de pesquisas sobre as instituições científicas brasileiras do século XIX, quando uma literatura tradicional ainda negava qualquer possibilidade de práticas científicas no país imperial, escravocrata. Suas orientandas – entre as quais me incluo – e seus orientandos pudemos consolidar, sob sua sempre delicada supervisão, a História Institucional das Ciências no Brasil. Silvia Figueirôa – que já era sua orientanda – me apresentou Maria Amélia, que me acolheu carinhosamente desde o primeiro momento em que a conheci, pelo final dos anos de 1980.

Seu texto fundacional sobre os Institutos de Pesquisa Científica no país, publicado no livro do Ferri e do Shozo, HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS NO BRASIL, publicado pela EDUSP, em 1980, no 2º volume, nas páginas 341-380, me fez redescobrir os temas que me perseguiriam até hoje e que me abriram inúmeras oportunidades de pesquisa: o Museu Real, depois, Museu Nacional “a primeira instituição brasileira dedicada exclusivamente ao estudo das ciências naturais” (Dantes, 1980, p.344), em um período que ainda não existiam universidades no país. “O Museu Nacional era, então, um dos mais importantes centros de atividade científica no Brasil” (Dantes, 1980, p. 346).

Nesse capítulo de livro – no meu exemplar envelhecido e todo riscado – estão mencionadas em uma síntese de cinco páginas, todas as principais questões que marcaram a trajetória do Museu: áreas de atuação, comissões científicas, publicações, laboratórios, integração à Universidade do Brasil, seus

diretores e sua única mulher diretora até meados do século XX, Heloisa Alberto Torres. Também está mencionada a constituição do que Maria Amélia adotou como do início “de uma tradição naturalista” (p.348) que foi continuada pelos museus Paulista e Goeldi, entre outros.

Em uma perspectiva inovadora Maria Amélia incluiu o Museu Nacional na valorização dos institutos de pesquisa. Intencionalmente ou não, mas com clareza histórica – e hoje, em uma perspectiva claramente anacrônica – vemos aí, um plano de trabalho esboçado nas quase quarenta páginas do texto. Estão tratadas cada uma das demais instituições de pesquisa de São Paulo e do Rio de Janeiro, que viriam a ser temas dos trabalhos que Maria Amélia continuaria a pesquisar e das teses e dissertações de seus alunos e suas alunas.

Esse artigo ainda termina, com uma avaliação sobre a situação dos institutos de pesquisa nos anos de 1980, cuja atualidade hoje não poderia ser maior. Enfrentando “períodos caracterizados por maior ou menor destruição de suas atividades” os institutos e universidades brasileiras resistiram e resistem, mas não bastam o idealismo e o talento dos pesquisadores, é preciso ter claro qual foi e qual é “o papel atribuído à Ciência e Tecnologia em nosso país” em cada momento histórico (p.375).

Uma das minhas maiores gratidões à Maria Amélia, além de sua orientação, foi sua generosidade de incluir suas e seus orientandos de São Paulo e Rio de Janeiro em seus projetos de pesquisa, criando laços duradouros de pesquisa e amizade entre pessoas e instituições forjados em nossas prazerosas reuniões na USP ou no Rio de Janeiro.

Maria Amélia, à época, atuante também na História das ciências latino-americanas, generosamente abriu portas, apresentou outros pesquisadores para muito de nós suas alunas e alunos, nos encaminhou para pesquisas e estágios no exterior e nos acompanhou em inúmeros eventos nacionais e internacionais, criando oportunidades para apresentarmos nossos trabalhos.

Maria Amélia também não só me apresentou outros pesquisadores internacionais, como me apresentou Paris e seus mu-

seus. Maria Amélia me possibilitou realizar uma das minhas vontades de conhecer e ‘morar’ por alguns dias na Casa do Brasil, em Paris, de que conhecia muitas histórias de amigos e amigas exilados. Estivemos juntas em viagem para um congresso na França. Foi com Maria Amélia também que conheci o Mont Saint-Michel, com suas construções seculares e com sua maré espetacular, pela qual tinha verdadeiro fascínio, só conhecia pelas fotos dos livros de Geologia, e nunca havia pensado que poderia chegar a conhecer.

A vida nos aproximou e distanciou em diversas ocasiões ao longo de todos esses anos. Em 2022, tive a felicidade de rever Maria Amélia, na SBHC da USP, onde com seu carinho e delicadeza de sempre, fez absoluta questão de esperar comigo na frente da História, meu filho que ia me encontrar, e que ela viu nascer.

São Paulo, junho de 2023.

SOCIABILIDADES CIENTÍFICAS, AFINIDADES E APRENDIZAGENS PARA A VIDA

Marta de Almeida

Museu de Astronomia e Ciências Afins MAST/MCTI

marta@mast.br

Era o início da década de 1990 e estava passando por um momento bastante delicado na vida: falecimento de minha mãe, graduação no curso de História no período noturno dando aulas em colégio particular e vontade de morar sozinha. Entre estudos, filas para cópias xerox e almoços no restaurante universitário, sempre lia os avisos que saíam nos murais do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP). Certo dia, me deparei com a oportunidade de uma bolsa de iniciação científica do CNPq para um projeto de história da ciência, voltado para o processo de institucionalização das ciências no Brasil. Conheci Maria Amélia Mascarenhas Dantes naquela entrevista, embora já tivesse realizado uma disciplina optativa na graduação, ministrada por ela e pelo professor Shozo Motoyama. Desde aquele ano, nunca mais nos desconectamos! Ainda que os movimentos da vida nos levem para outros ares, percursos e instituições, mantivemos algum tipo de contato e, na medida do possível, encontros presenciais... até hoje! E sempre são ocasiões especiais e verdadeiras. Com a mesma tranquilidade e sabedoria que sempre permearam nossa relação de trabalho e pesquisa.

Ter uma bolsa de iniciação científica naquele momento era uma condição bastante privilegiada, sobretudo por se tratar de uma graduação na área de humanidades, situação que se alterou muito com o passar dos anos, houve um crescimento significativo do Programa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, inclusive para o campo da História. Naqueles anos era muito

raro e fiquei extremamente feliz ao ser selecionada, animada com as possibilidades que o projeto abria, tudo muito novo e não referenciado nas demais disciplinas que cursei, minha angústia naquele momento estava mais em definir se me dedicaria aos estudos do que se convencionou chamar História Econômica ou História Social. A dimensão histórica das ciências não se apresentava como questão para mim, embora me chamasse a atenção a graduação que uma das minhas irmãs (também chamada Maria Amélia, vejam só!) tivera cursado: graduação e pós-graduação em Química, por coincidência, um departamento vizinho ao de História.

O trauma experienciado com o diagnóstico de minha mãe, um câncer nefasto no cérebro, a impotência diante da morte e a “imposição” do saber médico em contraposição aos cuidados dos demais profissionais que para mim foram dez mil vezes mais importantes naquela travessia - enfermeiras, fisioterapeutas e nutricionistas, em geral, mulheres - também tiveram, de algum modo, influencia para seguir pela história da ciência, com ênfase na história da medicina e da saúde pública.

Era uma nova fase que se iniciava para mim, inclusive na ideia de pertencimento a um grupo, muito atuante e animado com as discussões. Eram, em sua maioria, pesquisadores que faziam parte do projeto integrado “*Modelos institucionais e a implantação de práticas científicas no Brasil (1800-1930)*”. Essa convivência possibilitou também formar amizades lindas. A generosidade de Maria Amélia ao criar condições para os seminários de pesquisa e me chamar a participar das leituras e discussões, colocava na prática docente um atributo fundamental que é a atenção aos alunos desde a sua graduação. A convivência e troca com alunos mais experientes – hoje atuando como formadores na área de história da ciência, mas naquele período, eram mestrandos ou doutorandos – e com professores de outras instituições, marcaram profundamente minha formação. Sua interlocução com pesquisadores latino-americanos e com as associações científicas do campo também foram socializadas, Maria Amélia introduzia não só novas leituras e autores, mas compartilhava com todos os interessados,

as oportunidades que as redes científicas possibilitavam, como os congressos internacionais de história da ciência e, particularmente, a conexão latino-americana, a partir da fundação da *Sociedade Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología* (SLHCT), com sede no México, em 1982. Maria Amélia trazia muitas novidades advindas desse convívio, juntamente às novas publicações, uma delas era justamente a revista *Quipu*, periódico de grande relevância para a organização e difusão de trabalhos em história da ciência no continente latino-americano. Também havia motivação do grupo de pesquisa para propor a apresentação de trabalhos desenvolvidos como uma forma efetiva de intercâmbio, junto aos eventos internacionais e nacionais, principalmente os seminários da *Sociedade Brasileira de História da Ciência e da Tecnologia* (SBHC), vigentes até os dias atuais, indo já para a sua 19ª edição, em 2024. Tal entusiasmo daqueles anos 1990 e a perspectiva de um campo realmente inovador, possibilitou a mim exercer autonomia no percurso de investigação. Mesmo na fase da iniciação científica, o levantamento de matérias sobre a microbiologia, saúde e o Instituto Bacteriológico (atual Instituto Adolfo Lutz) no jornal *O Estado de São Paulo* no início da República, fez parte de um plano de trabalho construído com ela, não estava definido *a priori*. Foi a partir deste levantamento e discussões que pude elaborar meu projeto de mestrado sobre a atuação do médico sanitarista Emílio Ribas, diretor do Serviço Sanitário de São Paulo por vários anos. Lembro de passar muitas tardes na antiga sede do Arquivo Público do Estado, lendo os microfilmes das edições e fazendo anotações em fichas para serem posteriormente levadas e discutidas em sua agradável sala de trabalho no departamento de História. Sua generosidade se estendia também no uso daquele espaço em algumas ocasiões, pois demorei a ter um computador próprio e dependia muito da sala de informática para alunos, concedida pela USP. No segundo ano do Mestrado, alguma falha no processo de envio de minha documentação pela Coordenação da Pós-Graduação em História Social ao CNPq fez com que a minha bolsa atrasasse por uns 3 meses. Não havia muitas facilidades de comunicação, a Coordenação fazia ligações telefônicas ou enviava um

fax para Brasília, me lembro de passar com frequência no setor para saber do andamento. Terminadas as minhas poucas economias, Maria Amélia simplesmente “me salvou” ao emprestar uma quantia para que eu pudesse pagar algumas contas já em atraso. Felizmente a situação foi resolvida, as bolsas foram depositadas e prontamente devolvido o valor emprestado. Nunca me esquecerei desse seu gesto, aliás me vi em situação similar há poucos anos atrás, quando, já na condição de orientadora, precisei ajudar financeiramente um estudante, devido aos últimos atrasos e inconstâncias nos pagamentos de bolsas que ocorreram no CNPq. Tais dificuldades materiais não me afastaram da vivência acadêmica com o grupo e com os seminários de discussão que seguiam ocorrendo, nas idas sistemáticas aos arquivos e bibliotecas das instituições científicas como Instituto Bacteriológico, Instituto Butantan, Faculdades de Medicina e de Saúde Pública da USP, nas disciplinas ofertadas para a pós-graduação, sem falar nos eventos que ela participava em outros departamentos da universidade e que mantinham afinidades com a história da ciência, como os departamentos de Filosofia, de Geografia, de Arquitetura e do Núcleo José Reis de Divulgação Científica que ficava na Escola de Comunicação e Artes, naquele período. Havia uma dinâmica bastante produtiva com os novos orientandos que chegavam a cada ano e buscavam desenvolver seus trabalhos sob a orientação de Maria Amélia, trazendo diversidade temática e metodológica. A área se construiu e cresceu muito a partir dessas atividades de pós-graduação. A preocupação em se compreender melhor o papel das ciências em países do chamado Sul Global – à época mais conceituados como periféricos, particularmente, a América Latina – foi um dos pilares da área e, posteriormente, originou meu tema de doutorado, ao descortinar uma dimensão do fazer científico pouco analisada pela historiografia da área: a realização dos congressos científicos em nosso meio. E a centralidade da análise a respeito dos congressos médicos brasileiros e latino-americanos ocorridos no final do século XIX e início do século XX dialogava com a pesquisa realizada no mestrado, uma vez identificar a relevância dos materiais advindos dessas reuniões científicas – os anais com as publi-

cações dos trabalhos – nas citações sobre pesquisas em outras partes do mundo, particularmente Estados Unidos e Europa, que Emílio Ribas fazia em seus escritos, muito antes de suas viagens internacionais, nas argumentações que o mesmo usava para defender tomadas de decisão como diretor do Serviço Sanitário de São Paulo ou posicionamentos em debates ocorridos nas associações médicas que frequentava. Foi a partir do estudo de mestrado que me deparei com uma dinâmica quase nunca referenciada nos trabalhos da área: redes complexas e interligadas para organização e sustentação de eventos científicos locais. Esse borbulhar de ideias coincidiu ainda com a realização do V Congresso Latino-Americano de História da Ciência e da Tecnologia, em 1998, em solo brasileiro, mais especificamente na *cidade maravilhosa* que é o Rio de Janeiro, sendo Silvia Figueirôa, presidente da SLHCT. Enquanto eu ali apresentava os resultados ainda frescos da dissertação sobre as discussões sanitárias em torno da febre amarela e o papel central das ações e pesquisas ocorridas em São Paulo, Maria Amélia nos brindava, com sua fala calma, uma comunicação que abordava novas perspectivas metodológicas a partir dos levantamentos realizados sobre ciências nos jornais, fontes até então pouco exploradas pelos historiadores da ciência, percurso que se manteve em suas pesquisas com os alunos de iniciação científica e do qual também havia participado.

Entre os anos de 1997 a 2000, mesmo com a distância de mais 14 horas de São Paulo, pois havia sido aprovada em concurso público na Universidade Federal do Oeste do Paraná, mantive o contato com Maria Amélia e equilibrava a adaptação de vida a uma cidade muito pequena e conservadora com a perspectiva de iniciar o doutoramento na área, percebendo com mais nitidez que o desconhecimento sobre o processo social de construção das ciências era enorme em regiões mais distantes dos centros de pesquisa como São Paulo e Rio e que era necessário seguir numa espécie de *missão* os bons trilhos de um campo de pesquisa tão promissor, com fontes inéditas e arquivos inexplorados. Novamente tive o apoio e a interlocução com ela para ganhar novos horizontes de pesquisa,

desta vez, enveredando também pelos arquivos e bibliotecas latino-americanas, particularmente da Argentina e os contatos estabelecidos com outros pesquisadores do continente possibilitaram avançar e confirmar se havia ou não os preciosos exemplares dos anais e outras fontes a respeito dos congressos médicos latino-americanos, infelizmente uma ausência nos acervos públicos do Brasil. O início dos anos 2000 foram marcantes e possibilitaram novamente meu retorno a São Paulo para realização do doutorado na USP. Embora fosse um desafio encontrar as fontes necessárias e enfrentar tema tão abrangente como a série de congressos brasileiros e latino-americanos de medicina, Maria Amélia apoiou com muita dedicação o desenvolvimento dos resultados parciais de levantamento e, com a elegância de sempre, retornava os manuscritos com uma série de anotações à lápis, sugestivas para revisitar o processo da escrita e a reelaboração dos argumentos e arranjos dos capítulos, um deles, uma surpresa para nós duas: as exposições internacionais de higiene, anexas aos congressos, espalhadas pelas capitais latino-americanas e tão pouco conhecidas, tema que ainda revisito e incentivo novos projetos aos alunos de iniciação científica que venho orientando.

Olhando para esse caminhar e, atualmente fazendo parte da equipe de pesquisadores da Coordenação de História da Ciência e da Tecnologia do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) desde 2004, penso que é motivo de orgulho levar adiante o aprendizado que obtive para as novas gerações, creditando a Maria Amélia, a persistência num campo de atuação profissional que cresce, se diversifica e mantém bases sólidas, institucionais, lugares dinâmicos de produção de conhecimento, com especificidades e tramas muito importantes para a configuração de nossa realidade sul-americana. Creio que a constância de Maria Amélia na formação de tantas pessoas pelo país inteiro e seu apreço pelos espaços de sociabilidade de nosso campo profissional me impulsionam até hoje na compreensão de que é preciso criar e manter essas redes, cuidar para que os novos estudantes possam seguir adiante os trabalhos semeados nessas décadas aqui lembradas, porque de

fato, faz falta e diferença compreender historicamente o fazer científico num país como o nosso. Em meio às adversidades e ataques aos saberes e à cultura ocorridos nos últimos anos, é sempre bom retornar a São Paulo e reservar um momento para encontrá-la em algum restaurante ou café. Colocamos as novidades em dia, conversamos sobre política, filmes, livros, gatos, filhas e neta, mas sobretudo, mantemos juntas a percepção de que mulheres nas ciências, pensando e escrevendo suas histórias é muito bom, é mesmo fundamental e humanamente transformador, como tem sido a presença de Maria Amélia ao longo desses anos!

Rio de Janeiro, inverno de 2023.

MARIA AMÉLIA: UMA REFERÊNCIA EM HISTÓRIA SOCIAL DA CIÊNCIA

Olga Sofia Fabergé Alves
Centro de Memória do Instituto Butantan
olga.alves@butantan.gov.br

Tive a sorte de ser orientada pela professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes no mestrado. Quem nos apresentou foi a saudosa Maria Lúcia Mott em 2005, num seminário sobre memória e saúde no Instituto de Saúde. Maria Amélia era a pessoa mais esguia, esbelta e serena do evento, com seu olhar enigmático e marcante.

Muito já foi dito de sua importância na constituição e consolidação da pesquisa em história da ciência no Brasil. Formou muitos historiadores que levaram adiante essa prática, em diversos departamentos de universidades e institutos de pesquisa.

Oriunda da Física, migrou para a história após ser aluna de Mário Schenberg.

Nas aulas, mudou minha visão bem convencional de história da ciência. Uma visão de História sem fluxo evolutivo, genético ou finalista. Nada de grandes descobertas, de cientistas “geniais” e solitários com suas grandes ideias. O trabalho do cientista é muito diferente, no “chão do laboratório”, com muitos erros e dúvidas para poucos acertos, muitos conflitos e controvérsias, como qualquer outro ofício. Um trabalho coletivo e social, influenciado por interesses e necessidades da sociedade e legitimado (às vezes, negado) por uma elite econômica e cultural.

É precursora de uma nova história da ciência no Brasil. Sem o olhar colonizado frente à Europa e aos Estados Unidos, sem o complexo dos que chamam a América Latina de periférica.

O convívio com Maria Amélia foi pontual, em eventos científicos, orientação e aulas. Mas posso afirmar que não é uma professora e uma orientadora convencional. Estimula o diálogo, a autonomia, a liberdade de pensamento. É uma intelectual comprometida, crítica. Professora generosa, gentil, tranquila, harmoniosa e ao mesmo tempo rigorosa, enérgica e inteligente. Tem muita clareza ao transmitir conhecimentos de forma profunda e ao mesmo tempo suave e acessível. Mais do que orientar, mostrou o prazer pelo conhecimento, a curiosidade, a flexibilidade de temas e atores.

Só tenho a agradecer e desejar felicidades nos seus 80 anos!

MARIA AMÉLIA DANTES, A GRANDE DAMA DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Olivia da Rocha Robba
UFFS – Universidade Federal da Fronteira do Sul
prof.oliviarobba@gmail.com

Ainda me lembro de quando uma professora me perguntou sobre a possibilidade de fazer doutorado na USP – a Alda Heizer talvez.... – e quando eu disse que seria orientada pela Maria Amélia, ela me respondeu “Ela é a grande dama da História da Ciência!” e isso ficou gravado em minha memória, pois até então, a conhecia apenas através dos livros e citações.

E ser a Maria Amélia, e não outro professor ou professora quem me conduziria ao longo do doutorado, foi uma experiência enriquecedora, não apenas em termos acadêmicos, pois através do convívio ela nos ensina a todo momento como deve ser a relação entre professor e aluno, nos guiando com dedicação, gentileza e respeito. Além disso, é uma pessoa amiga cujo apoio está sempre presente nos momentos mais difíceis ao longo da pós-graduação.

Ser uma de suas últimas orientandas e, talvez, a última, me deu a oportunidade de conhecê-la como uma profissional bem estabelecida na área em que atua, imensamente respeitada por seus pares devido ao tempo de dedicação proativa na FFLCH/USP e em uma fase que sua relação com a docência era muito mais tranquila.

Todos que se dedicam à História da Ciência no Brasil, sobretudo à história das instituições científicas, têm em Maria Amélia uma referência importante e devem conhecer seu trabalho, concordando ou não com ele, por uma questão de ofício e, vale dizer sim, que sem ela, não seria possível realizar es-

tudos nesta área. Não como nós conhecemos! Pois ela formou as primeiras gerações de intelectuais e historiadores da ciência que atualmente fortalecem os estudos nesta área nas principais universidades do país.

Maria Amélia deixou uma marca indelével em minha vida acadêmica e profissional, pois não me vejo mais escrevendo meus textos sem me recordar de seu estilo e sua orientação. Como aluna, lembro-me que no primeiro ano do doutorado passamos por uma longa greve na USP e ela sempre demonstrou grande preocupação e solidariedade com a minha condição de moradora do CRUSP – Conjunto Residencial da USP, em um momento que a instituição não estava em seu pleno funcionamento e que o suporte normalmente oferecido aos alunos estava suspenso. Inclusive, doou um cobertor para os alunos estrangeiros que não tiveram como retornar para suas famílias naquele momento.

Sempre vou me recordar com muito carinho e saudade de nossos cafés após as aulas, dela se divertindo com as minhas histórias e da gente rindo... dela sempre cuidadosa querendo saber se eu estava bem, se precisava de algo, dando aquelas puxadinhas de orelha com muita elegância...

Outro episódio que guardo em minha memória foi de quando engravidei em meio ao doutorado. Seu apoio constante, toda empatia e tranquilidade que me transmitiu ao longo da gestação e nos primeiros anos do meu filho me ajudaram a superar as angústias acadêmicas que abalaram minha autoestima. Inclusive, como ela se tornou avó no mesmo momento em que fui mãe, até hoje falamos sobre nossas crianças, como meu filho e sua netinha estão crescendo e são crianças felizes, saudáveis e conectadas com o mundo. Os livros preferidos do Pedrinho foram presenteados pela “tia” Maria Amélia quando ele ainda era um bebezinho!

O isolamento imposto pela pandemia de COVID-19 nos impediu de ter maior contato nos últimos anos, o que lamento bastante, pois Maria Amélia é uma companhia que gostaria de ter em todas as minhas passagens por São Paulo, para poder

repetir nossos cafés com muitas histórias, compartilhando com ela meus altos e baixos, as notícias sobre o que se passa e tudo que pretendo fazer.

E sim, sua postura sempre elegante, a eloquência de sua fala e presença marcante são sim próprios de uma grande dama, de uma grande profissional! E me orgulho muito de poder dizer que, mais que minha orientadora, Maria Amélia é hoje uma grande amiga e incentivadora!

Maria Amélia, eu te amo!

UMA HISTORIADORA DAS CIÊNCIAS NO E DO BRASIL

Regina Cândida Ellero Gualtieri
Universidade Federal de São Paulo
regina.gualtieri@unifesp.br

Por várias décadas, Maria Amélia formou intelectuais, pesquisadores e professores que se espalharam por várias instituições no país, recriando seus ensinamentos. Ao lado de vários outros, esse é um dos seus grandes legados sobre o qual quero aqui dar destaque.

Intelectualmente sempre generosa, colocava à disposição dos alunos e das alunas seu imenso conhecimento e os referenciais teóricos com os quais operava, ainda raros por aqui nos anos 1980 e 1990. Foi uma das pioneiras em se apropriar de uma então nova e crescente historiografia que reconhecia a dimensão social das práticas científicas, um pioneirismo já reconhecido entre historiadores das ciências.

Valorizando os estudos em contexto nacional, mantinha-se em permanente intercâmbio com historiadores latinoamericanos cuja produção acadêmica convergia para problematizar a visão difusionista das ciências e enfatizar as especificidades locais das práticas científicas. Nesse ambiente de inovação, teve papel catalisador para atrair e formar diversas gerações de historiadores das ciências no Brasil.

Notável era sua capacidade de mobilizar o interesse de ouvintes e leitores para compreender, por meio da história, como e por que as ciências se tornaram dominantes em nossa cultura. Suave no tom, mas nunca na ênfase com as palavras, seguia, abalando convicções, ao apontar que as construções conceituais das ciências eram uma produção humana, feitas por e para humanos e, portanto, submetidas a constrangimentos e

a contingências de várias ordens, como ocorre com qualquer empreendimento humano.

Sem impor seu modo de pensar, empenhava-se por deixar evidente que a ciência moderna era um fenômeno histórico e particular do mundo ocidental moderno e, principalmente, que tais perspectivas não eram de compreensão pacífica, mas motivo de debates e combates que estimulava. Sua vocação para o diálogo, de fato, expressava uma convicção de que o conhecimento se alimenta de dúvidas e não de certezas. Com isso, espontaneamente, atraía gente inquieta, seus futuros discípulos e discípulas.

Fui uma das beneficiárias dessas qualidades da Maria Amélia professora e pesquisadora. Encantei-me com a história das ciências, quando fui sua aluna na graduação no Curso de Ciências Biológicas na USP. O encantamento ficou, de algum modo, suspenso por alguns anos, quando me desloquei para outro curso, o de Ciências Sociais. Entretanto, durante essa nova graduação, fui mordida pelas discussões em torno da (im)permeabilidade da produção científica ao contexto histórico e aos elementos biográficos dos próprios cientistas. Levou ainda um tempo para enfrentar tais discussões, mas a vontade cresceu, concomitantemente à valorização que a história das ciências experimentava no Brasil nos anos 1990, no âmbito da pesquisa e do ensino até mesmo na escola básica. Nesse processo, aquele encantamento foi, aos poucos, sendo de novo despertado e acabou por me reconduzir à Maria Amélia, agora na pós-graduação.

Como sua orientanda, passei a integrar o grupo de pesquisas em história das ciências e, participando das reuniões, pude conhecer outras características da professora e da pesquisadora, em um relacionamento fundado na confiança recíproca que incentivava a participação propositiva, não a mera adesão a propósitos por ela determinados.

Maria Amélia juntava pessoas não apenas por meio de elos intelectuais, mas também estabelecendo nexos afetivos. Os encontros do grupo de estudos eram contínuas oportunidades

para ampliar os aprendizados e intensificar as amizades; uma coisa e outra facilitadas por sua característica agregadora. E, não menos importante, as reuniões, sempre transcorrendo em clima amistoso, eram regadas a café fresco e bons e saborosos petiscos, geralmente, providenciados por ela. Práticas, aliás, que são ainda mais essenciais e precisam ser revalorizadas, quando se tornam raras em tempos de interações remotas.

Essa dinâmica não foi de pouca relevância para a formação dos vários grupos de pesquisadores orientados por ela, pois permitia aprendizagem compartilhada, identificações temáticas e conceituais, fortalecimento teórico, confronto de ideias, revisão e correção de rumos, encontro de interesses comuns, socialização e acúmulo de evidências e de dados.

O que assinalo são lembranças de um determinado tempo. Evocações, talvez parciais e simplificadas, talvez muito gerais e modelizadas no ato de recordar, mas, como registram os estudos sobre a memória, “fica o que significa”. E o que ficou, ao mirar e reencontrar esse passado recente, foram aprendizados, situações e circunstâncias que julgo serem exemplares de feitos da Maria Amélia, do seu empenho em partilhar, de modo fundamentado e afetivo, com seus alunos e suas alunas, as potencialidades e as dimensões transformadoras da história das ciências. Feitos, em síntese, que resultaram direta e indiretamente, haja vista as descendências já constituídas, na formação de inúmeros grupos de pesquisa interessados em historiar as ciências e seus processos de produção e institucionalização, particularmente, no Brasil.

Parabéns, Maria Amélia! E receba meus agradecimentos por tudo o que significou para minha particular formação e a de tanta gente, e por tudo que construiu para o ensino e a pesquisa na área de história das ciências no Brasil.

São Paulo, 31 agosto de 2023

OBRIGADO, PROFESSORA!

Reginaldo Alberto Meloni
Universidade Federal de São Paulo - Unifesp
meloni@unifesp.br

O convite para escrever algumas palavras sobre a professora Maria Amélia me pegou de surpresa. Não é simples expressarmos a nossa admiração por uma professora tão importante em nossa formação, sem cair na repetição das inúmeras realizações de uma carreira bem sucedida ou sem nos deixar levar pela emoção ou pelo sentimentalismo. Eu aprendi desde muito cedo que um professor se faz com sólido conhecimento de sua área e com empatia pelos estudantes e é sobre esse segundo aspecto da minha formação que desenvolvi com a professora Maria Amélia, que desejo contar neste espaço.

No final do curso de graduação em Química na Universidade Estadual de Campinas nos anos de 1980, me incomodava a forma como a ciência era apresentada, sempre de forma isolada das demais dimensões do conhecimento humano, como uma construção objetiva, neutra e inquestionável. Além disso, alguns temas estudados pareciam distantes demais da realidade em que vivíamos, mas, naquele período, eu ainda atribuía essa percepção à natural falta de compreensão de um estudante que dava os primeiros passos em um campo do conhecimento.

No entanto, os conflitos que eu observava diariamente nos corredores da universidade, as disputas por espaços ou por verbas, as conspirações e os acordos por postos de comando, cujos sinais eu percebia, não se refletiam no processo de construção do conhecimento científico que nos era apresentado. Nas aulas, a ciência era sempre descrita como um saber pasteurizado e distante dessas disputas.

Fiz algumas tentativas para entender as idiossincrasias desse ambiente social, mas, claro, sem orientação, não tive sucesso. Eu percebia intuitivamente que a ciência não se reduzia aos *papers* ou às homenagens acadêmicas, mas que havia algo a mais que eu não entendia. Procurei na Unicamp algum pesquisador ou programa de pós-graduação que pudesse me ajudar a enfrentar esse problema, mas não encontrei.

Então, entrei em contato com um amigo que estava na USP cursando o mestrado em Ensino de Ciências. O seu nome é Olival Freire Junior e foi ele quem me indicou a professora Maria Amélia que atuava no Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. Como na época a comunicação à distância era somente por cartas ou por telefone, liguei para a professora e marcamos um encontro. Saí de Campinas de ônibus e 4 horas depois eu estava na porta da sua sala, tenso e preocupado com o que iria acontecer nos próximos minutos, embora eu tivesse me preparado por vários dias para expor as minhas ideias.

Após as apresentações, ela quis saber o que me motivava a entrar na pós-graduação. Expliquei que gostaria de entender os motivos pelos quais a Física era mais próxima da filosofia e a Química era mais próxima das operações técnicas. Argumentei que a Química que eu conhecia era muito árida, embora abordasse problemas belíssimos como a compreensão da estrutura da matéria. Eu não entendia os motivos pelos quais a Física tinha um Galileu, um Newton e um Einstein e a Química só tinha o experimentalista Lavoisier entre os nomes mais ilustres. Para mim era estranho que, enquanto os cursos de Física ofereciam história e filosofia da ciência ou disciplinas eletivas que possibilitavam aos estudantes investir em outras áreas do conhecimento ou nos aspectos sociais da construção do conhecimento científico, o curso de Química só oferecia disciplinas específicas dessa ciência. Esse foi o argumento preparado por dias. Devo ter falado uns 5 minutos, mas na época me pareceu uma conferência.

Eu me lembro como se fosse hoje que, após essa brevíssima exposição, ela me olhou com paciência e disse: “muito inte-

ressante a sua ideia, mas um pouco ampla demais, você não acha? Há alguma instituição de pesquisa em Campinas pela qual você poderia se interessar?” Como acontece com quase todos aspirantes ao universo da pesquisa, apresentei uma ideia inadequada para um projeto de mestrado, mas, em nenhum momento, ela desqualificou a proposta. Pelo contrário, compreendendo que o mais importante era estimular o jovem estudante, apenas orientou para um caminho viável. Saí de lá com o compromisso de fazer um levantamento sobre o Instituto Agrônomo de Campinas, instituição criada em 1887, com o objetivo de entender o processo de sua criação e os seus primeiros trabalhos e foi esse o tema da minha dissertação de mestrado.

Aquilo que poderia ser um fato isolado ou uma conversa corriqueira entre a orientadora e o aspirante a um curso de pós-graduação revela a personalidade sensível de uma professora que soube valorizar o que havia de mais importante no estudante naquele momento, ou seja, a disposição para continuar estudando e seguir a carreira acadêmica. Fui aceito no grupo de pesquisa em História Social e iniciei a investigação e todas as leituras básicas do campo da história que eu ainda não havia realizado e, em todos os obstáculos que tive pela frente, contei com o apoio da professora Maria Amélia.

A migração de um curso de graduação em Química para um curso de mestrado acadêmico em História apresenta inúmeras dificuldades. De início, não temos conhecimentos suficientes e nem segurança sobre o que sabemos da nova área, mas não se trata apenas de conhecimentos conceituais. Há todo um conjunto de saberes que muitas vezes não está sistematizado, mas que participa da formação: perspectivas diferentes em relação às ciências, problemas elaborados a partir de epistemologias distintas, textos com diferenças nos gêneros discursivos, entre outros aspectos como os que envolvem as relações humanas.

Comecei a participar do grupo de pesquisa que tinha como membros, além dos mais veteranos, as queridas colegas Márcia Regina Barros da Silva, Marta de Almeida e Ana Maria de

Alencar Alves, que desenvolveram os seus projetos de mestrado na mesma época que eu. Para mim era tudo novo. Como a minha graduação foi em Química, havia limites em conteúdos básicos de história que precisavam ser superados enquanto eu desenvolvia o projeto de pesquisa. Apesar disso, senti segurança para entrar naquele ambiente e desenvolver o projeto. Não havia nenhum procedimento diferente dos que normalmente são desenvolvidos nos grupos de pesquisa: leituras, encontros, discussões. No entanto, havia um ambiente acolhedor.

Certamente a experiência da professora Maria Amélia, adquirida em sua trajetória acadêmica de graduada em Física a doutora em História Social, contribuía para a compreensão das dificuldades desse processo, mas havia algo maior. O seu acolhimento possibilitava que as discussões se desenvolvessem sem as pressões e as vaidades que, infelizmente, são comuns no meio acadêmico. Eu me sentia à vontade naquele meio, apesar das opiniões equivocadas que eu certamente emiti, fruto da inexperiência acadêmica e da limitação teórica que eu ainda apresentava naquele período.

A dissertação foi publicada posteriormente com o título *Ciência e Produção Agrícola. A Imperial Estação Agronômica de Campinas – 1887/1897* e tratou da produção do conhecimento científico dessa instituição no seu primeiro decênio. Nessa investigação pude entender as táticas, as negociações e as pressões políticas que ocorriam no contexto da jovem república brasileira controlada pelos cafeicultores que definiram as escolhas e moldaram os trabalhos do químico austríaco Franz Dafert nesta instituição de pesquisa. Eu finalmente pude verificar que a ciência que emerge nos artigos não se reduz às experiências controladas nos laboratórios.

A pesquisa foi realizada ao mesmo tempo em que eu atuava como professor de Química na rede pública do Estado de São Paulo. Não foi um processo simples. Eu precisava desenvolver as atividades do curso de mestrado em conjunto com as de professor do ensino básico. Além disso, eu tinha que me deslocar regularmente de Campinas para São Paulo, uma vez

que naquela época a comunicação mais rápida (mas bem cara) era o telefone.

Em certo momento, fiquei cerca de 4 meses sem conseguir ir à USP participar das reuniões do grupo e conversar com a orientadora. Quando finalmente consegui, apresentei a ela, constrangido, o que tinha feito naquele período junto com as desculpas pela minha ausência e sua reação foi a de total compreensão. Ainda hoje lembro que ela me disse que eu não me preocupasse porque ela sabia que eu estava trabalhando.

Esses dois momentos que descrevi – o primeiro contato e a compreensão pela ausência – marcaram minha trajetória profissional como professor nos níveis básico e superior e como orientador na pós-graduação. Foram momentos que me mostraram que, se o processo de formação acadêmica deve ser pautado pelo rigor conceitual, não é menos importante o tratamento humano e o respeito pela condição do outro. Talvez naquele período eu não tivesse a clareza que o tempo ajuda a construir de que eu estava aprendendo não apenas conhecimentos de história, o que já seria muito, mas também que a produção científica é uma atividade essencialmente humana. Entre outros saberes, aprendi que a ciência não se reduz aos conhecimentos técnicos, aprendi que a ciência é construída com escolhas, aprendi que a importância da ciência está relacionada às suas finalidades sociais.

Para o jovem professor de Química nos anos de 1990 essa experiência foi determinante para o desenvolvimento de sua carreira, tanto na forma como passou a orientar suas aulas como na maneira como passou a se relacionar com os estudantes. Após a conclusão do mestrado em 1999, ainda atuei como professor do ensino básico na rede pública por aproximadamente 10 anos. Nesse período, fiz o doutoramento na Faculdade de Educação da Unicamp na área de História, Filosofia e Educação e ingressei na Universidade Federal de São Paulo como professor de Química e de História da Educação. Olhando à distância percebo como aqueles tempos me transformaram de um professor para um educador; de alguém que

se dedicava ao ensino de Química para outro que se dispôs a desenvolver a educação em ciências no seu sentido mais amplo; de alguém preocupado apenas com o conhecimento técnico da ciência para um educador que se preocupa com os processos de construção do conhecimento e com as finalidades sociais do conhecimento científico.

Nesses tempos em que ainda temos que militar contra o “terraplanismo” ou pela importância das vacinas, mais do que nunca percebo como as discussões naquele grupo de pesquisa foram fundamentais para a minha formação. Sendo assim, se sou grato à professora Maria Amélia pelo conhecimento compartilhado, pelas leituras finas e rigorosas dos meus textos e pela formação que me proporcionou; também lhe agradeço, profundamente, pelo ambiente respeitoso e motivador que vivemos sob sua orientação e pelos saberes que não foram publicados, mas que mudaram a minha vida acadêmica e profissional.

Relendo o agradecimento que lhe fiz em minha dissertação reconheço como naquela época eu já percebia esses traços de sua personalidade em minha formação. Naquele momento eu salientei a forma como ela me acompanhou, me entendeu, me ajudou e me ensinou. Hoje, eu acrescento a essas palavras o agradecimento por ter influenciado muitas das escolhas que fiz em minha trajetória como educador e repito a frase que escrevi há mais de 25 anos: Obrigado, professora Maria Amélia.

Morungaba, SP, 27 de julho de 2023.

PELAS VEREDAS DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Roger D. Colacios
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
rdcolacios@uem.br

Neste texto não irei me referir a Maria Amélia enquanto pesquisadora, mas pretendo dar ênfase ao trabalho dela enquanto orientadora, no caso, como minha orientadora. Quero deixar aqui um depoimento, das orientações e das conversas. Oficialmente pode-se considerar que nossa relação de orientação durou aproximadamente oito anos, do início de 2007 a meados de 2014. Ao longo do mestrado e doutorado em História Social pela USP. Extraoficialmente essa relação é mais longa, tanto para trás quanto para frente.

Para trás. Em 2006, quando entrei em contato com Maria Amélia pela primeira vez. Ainda guardo o email enviado e a resposta. Nesta época terminava a graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), mas já com planos de pós-graduação na USP, na História das Ciências e suas intersecções com a questão ambiental. O contato foi feito via prof. Jozimar Paes de Almeida, orientado por Maria Amélia no doutorado, por volta de 1992 e que na época era meu orientador de iniciação científica. A resposta foi positiva, ela abriu a possibilidade de conversarmos e fui para São Paulo. A forma gentil e educada que ela me recebeu marca minha memória até hoje. Definimos ali um caminho para a pesquisa de mestrado, cabia posteriormente lapidar melhor a proposta, mas já tinha um norte a ser seguido. Iríamos pesquisar os grupos científicos do estado de São Paulo que produziram estudos ou mesmo tecnologias sobre energias alternativas, ao longo dos anos 1990. Nos meses seguintes houve trocas de e-mail com a professora. O projeto de mestrado avançava e ela dava bastante apoio para

a realização das provas de admissão na pós.

Aprovado no mestrado as atividades iriam começar oficialmente em 2007, mas Maria Amélia já me guiava na adequação do projeto, tanto em termos de encontrar um foco maior, devido ao tempo para a conclusão da pós-graduação, quanto na escolha certa das fontes históricas. A pesquisa inicialmente lidaria com aproximadamente 42 grupos de pesquisa de universidades paulistas que trabalhavam com a questão energética, e iríamos trabalhar com a produção científica destes grupos, ou seja, artigos, livros, relatórios de pesquisa e demais materiais impressos ou audiovisuais, ao longo de 1992 a 2002. Isso gerava um volume significativo de fontes, pois embora nem todos os grupos pesquisassem energias alternativas, a maioria tinha alguma intersecção com o tema. Preciso lembrar que o período recortado para estudo era um dos ápices da discussão sobre a mudança da matriz energética, colocando as fontes alternativas de energia em evidência, proporcionando também a alocação de recursos financeiros e interesse midiático no tema. Dada a impossibilidade de trabalhar com toda esse volume Maria Amélia sugeriu um corte profundo, passamos a seguir apenas um único grupo de pesquisa, o Programa Interunidades de Pós-Graduação em Energia da USP (PIPGE/USP), o qual apresentava uma linha de pesquisa sobre energias alternativas. O corte cirúrgico proposto pela professora, permitiu o aprofundamento da compreensão da concepção que fundamentava a existência de pesquisas na temática e como estava inserido dentro do programa em questão. Auxiliou também o fato que o PIPGE vinculado ao Instituto de Estudos Energéticos (IEE) da USP, contava com um biblioteca que mantinha em seu acervo livros e revistas sobre energia, além de arquivar a produção científica do corpo docente e as teses e dissertações defendidas no programa. A pesquisa de mestrado então foi organizada em torno desta configuração.

As disciplinas de pós foram um interessante exercício também. Maria Amélia ministrou a disciplina “Historiografia das ciências no Brasil – debates atuais, novos enfoques e novos temas”, na qual abordou de forma ampla os/as principais au-

tores/as da História das Ciências nacionais e nos deu a oportunidade de conhecer a pesquisa de outros estudantes. Houve também um episódio que marcou minha memória e que uso até os dias de hoje. Ao me inscrever na disciplina “História e historiografia da América” com a profa. Janice Theodoro, que não trataria de temas relacionados à pesquisa de mestrado, tive a seguinte opinião de Maria Amélia, quando exposta à dúvida se deveria manter a matrícula “Você é historiador, se interessa por tudo”. Essa resposta me levou a perceber a amplitude das possibilidades de pesquisa e do campo de interesse, das interconexões possíveis dos estudos, temas e mesmo das disciplinas cursadas. Tento repassar essa ideia até hoje, com os/as alunos/as e nas orientações.

O decorrer da pesquisa de mestrado foi voltado para lidar com as fontes históricas e as indicações de textos que Maria Amélia ia passando. Tive contato com a historiografia latino-americana de História das Ciências e a oportunidade de estudar também os trabalhos sobre História das saúde e das doenças. Nas reuniões de orientação sempre havia a discussão dos trabalhos de Bruno Latour, e Maria Amélia compartilhava olhar crítico que tem em relação às proposições latourianas, costumava dizer que “A forma como ele, Latour, escreve torna seus trabalhos difíceis de serem citados, é uma questão de estilo da redação, mais do que de ideias”. Essa discussão sobre o filósofo mantemos até hoje via e-mail.

O mestrado seguiu sem problemas e a dissertação intitulada “A produção científica sobre energias alternativas no estado de São Paulo – o caso PIPGE/USP (1992-2002)” foi defendida em 2009 e ainda recebeu uma menção honrosa no prêmio da SBHC de teses e dissertações.

Não havia dúvidas para mim quanto à sequência dos estudos de pós-graduação serem com Maria Amélia e assim, em 2010, fui aceito para o doutorado. Esta pesquisa ainda muito me traz muitas questões mal resolvidas, particularmente relacionadas ao montante de fontes de pesquisa que nos levaram a muitos caminhos e também à forma do estilo de escrita adotado para a

tese. A pesquisa desta vez teve como temática as mudanças climáticas. Esta mudança de foco foi bem aceita por Maria Amélia, que ressaltou o protagonismo desta discussão na época e uma interessante investigação nas margens da historiografia, pois não havia muitos estudos históricos sobre o assunto.

Esta pesquisa surgiu ainda durante o mestrado, durante as consultas na biblioteca do IEE/USP. O acervo de revistas científicas mostrou um acúmulo significativo de grupos e pesquisas científicas sobre a questão climática ao longo de um período considerável. Apresentei aquilo que encontrei nas revistas para Maria Amélia e ela viu uma oportunidade boa de pesquisa nesta documentação. Identificamos que a pesquisa poderia recortar os artigos, editoriais, correspondências, matérias que foram publicadas na *Science* e *Nature* entre os anos 1970 e 2000. A experiência dela foi fundamental neste processo, pois ela sempre dizia que a ênfase da pesquisa seria montar um mosaico destas publicações, e depois de termos caminhado um pouco mais no levantamento das fontes, ficou claro para ela que era um mosaico de subtemas das mudanças climáticas.

Os documentos mostravam que os estudos sobre mudanças climáticas se subdividiam em campos diferentes, tais como: o resfriamento planetário, o aquecimento global, o inverno nuclear e o buraco na camada de ozônio. Discussões que tinham um apelo político por vezes maior que o seu enviesamento sobre debates técnicos, tecnológicos, teóricos e afins. Assim, embora volumoso em fontes, selecionamos por volta de sete mil textos destas revistas (sendo menos que uma centena destes utilizados na tese), a pesquisa se enriquecia pela possibilidade de lidar com uma temática ampla e pouco visível para historiadores, ao menos no Brasil, naquele momento.

Devo destacar uma situação que me fez ver Maria Amélia com outros olhos. Se já tinha muito respeito e admiração, também coloquei grandes doses de carinho. Ao ser contemplado com uma bolsa FAPESP de doutorado necessitava da assinatura da orientadora para o recebimento, naquele momento os contratos eram assinados nos postos de apoio da fundação lo-

calizados nas universidades. O prazo para este tipo de aceite era relativamente curto, alguns dias, quando entro em contato com a professora ela vivia um momento de luto, sua mãe havia falecido e encontrava-se no velório. Diante de tal situação, ela se dispôs a me encontrar na USP e assim o fez, assinou os papéis e retornou para o funeral. Não se trata aqui meramente de uma situação de extremo profissionalismo, mas de consideração que ela teve diante do que estava colocado, os prazos e a necessidade da bolsa. Essa atenção que ela teve neste momento é mais uma das marcas que carrego comigo deixadas por Maria Amélia.

A sequência da pesquisa correu sem novidades, as investigações nos levaram a justificar a hipótese de trabalho, ou seja, o caráter político das discussões científicas sobre as mudanças climáticas. Evidentemente, conforme Maria Amélia me avisava, que este enviesamento pela política não retirava a centralidade das pesquisas científicas, das experimentações, tecnologias e teorias. Ao contrário, eram faces da mesma moeda, apenas estávamos dando ênfase a esta questão, por ser significativa dos processos decisórios em termos de políticas nacionais e internacionais, do convencimento social, da divulgação midiática e é claro do funcionamento interno das ciências.

Grande parte do tempo de pesquisa foi em bibliotecas, tanto na USP quanto em outras instituições. Embora as fontes estivessem disponíveis online, o site Jstor.org disponibilizava, na época, as revistas *Science* e *Nature* para acesso livre, a opção foi por trabalhar com o material físico. A biblioteca do IEE/USP, ainda que tendo um acervo bastante vasto de ambas revistas, não contava com a sequência completa. Outras bibliotecas no campus Butantã da USP estavam na mesma situação; recorremos então à biblioteca da Universidade Estadual de Londrina (UEL), minha universidade da graduação, e que ainda mantinha todo o acervo das revistas exposto para o acesso público. Esta escolha acabou me afastando do cotidiano uspiano, mas não das orientações, que foram sendo realizadas por email e presencialmente com idas regulares para São Paulo.

E foi assim, entre ida e vindas entre São Paulo e Londrina que mantive o contato com Maria Amélia. A finalização do doutorado ocorreu com as correrias usuais de uma pós-graduação, mas sempre contando com o olhar atento e criterioso da professora aos textos que iam sendo encaminhados para avaliação. A banca de defesa foi constituída por três (ex)orientandos de Maria Amélia, prof. Jozimar Paes de Almeida (UEL), profa. Silvia Figueirôa (UNICAMP), Profa. Márcia Regina Barros da Silva (USP) e pelo prof. Paulo H. Martinez da Unesp/Assis. A banca aconteceu conforme o esperado com arguições e críticas perspicazes. O olhar sereno e atento de Maria Amélia me confortava nas horas difíceis.

Após oito anos sendo orientado por Maria Amélia terminava esse ciclo. Guardo na lembrança as reuniões, as aulas, os eventos, mas principalmente a calma e a paciência que ela tinha ao lidar com as ansiedades de um pós-graduando. Ainda nos falamos até hoje, passados quase dez anos da defesa e muitos outros do nosso primeiro contato, trocamos e-mails esporádicos, com sugestões de leituras, debates sobre as posições latourianas, e ela pede fotos do meu filho e manda presentes em datas comemorativas, além dos votos de ano novo que sempre caem na caixa-postal.

Maringá, agosto de 2023.

PORONGA¹ A ALUMIAR VARADOUROS

Sérgio Roberto Gomes de Souza
Universidade Federal do Acre
Sergio.souza@ufac.br

Meu primeiro contato com a professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes se deu no mês de fevereiro de 2012. Poucos dias antes havia chegado a São Paulo, oriundo da cidade de Rio Branco, AC, onde atuo desde o ano de 2002 como professor da área de História na Universidade Federal do Acre – UFAC. Iniciava meu doutorado em História Social na Universidade de São Paulo – USP, onde tive o privilégio de tê-la como orientadora.

O principal objetivo da minha pesquisa consistia em analisar indícios sobre possíveis conflitos desenvolvidos no Território do Acre entre saberes médicos e outras artes de curar, tendo como recorte cronológico o período que vai de 1904 a 1930. Me inspiraram as muitas memórias que permeiam o meu presente, algumas delas remetendo-me a eventos ainda bastante vívidos. Um deles é a imagem de minha avó materna, Aurelinda Pismel Fonseca, uma paraense que chegou ao Acre ainda muito jovem, quando realizava ofício de cura através de benzeduras. Com um galho de vassourinha em uma das mãos, repetia palavras diversas, nem sempre audíveis e compreensíveis, com o intuito de espantar moléstias como “espinhela caída”, “quebranto”, “íngua”² e outros males do corpo e do

1 Lamparina que os seringueiros usam na cabeça para percorrer as estradas da seringa na floresta amazônica.

2 É secular a crença de que a espinhela cai se o indivíduo faz qualquer esforço violento, abruptamente, ou se recebe uma pancada no tórax. O fenômeno também aconteceria em consequência da atuação de “golpes de ar” que levariam ao resfriamento do tórax (Almeida, 2013). O quebranto é uma doença/sintoma com causas não-naturais, detectado e tratado pelas benzedadeiras (Maciel; Guarim Neto, 2006). A íngua é uma inflamação ou inchaço do gânglio linfático inguinal. Quando realizam suas rezas para a cura dessa enfermidade, as benzedadeiras

espírito. Suas habilidades faziam com que fosse procurada por diferentes pessoas, possivelmente movidas pela crença nos ritos praticados.

Por incontáveis vezes sentei-me enfermo em frente à minha avó, enquanto ela benzia, rezava e curava. Em uma espécie de transe, parecia atuar, como escrevem Márcia Regina Antunes Maciel e Germano Guarim³ (2006), como intermediária entre o humano e o sagrado. O ato era repleto de gestuais e uso de símbolos que não faziam parte do cotidiano da benzedeira e do doente.

Miriam Cristina Rabelo⁴ analisa que, através dessas representações carregadas de emoções, o ritual induz os participantes a perceberem de forma nova os universos que os circundam e seus posicionamentos nos mesmos, relacionando-se com a diversidade de vivências e experiências sociais que os perpassam. Talvez esse seja um dos fatores que ajudam a explicar a legitimidade dessas ações e a persistente presença nas minhas memórias.

Devo dizer que inúmeras dificuldades apresentaram-se no decurso da elaboração deste trabalho, principalmente problemas de ordem teórica e metodológica. A tendência inicial era de analisar de maneira dicotômica a relação entre esses diferentes saberes/fazeres. Prevalencia, fundamentalmente, a compreensão de que a constituição da “medicina científica” no Brasil teria se dado de maneira linear, com possíveis processos de ruptura sendo absolutamente contornados/controlados pelo Estado.

Neste cenário, foram fundamentais os diálogos desenvolvidos com a professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes.

fazem uso de uma faca, como parte dos ritos e gestuais. Também costumam perguntar para o enfermo se cortam, recebendo como resposta: *íngua* (Rodrigues, 2013).

3 MACIEL, Márcia Regina Antunes; GUARIM NETO, Germano. Um olhar sobre as benzedeiras de Juruea (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. *Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, Belém, v. 1, n. 3, p. 61-77, set-dez. 2006.

4 RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César B.; SOUZA, Iara Maria A. *Experiência de doença e narrativa*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

Suas orientações e sugestões de leituras, entre as quais destaco *Espaços da Ciência no Brasil 1800 – 1930*⁵, obra por ela organizada, me trouxeram outras dimensões para a pesquisa e escrita da tese, distanciando-me das ambissalidades que me atravessavam.

Longe da dicotomia inicialmente pensada, observei que as relações entre saberes médicos e as outras artes de curar também eram caracterizadas por intersecções, que remontavam ao período colonial. A necessidade de fazer frente aos quadros nosológicos que se manifestavam no “Novo Mundo” inventado pelos colonizadores, levaram a práticas de medicina forjadas a partir da convivência e combinação de três tradições culturais distintas: indígena, europeia e africana, com inexpressiva participação dos profissionais de formação acadêmica, ficando esse ofício muito mais a cargo de curandeiros, feiticeiros, raizeiros, benzedores, padres, barbeiros, parteiras, sangradores, boticários e cirurgiões.⁶

Tais intersecções, no entanto, não eliminaram os tensionamentos existentes na constituição da “legitimidade” dos saberes médicos, movimento que envolvia não apenas os que estavam inseridos nessa categoria profissional, como também praticantes das outras artes de curar. A dita “legitimidade” não foi algo dado, pronto, a-histórico, mas uma construção social/cultural perpassada por perspectivas de poder, com o Estado brasileiro, através de normas/legislações e “instituições científicas” que atuavam no Brasil desde o século XIX e início do século XX, cumprindo papel fundamental neste processo. Isto não significa que foram capazes de anular saberes e fazeres de curadoras e curadores que, através de diferentes manifestações de religiosidades, expressões de múltiplas cosmogonias, bem como o uso de ervas/plantas/animais para suas terapêuticas,

5 Dantes, Maria Amélia Mascarenhas (org.). *Espaços da Ciência no Brasil 1800 – 1930*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

6 Ferreira, Luiz Otávio. *Medicina impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830 – 1840)*. In: Chalhoub, Sidney (org.) *Artes e ofícios de Curar no Brasil*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003

gozavam de grande prestígio junto a importantes segmentos sociais.

Posso dizer que, apesar de ter nascido e viver nessas muitas “Amazônias”, constituída por múltiplos espaços, gentes e culturas, foram as orientações da professora Maria Amélia que me guiaram em meio aos muitos “varadouros”⁷ que precisamos percorrer no decurso das pesquisas e escrita de um trabalho acadêmico. Tudo com muita amabilidade, mas, ao mesmo tempo, com um olhar crítico e responsável. De maneira sutil, sem se impor através de seus saberes, sugeria outras possibilidades/abordagens em um processo de permanente diálogo. Suas produções, postura acadêmica e humanismo serão sempre uma inspiração para minhas relações com orientandas e orientandos da graduação e da pós-graduação.

Narrar esses episódios me parece ser algo necessário, pois é a maneira que temos para demonstrar nosso afeto e gratidão com alguém que, tal como uma poronga, alumiu tantas trajetórias. Professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes, obrigado por tudo!!!

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. *Espinhela caída: referências históricas e práticas de cura populares*. Recife: EDUFRPE, 2013.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas (org.). *Espaços da Ciência no Brasil 1800 – 1930*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830 – 1840). In: Chalhoub, Sidney (org.) *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

⁷ Caminhos abertos na floresta visando estabelecer a ligação do barracão dos seringais com as colocações, ou destas entre si.

MACIEL, Márcia Regina Antunes; GUARIM NETO, Germano. *Um olhar sobre as benzedadeiras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar*. Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi, Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 3, p. 61-77, set-dez. 2006.

RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César B.; SOUZA, Iara Maria A. *Experiência de doença e narrativa*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

RODRIGUES, Bianca Bazzo. *Crenças e quebrações de um corpo que dança: poética do benzimento na criação cênica*. Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Natal – RN, 2013.

Rio Branco, 29 de agosto de 2023

O TEMPO VOA!!! MAS AS LEMBRANÇAS FICAM....

Silvia F. de M. Figueirôa
Faculdade de Educação/UNICAMP
silviamf@unicamp.br

Já se passaram mais de 40 anos desde que conheci e me liguei a Maria Amélia. Recém-formada em Geologia, querendo me dedicar ao ensino e seguir carreira acadêmica, por sugestão de um grande amigo, Conrado Paschoale (1949-1990), fui procurar Shozo Motoyama (1940-2021), então coordenador do Núcleo de História da Ciência e da Tecnologia (NHCT) do Departamento de História (FFLCH-USP), embrião do futuro Centro Interunidades de História da Ciência e da Tecnologia da USP. Era final de março de 1982. Shozo, sempre educado, me recebeu, mas como não tinha mais vagas disponíveis para orientar na pós-graduação, aconselhou-me a procurar Maria Amélia. Ela voltara recentemente de um pós-doutorado na França, junto ao Centre Alexandre Koyré d'Histoire des Sciences, e tinha total disponibilidade de vagas para orientação. E assim foi feito.

Já na nossa primeira conversa, Maria Amélia explicou que sua área era a História das Ciências no Brasil, priorizando as instituições científicas. Ela partilhava da visão de Roger Hahn, historiador das ciências norte-americano, de que “*a instituição científica é a bigorna onde os valores da Ciência e da Sociedade são moldados numa forma viável*”. Fiquei de pensar num tema de pesquisa que aí se encaixasse e voltei na semana seguinte, com a minha sugestão. Devido a um conjunto de contingências desagradáveis, o Instituto Geológico de São Paulo estava, mais uma vez, ameaçado de fechamento pelo governo do estado. O *Jornal do Geólogo*, excelente informativo da *Sociedade Brasileira de Geologia*, trouxe naquela mesma sema-

na uma extensa matéria defendendo esta instituição quase centenária, descendente em linha direta da *Comissão Geográfica e Geológica* de São Paulo (CGG-SP, fundada em 1886), com um breve histórico e algumas belíssimas fotografias do início do século XX. Pronto! falamos. Aí estava um tema novo, potencialmente rico e dentro da linha da História das Ciências no Brasil. Mais do que isso, conectado às Geociências, permitindo que eu não me afastasse da minha área de formação. Segui, portanto, no meu mestrado, investigando a história da CGG-SP. Sinto enorme orgulho de ter sido sua primeira orientanda de mestrado e de doutorado, de ter puxado a fila para mais dezenas de colegas!!! E agradeço ao Shozo por sua falta de vagas!!

Embora afirmasse desconhecer Geociências e sua história em específico, ao acolher meu tema Maria Amélia mostrou para mim, pela primeira vez dentre inúmeras outras, sua enorme generosidade, sua mente aberta para acolher ideias, assuntos, perspectivas. Igualmente, em seus cursos de pós-graduação ela acolhia, sem distinção, orientandas e orientandos de outros colegas, de História das Ciências e da Tecnologia ou de outras áreas da História.

Nessa época, diferentemente de hoje – graças, justamente, aos caminhos abertos por ela –, falar em História das Ciências no Brasil requeria uma certa coragem, sobretudo em se tratando do século XIX e de período anterior à fundação da USP, como era o meu tema e, posteriormente, o de várias e vários colegas. Não só pela bibliografia escassa e, com poucas e honrosas exceções, encomiástica e laudatória. Mas pela própria desconfiança quanto à existência de ciência no Brasil antes da USP. Manguinhos e Butantan eram tidos e havidos como exceções que confirmavam a regra do deserto científico brasileiro. Essa visão impregnava a mídia, a academia e mesmo algumas agências de fomento, obrigando-nos a longas justificativas, felizmente desnecessárias hoje em dia.

Mas Maria Amélia, com seu grupo crescente de mestrandos e doutorandos, acrescido de outros colegas, mostrou que nesse

deserto havia água, até em abundância, e muitos oásis. E que, ao invés de deserto, talvez se assemelhasse mais a uma mata, com algumas clareiras e árvores tombadas, é fato – mas clareiras e árvores caídas também existem em matas norte-atlânticas Além das dissertações, teses e artigos, um dos primeiros frutos a materializar esse novo olhar para o passado científico do Brasil foi o livro “Espaços da Ciência no Brasil” (<https://books.scielo.org/id/fkbbh>), produzido a partir de um projeto coletivo por ela coordenado. Muitos de nós, colaboradores do presente livro-homenagem, nos conhecemos e estreitamos laços acadêmicos e pessoais no decorrer desse projeto, alternando as reuniões entre São Paulo e Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo, Maria Amélia seguiu firme nos intercâmbios internacionais, em particular com a França, em projetos de cooperação entre CNPq e CNRS, nos quais sempre que possível envolveu suas e seus estudantes. Por meio desses projetos, Maria Amélia acessou arquivos e fontes originais que lhe permitiram aprofundar o papel do Positivismo na institucionalização das ciências no Brasil, virando a chave de sua compreensão: antes considerado obstáculo, revelou-se estímulo.

Tema hoje muito presente, inclusive em Seção da *Revista Brasileira de História das Ciências* a ele especialmente dedicada, as relações entre História das Ciências e Ensino foram contempladas por Maria Amélia já em 1983, ao apoiar a proposta e coordenar um curso pioneiro de especialização para professores da Educação Básica do Estado de São Paulo, articulado pelo colega Hélio Gordon, então professor de Matemática na rede pública estadual e doutorando em História das Ciências, sob orientação de Shozo. Junto com Maria Amélia estavam Hélio, Geraldo Florsheim (então docente do Depto. de História), Jerônimo Alves e eu mesma, como auxiliar. Dentre os cerca de 80 participantes encontravam-se as professoras Márcia Helena Mendes Ferraz e Maria Aparecida Pileggi Perassollo, que foram então “capturadas” para a História das Ciências.

Como orientadora, Maria Amélia sempre foi um exemplo a

ser seguido: amiga, nunca se omitiu de criticar e sugerir, mas foi sempre respeitosa com o texto de suas e seus estudantes, entendendo que existem a autoria, as ideias próprias e, acima de tudo, que ali estão pesquisadores em formação que precisam constituir-se com autonomia. Ao assim agir, permitiu o florescimento de um grupo, amplo e sólido, que se espalhou pelo país, fortaleceu e construiu instituições, deu continuidade à formação de pesquisadores e, sobretudo, segue apostando que vale a pena (e muito!) investigar e narrar o passado científico do Brasil.

Campinas, 26 de agosto de 2023 (um sábado chuvoso....)

HOMENAGEM À PROFESSORA MARIA AMÉLIA MASCARENHAS DANTES

Suzana Cesar Gouveia Fernandes
Centro de memória do Instituto Butantan
suzana.fernandes@butantan.gov.br

A pesquisa em história da ciências no Brasil é fortemente marcada pela atuação da Professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes, referência para todos os profissionais que hoje compõem os principais centros de pesquisa institucionais e universitários em todo o país.

Quando me dispus a pesquisar a história do Instituto Butantan em doutorado concluído em 2011, e frente às várias indecisões sobre o tema a ser estudado, ao local e orientação, fui fortemente estimulada a procurar a Profa. Maria Amélia: “Por que pensar em ir para outra universidade se você tem a USP e trabalha ao lado da Professora Maria Amélia? Foi ela quem formou ou participou da formação de todos aqueles que trabalham com história da ciência hoje! Não faz sentido....”. Difícil argumentar qualquer coisa com evidências tão fortes de que estaria convivendo com uma profissional que me acompanharia com sabedoria durante essa jornada. Mas minha convivência com Maria Amélia, que permanece até hoje, é bem mais profunda e gratificante. Meu aprendizado foi para além da história em si, permeou também as relações interpessoais baseadas em sua forte ética profissional, sua gentileza e respeito para com todos os colegas e alunos e, sobretudo, pela sua generosidade em ouvir aquelas eternas dúvidas sobre referências bibliográficas, aquelas incertezas sobre os melhores caminhos e sobre as confusões que, como alunos, nos permitimos passar quando temos uma orientação presente e atenta.

Esta homenagem para a Professora Maria Amélia, mais do que justa, vem em boa hora! Acontece no momento em que todos nós, em nosso dia a dia, entramos em contato com seus tra-

balhos publicados, sua participação em projetos e congressos que sempre, sem exceção, nos inspiram. No Butantan estamos trabalhando com o Instituto Vacinogêncio e, claro, partimos de publicação sua! Trabalhamos também, sistematicamente, para a reafirmação de nossa área e, por isso, suas reflexões sobre história das ciências no Brasil, são também de onde partimos.

Maria Amélia, me sinto honrada de ter sido sua aluna e agradeça pela convivência. Agradeço também o convite para participar desta homenagem que, acredito, será uma forma de valorizar todos estes anos dedicados à universidade e à educação.

Muito obrigada.

MARIA AMÉLIA: GRANDE MESTRA!!

Tania Maria Fernandes

Casa de Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz

fernandes.taniam@gmail.com

Lembranças de Maria Amélia, todos os que estiveram em sua trajetória acadêmica e, acredito, pessoal, têm várias, certamente valiosas.

Conheci Maria Amélia na Casa de Oswaldo Cruz nos apontando, trocando e ensinando como poderíamos trabalhar com História das Ciências quando ainda estávamos nos apropriando de novos conceitos. Para mim, ainda era um momento de muitas novidades, pois vinha de outra área e, sabia que o caminho seria longo, e foi... foi também muito gratificante com essa grande mestra ao lado.

Nos aproximamos quando me candidatei ao Doutorado na Universidade de São Paulo e solicitei que ela fosse minha orientadora. Escolha muito acertada. As aulas eram brilhantes. Nossa mestra chegava de mansinho sempre agradável e carinhosa com todos. Valorizava todas as opiniões e questões. Coisa que só bons mestres o fazem. Ao longo das aulas ia crescendo com sua fala mansa repleta de reflexões cuidadosamente elaboradas. Maravilha!!

O processo de orientação foi exemplar e me vali dele com meus orientandos. Minha tese tinha como objeto o processo de configuração da área da ciência em Plantas Medicinais e a organização de seus cientistas no Brasil. Foi um desafio para nós duas. Na metodologia, além de reflexões em história das ciências, trazia a história oral. O próprio objeto central – as plantas medicinais e sua comunidade – desconhecido para nós duas, também nos trouxe muitas surpresas.

Ela sempre me dizia com muito respeito, cuidado e simpli-

cidade: “quem entende de plantas e de história oral é você. Estou aprendendo com você”. Aprendizado que segui pela minha vida acadêmica com meus orientandos. Percorri meu caminho aprendendo com os alunos “novas histórias e novos temas”.

Assim, tenho muito a agradecer à Maria Amélia por tudo que me ensinou, principalmente a tríade ‘respeito, cuidado e simplicidade’ que todos merecem.

Deixo aqui um grande beijo e um fraterno abraço.

Rio de Janeiro, 04 de setembro de 2023

**COLEGAS &
COLABORADORES(AS)**

MARIA AMÉLIA MASCARENHAS DANTES E O Iº SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Alfredo Tiomno Tolmasquim
Museu de Astronomia e Ciências Afins
alfredo@mast.br

Conheci Maria Amélia em setembro de 1986, no I Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia, no Rio de Janeiro. Estes seminários se mantiveram regularmente a cada 2 anos, constituindo-se num importante elemento de referência para o campo da história da ciência no Brasil. O mais recente foi em 2022, em São Paulo, quando tive a alegria de reencontrá-la após alguns anos.

O primeiro Seminário foi consequência de um processo de construção do campo da história da ciência iniciado alguns anos antes. Em 1971, Maria Amélia, que era formada em física, começou a ministrar disciplinas de graduação em história da ciência e iniciou seu doutoramento em História Social, sob a orientação de Eurípedes Simões de Paula, concluindo-o em 1973. Maria Amélia seguia os passos do também físico Shozo Motoyama, que havia concluído seu doutorado em História Social na USP em 1971 e dava aulas de história da ciência no Departamento de História da FFCL da USP.

Em 1973, Shozo e Maria Amélia, juntamente com o químico Simão Mathias, criaram o Núcleo de História da Ciência da USP (NHC/USP), sediado no Departamento de História. Logo, professores de várias áreas começaram a se vincular ao grupo, promovendo estudos e publicações. Dez anos depois, em 1983, surgiu a partir deste Núcleo a iniciativa de criar uma sociedade científica – a Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC). Centrada basicamente na USP, a SBHC ti-

nha Simão Mathias como presidente e Shozo Motoyama como secretário-executivo.

Por sua vez, no Rio de Janeiro, foi criado em 1982 o Grupo Memória da Astronomia (GMA) no Observatório Nacional, instituto então vinculado ao CNPq, e sob a liderança do astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, para preservar o rico acervo sob a guarda da instituição. Mourão e os pesquisadores João Carlos Victor Garcia e José Carlos Oliveira se engajaram no Núcleo de História da Ciência da USP, incorporando-se ao projeto de História Social da Ciência no Brasil. Pouco depois, o GMA foi transformado em Núcleo de Pesquisa em História da Ciência, subordinado diretamente à presidência do CNPq e, em março de 1985, originou o Museu de Astronomia e Ciências Afins, instituto de pesquisa vinculado ao CNPq.

Paralelamente, na Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia (COPPE) da UFRJ, a área de Organização Industrial do Programa de Engenharia de Produção, sob a liderança de Roberto dos Santos Bartholo Jr., recebeu, em 1985, auxílio do PADCT, através da FINEP, para criar a área de concentração em Política e Gestão de Ciência e Tecnologia (PGCT). Rapidamente, houve uma aproximação entre os grupos da COPPE e do MAST, identificando uma vinculação entre a história da ciência e a política de ciência e tecnologia. Para o PGCT, era uma oportunidade de estar vinculado a um novo espaço institucional, onde poderia desenvolver suas atividades com mais liberdade e escapando das restrições impostas pela COPPE, que não via com bons olhos programas que não fossem exclusivamente técnicos. Por sua vez, para a equipe do MAST, era a oportunidade de atuar num programa de pós-graduação, dando mais robustez ao instituto.

Uma das primeiras iniciativas dessa parceria seria a realização de um encontro de história da ciência de âmbito nacional. Já vinham acontecendo eventos de história da ciência, mas num âmbito mais local, como o 1º Simpósio de História da Ciência e de Tecnologia do Pará, realizado em junho de 1985 pelo Núcleo de História da Ciência da UFPA, sob a lideran-

ça de José Maria Filardo Bassalo. No mesmo ano, o Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da Unicamp (CLE), começou a organizar, sob a liderança de Roberto de Andrade Martins, os Colóquios em História da Ciência, que aconteceriam anualmente, com um novo tema a cada edição, estimulando o interesse de estudantes pela história da ciência.

Para a realização do encontro nacional, foram convidados o Núcleo de História da Ciência da USP e a SBHC. Estavam, assim, definidas as quatro instituições promotoras e o nome do encontro, que se chamaria I Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia. A comissão organizadora foi composta por Roberto Bartholo (PGCT), como coordenador, Shozo Motoyama (NHC/USP), Simão Mathias (SBHC), João Carlos Victor Garcia (MAST) e o mestrando do PGCT, Alfredo Tolmasquim, como secretário-executivo. O PGCT entrou com os recursos e o MAST forneceu a infraestrutura de secretaria e o apoio de alguns servidores da instituição.

Enquanto um campo em formação, era necessário convidar não só pesquisadores da história da ciência, que eram relativamente poucos, mas grandes nomes da ciência e da gestão científica para fortalecer a sua legitimação. Assim, o encontro foi composto de 8 mesas-redondas, agregando 32 convidados, um número bastante elevado. Entre estes estavam Crodowaldo Pavan (presidente do CNPq), Alberto Carvalho da Silva (presidente da FAPESP), Flavio Fava de Moraes (diretor científico da FAPESP), José Pelúcio Ferreira (ex-presidente da FINEP e responsável pela criação do FNDCT), Isaac Kerstenetzky (economista da FGV e ex-presidente do IBGE), Luiz Pinguelli Rosa (diretor da COPPE), Paulo Alcântara Gomes (pró-reitor de pós-graduação da UFRJ), além de Carlos Chagas Filho (que fez a conferência de abertura), Mário Schenberg, José Goldeberg, Alberto Luiz da Rocha Barros, Simon Schwartzman, Milton Santos e muitos outros. As mesas incluíram também professores e pesquisadores do NHC/USP, PGCT e MAST, além de responsáveis por outras iniciativas em história da ciência que estavam ocorrendo no país, como, por exemplo, da UFPA e da Unicamp, já comentadas.

As mesas mesclavam temas mais gerais sobre a história da ciência, como: Porque fazer história da ciência hoje; Formas de produção de conhecimento em história da C&T; História da C&T na formação da cultura científica e tecnológica; C&T na civilização contemporânea; História e política de C&T, e uma mesa sobre Ensino e pesquisa institucionalizada em história da C&T.

Além dos convidados, foi aberta inscrição para apresentação de trabalhos, reunindo 41 comunicações, com a mesma diversidade temática que as mesas-redondas, muitas delas com temas bastante genéricos. Apesar da presença de alguns pesquisadores, a representação das áreas relacionadas às ciências da vida foi relativamente tímida, possivelmente devido ao perfil dos organizadores. No total, o Seminário contou com 70 participantes (3 pesquisadores fizeram parte de mesa e apresentaram trabalho em sessão de comunicações), sendo 50% do Rio, 30% de São Paulo e 20% dos demais estados (BA, ES, MG, DF, PA, PB, PE, PI e PR).

Maria Amélia participou da mesa “História de C&T: seu significado e objeto de conhecimento”, com outros dois pesquisadores da área de história: Walter Cardoso (UNESP) e Wilmar do Valle Barbosa (UFRJ). Nessa época, ela já era professora do Programa de Pós-graduação em História Social e estava orientando sua primeira aluna de mestrado – Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa.

Maria Amélia apresentou um texto com o título “O objeto da história da ciência: a atividade científica”, onde propunha pensar a ciência como um produto social, à semelhança de outras manifestações humanas, em contraposição a uma visão mais tradicional da história da ciência, baseada nas ideias de cientistas como indivíduos isolados, de objetividade da ciência e do caráter acumulativo do conhecimento científico. Ela apresentou, então, exemplo de duas novas tendências historiográficas. A primeira era a história das instituições científicas, mostrando que as formas organizacionais estão intrinsecamente relacionadas à ciência lá desenvolvida. Um exemplo de estudo nessa

linha foi o então recém-lançado “A vida no laboratório” de Bruno Latour e Steve Woolgar, que mostrava como as atividades no laboratório influenciam na escolha das linhas de pesquisa. A outra vertente englobava os estudos sobre ciência e comunidade científica, demonstrando como a ciência é uma atividade coletiva e fruto de um determinado contexto histórico.

Sua apresentação visava mostrar como a história da ciência estava se abrindo a novas e mais complexas abordagens, que iam além dos relatos memorialistas ou da história linear de grandes invenções e descobertas. Algo relativamente novo, ao menos no Brasil. Essas abordagens também permitiam rever o viés eurocêntrico da ciência, mostrando como países periféricos, como o Brasil, tinham uma rica história da ciência a ser construída. Passados quase 40 anos, temos visto como essas e outras novas abordagens enriqueceram a história da ciência desenvolvida no país. Posteriormente, Maria Amélia publicou uma breve análise do Seminário, descrevendo as características das várias sessões e o perfil dos participantes, tomando por base os Anais do encontro (*Boletim Eletrônico da SBHC*, nº 2, março de 2014).

O Seminário teve importante papel na formação e consolidação do campo da história da ciência, reunindo diversas instituições, grupos e iniciativas que estavam surgindo no país, demonstrando o aumento no número de pesquisadores, muitos dos quais atualizados com as novas abordagens que irrigavam o campo, e a grande capacidade de articulação, no sentido de mobilizar importantes nomes da ciência no país. A parceria entre o MAST e o PGCT não foi adiante em função de conflitos entre os projetos de futuro das duas equipes, mas os seminários tiveram continuidade, organizados por outras instituições e grupos nas universidades.

Eu, contudo, terminei permanecendo no MAST e redirecionando minhas pesquisas para a história da ciência no Brasil. Tive, então, oportunidade de estreitar o contato com Maria Amélia. Ela assumiu, junto com Amélia Império Hamburger,

a coordenação de um programa de cooperação internacional CNPq-CNRS, que visava estudar a história das relações científicas entre Brasil e França, e convidou a mim e outros colegas do MAST, como Isidoro Maria da Silva Alves e Christina Helena da Motta Barboza, para integrarmos o projeto. Posteriormente, Christina faria seu doutorado sob orientação da Maria Amélia.

Resguardados os estudos realizados anteriormente, Maria Amélia foi uma das pioneiras na formação e consolidação da história da ciência como um campo do conhecimento no Brasil, dando cursos e orientando inúmeros alunos de pós-graduação (segundo seu Lattes, foram 18 de mestrado, 27 de doutorado e 3 de pós-doutorado) numa época em que ainda não haviam surgido programas de pós-graduação nessa área. Mas, mais importante do que isso, foi ter guiado estes alunos nas novas abordagens que estavam surgindo na história da ciência, influenciando fortemente o campo no Brasil. Maria Amélia pode se orgulhar de ter deixado um importante legado para as novas gerações.

Rio de Janeiro, agosto de 2023.

A CONTRIBUIÇÃO DE MARIA AMÉLIA MASCARENHAS DANTES À CONSTRUÇÃO DA REDE DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO BRASIL

Antonio Augusto Passos Videira
IFCH/UERJ, PEMAT/UFRJ e CBPF/MCTI
guto@cbpf.br

A Professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes produziu, ao longo de muitos anos, textos que podem ser descritos como balanços, ou avaliações, a respeito da produção historiográfica brasileira e dos resultados obtidos por esta última. Durante todo este período entre o final da década de 1980 e meados dos anos 2010, Maria Amélia foi certamente a pessoa mais indicada para oferecer uma análise crítica do que os historiadores brasileiros faziam e publicavam. A razão é simples: muitos deles foram seus alunos de mestrado ou doutorado. Alguns poucos foram seus pós-docs. Esse conjunto de estudantes e trabalhos perseguiu, quase sempre, um mesmo objetivo, ou ainda, procurou concretizar uma mesma agenda de pesquisa, a saber: mostrar que houve atividade científica nessa região hoje em dia chamada de Brasil desde os tempos em que éramos colônia de Portugal. Sua estratégia foi apostar na chamada história institucional.

Ao mesmo tempo em que contribuía para o enfraquecimento da tese de que a ciência no Brasil começou com a fundação das primeiras universidades dignas dessa denominação – a Universidade de São Paulo em 1934 e a Universidade do Distrito Federal no ano seguinte –, Maria Amélia, ao lado dos seus orientandos, se destacou por consolidar a perspectiva focada nas instituições como os vetores no processo de implementação e consolidação da ciência no país, ainda antes de 1808. Ao mostrar a necessidade do abandono da tese de que promovia as faculdades de filosofia como o berço da ciência nacional, Maria Amélia promovia a necessidade de nos dedicarmos à pesquisa

das agendas científicas efetivamente praticadas nas instituições que abrigavam – ou ao menos procuravam apoiar – a ciência. Maria Amélia pressupunha que essa agenda, em muitos momentos, era organizada – talvez melhor seja dizer, adaptada a – em funções problemas, questões e interesses nacionais.

Contudo, deve-se aqui observar que a preocupação com uma eventual matriz nacional para a agenda científica não implica a adoção de uma atitude nacionalista. Maria Amélia, em seus textos de análise, comenta que a profissionalização, o amadurecimento e o crescimento da comunidade de historiadores da ciência no Brasil acompanharam um movimento, que se dava quase que de forma simultânea em outras regiões do globo, em particular em países latino-americanos. Os encontros com historiadores de países como Argentina, Colômbia, Venezuela, México e Peru foram decisivos para que houvesse uma renovação teórico-metodológica entre nós. De forma alguma, essa “simultaneidade” deve ser transformada em causalidade. Os historiadores locais souberam ler, compreender, interpretar e adaptar aos seus próprios interesses e questionamentos autores como Rudwick, Stepan, Shapin, Shaffer, Latour, Daston, Pestre, Petitjean, Paty, entre tantos outros.

A busca por modelos mais adequados à realidade local pode ser igualmente vista na recusa explícita ao modelo difusionista proposto por George Basalla ao final dos anos de 1960 por Maria Amélia e colegas. As noções de centro e periferia seriam inadequadas para descrever, quanto mais explicar, de que modo a ciência foi sendo integrada a realidades tão diferentes como aquelas que encontramos na América Latina, na África e na Ásia. Essa crítica, que não foi feita apenas por historiadores da região, acabou por contribuir para a criação de uma linha de pesquisa internacional, que agregou pessoas de diferentes continentes, conhecida como Ciências e Impérios. O seu nascimento ocorreu na sede geral da UNESCO em Paris no ano de 1990. Maria Amélia sempre acreditou na força da colaboração acadêmica. Outra contribuição sua nesse mesmo sentido foi a concretização de uma colaboração envolvendo pesquisadores da USP e da então equipe REHSEIS (hoje Sphère) do CNRS

para estudar as relações científicas entre o Brasil e a França.

Não passou despercebido a Maria Amélia que a profissionalização da crescente comunidade de historiadores da ciência era acompanhada, quando não estimulada e financiada, por apoios oriundos de agências governamentais, estaduais ou federais. Em outras palavras, profissionalização significava, ou pressupunha, institucionalização. A história da ciência no Brasil, como se sabe, ganhou um impulso considerável com o retorno à democracia a partir do início dos anos 1980: sociedades e revistas foram criadas, instituições fundadas, congressos organizados, programas de pós-graduação elaborados, bolsas foram concedidas e convênios oficializados.

Outro fator, explicitamente mencionado e valorizado por Maria Amélia em suas análises, é a consciência exibida por muitos dos historiadores locais da necessidade de correlacionar a história da ciência à história do Brasil. Ainda que a recíproca não seja forte, ou robusta, como deveria ser, é inegável que aqueles que pensam a evolução da ciência no Brasil sempre o fizeram prestando atenção às mudanças sociais e políticas que atingiram a sociedade local.

As análises de balanço produzidas e os estudantes formados por Maria Amélia ao longo de quatro décadas de atividade profissional competente, criteriosa e persistente refletem e concretizam muito (d)os critérios que ela empregou para entender a formação da nossa comunidade. Talvez mais do que entender, ela parece ter procurado, de forma discreta, guiar aqueles que se aventuravam nas sendas sinuosas e sedutoras da história da ciência.

Não me parece exagerado – eu me arriscaria a dizer que é o óbvio – concluir que todos nós, mesmo aqueles que como eu não tiveram o privilégio de estudar sob sua direção, acabamos, de uma forma ou de outra, enredados na rede que ela pacientemente construiu e que nos sustenta e balança gostosamente.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 2023.

MARIA AMÉLIA, PIONEIRA DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO BRASIL

Gildo Magalhães Santos
Universidade de São Paulo
gildomsantos@hotmail.com

Devo indiretamente à Professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes, que aqui passarei a chamar simplesmente de Maria Amélia, minha oportunidade de ingresso como docente na Universidade de São Paulo. Sua aposentadoria precoce em 1998, assim como a de outros docentes na época, se deveu ao temor de que a reforma previdenciária, iniciada no governo de Fernando Henrique Cardoso, poderia retirar direitos já conquistados. Ela, conjuntamente com Shozo Motoyama, eram encarregados de ministrar anualmente cinco turmas de História da Ciência na graduação, além de disciplinas de pós-graduação. Maria Amélia estava responsável por duas turmas da Biologia, curso onde aquela disciplina era obrigatória para bacharelado e licenciatura e onde as turmas eram numerosas, com oitenta ou mais alunos. Fez-se então inadiável um concurso para professor temporário na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, onde fui escolhido e assumi as aulas de Maria Amélia, permanecendo nessa posição até se abrir uma vaga em concurso para professor efetivo, ocorrida no final de 2000. Continuei lecionando para o curso de Biologia num total de dez anos, até que uma reforma curricular retirou a disciplina da grade.

Valorizo bastante uma característica de Maria Amélia, logo percebida no convívio da N3, a sala que compartilhamos no Departamento de História: a atenção que devotava para com seus orientandos, que recebia em frequentes e longas sessões para discutir textos das pesquisas dos alunos, bem como bibliografias. Pode parecer que isto é algo que nem deveria chamar a atenção, mas infelizmente essa dedicação na verdade

não é corriqueira e justifica o apreço daqueles que foram por ela supervisionados.

Em sua tese de doutorado sobre a medicina de Paracelso (1973), já há um elemento que indica o rumo geral das pesquisas de Maria Amélia, que foi o da história das ciências da saúde, a que se juntou seu interesse pela história das relações institucionais de órgãos públicos. As duas vertentes lhe granjearam uma notabilidade que levou muitos a procurar sua orientação, vindos de locais como a Fiocruz, o MAST, o Instituto Butantan e outros, para pesquisar uma história social de doenças, escolas médicas, museus e instituições variadas. Talvez a sensibilidade de Maria Amélia para com a história dos locais de pesquisa e dos que neles trabalharam tenha se tornado mais aguçada pelas agruras profissionais de sua irmã, ilustradora do Instituto de Botânica do Estado de São Paulo, profissão no exterior bastante valorizada porque se insere numa longa tradição. Entre nós, contudo, os salários ínfimos dos ilustradores de ciências naturais compuseram um quadro de desprestígio cada vez mais acentuado, a ponto de chegar ao absurdo de o governo extinguir a profissão.

Cabe aqui mencionar que foram Maria Amélia e Shozo os primeiros profissionais acadêmicos da história da ciência no Brasil, no sentido de serem inteiramente dedicados ao tema, enquanto que iniciativas anteriores eram de pessoas que, embora tivessem interesse nessa história, eram dedicadas a outros afazeres. Convidados por Eurípedes Simões de Paula, ambos vieram do Instituto de Física da Universidade de São Paulo para desbravar o novo campo no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e logo passaram a perseguir com mais vigor a história da ciência e da técnica brasileiras. No caso de Maria Amélia o pioneirismo foi ainda mais marcante: basta considerar que na obra coletiva *História das Ciências no Brasil*, organizada por Mário Guimarães Ferri e Shozo Motoyama em três volumes (1979–1981) e que se tornou uma referência bem conhecida, só há três capítulos com autoria ou coautoria feminina, sendo um deles justamente o da única historiadora, Maria Amélia, dedicado

aos institutos brasileiros de pesquisa científica. Para o Departamento de História, Maria Amélia sempre gozou de respeito e admiração, não obstante não ter feito uma graduação em História. Ela se manteve permanentemente engajada nas atividades departamentais, sendo considerada uma historiadora de fato, não obstante sua formação em física.

Maria Amélia fez um pós-doutorado na França na década de 1970, daí resultando sua proximidade com intelectuais filósofos e historiadores da ciência como Michel Paty e Patrick Petitjean. Adepta de uma história mais sociológica e relativista da ciência, liderada por nomes como Michel Foucault e Bruno Latour, sua linha de pesquisa fez no Departamento de História um interessante contraponto com as tendências mais marxistas do seu colega Shozo, mas ressalvo que essas diferenças conceituais nunca foram impeditivas para as relações acadêmicas dos dois, nem tampouco para mim, que segui outras tendências historiográficas. Participamos conjuntamente em diversas bancas de defesa e posso afirmar que Maria Amélia expressava suas análises e questões de arguição com firmeza, mas também com suavidade e bastante tato, permitindo a todos os participantes que aprendessem algo com seu julgamento. Incentivou-me também a participar da Sociedade Brasileira de História da Ciência, uma das associações apoiadas por ela desde a primeira hora.

Quanto ao Centro de História da Ciência da Universidade de São Paulo, criado em 1988, Maria Amélia era entusiasta de seu ideário interdisciplinar e inicialmente colaborou com o seu desenvolvimento. Mesmo depois de não estar mais atuante nessa frente, em duas ocasiões pudemos interagir no sentido de fortalecer o referido Centro. Primeiramente, houve uma ocasião em que o Departamento de História, após a saída do prédio de Geografia e História do que viria a ser o Museu de Arqueologia e Etnografia da USP, abriu uma oportunidade de ocupar uma parte daquele espaço vago para lá instalar o Centro de História da Ciência e fomos Maria Amélia e eu que negociamos a cessão do espaço que o Centro ocupou, instalando a sua secretaria, uma sala de reuniões e o Arquivo Almirante Álvaro

Alberto naquele local a partir de 2000.

A segunda iniciativa foi quando Shozo Motoyama, que era diretor do Centro de História da Ciência, pediu que se estudasse modelos de implantação de pós-graduação em unidades da USP sem atividades de graduação. Fomos, Maria Amélia e eu, nos informar no então Instituto de Energia e Eletrotécnica, bem como no Programa de Integração da América Latina (PROLAM) e outros locais. Preparamos a partir disso um projeto de pós-graduação em História da Ciência, que foi levado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação em 2006, infelizmente sem sucesso.

Temos gravada (e disponibilizada no *YouTube*) a conferência que Maria Amélia proferiu para o Centro de História da Ciência no Instituto de Estudos Avançados da USP em 2017 em torno de Arnaldo Vieira de Carvalho e a produção de vacina antivariólica em São Paulo, uma de suas pesquisas inovadoras.

A carreira uspiana de Maria Amélia esteve mais dedicada à pós-graduação do que a outros aspectos. Muitos alunos que vieram fazer mestrado e doutorado aproveitaram sua experiência cursando a disciplina de historiografia científica brasileira, independentemente de estarem sob sua orientação. Como já salientado, seu empenho resultou em ser uma referência para tantos que vieram à procura de uma supervisão segura e enriquecedora. Como produto dessa orientação, diversos alunos seus vieram a ocupar lugares de destaque na vida acadêmica e em locais de pesquisa no estado de São Paulo e em vários outros estados brasileiros. O efeito multiplicador de Maria Amélia e seus alunos no ensino e escrita da história da ciência brasileira é notável, pois atingiu proporções poucas vezes igualadas.

São Paulo, 14 de agosto de 2023

NO VÉRTICE DE UMA NOVA HISTÓRIA

José Jerônimo de Alencar Alves
Universidade Federal do Pará
jeroalves77@gmail.com

Eu estava completamente aflito quando cheguei na Universidade de São Paulo (USP) e entrei em uma pequena sala destinada aos professores de História das Ciências. Meu desconforto se justificava porque, após ter sido selecionado para o programa de doutorado nesta renomada instituição de ensino superior, eu estava excluído por falta de vaga. Para realizar uma tese de doutorado voltada para a História das Ciências, ingressando nesse programa, eu havia pedido e conseguido licença na Universidade Federal do Pará, onde ensinava. Retornar sem essa realização, para mim, significava uma grande derrota. Ansioso por achar alguma luz no fim do túnel, fui até ao Departamento de História da USP e entrei na referida sala onde havia apenas uma pessoa que eu encontrava pela primeira vez: a professora Maria Amélia Dantes.

Embora eu não tivesse me inscrito no programa de doutorado para ser orientado por ela, para quem eu era um completo desconhecido, atendeu-me com sobriedade e a atenção que lhe é peculiar. Informou-me que o problema da falta de vagas não podia ser solucionado, pois estas eram fixadas pela estrutura burocrática da USP. Assim, minha aflição continuou. Entretanto, ela não esqueceu minha demanda.

Alguns dias após, encontrei-a novamente, ocasião em que, sempre de maneira discreta, me passou a informação que foi uma luz no fim do túnel. Disse-me que um professor aposentado estava sendo contratado para orientar teses de doutorado. Era o professor Simão Mathias que assumira como orientando apenas um casal que tinha retornado do Canadá, após a conclusão do Mestrado e portanto, ele poderia assumir outros

orientandos, se assim o desejasse, conforme permitiam as normas da instituição. Apressei-me a falar com o referido professor, de cabelos brancos e ar sereno, que me recebeu com muita gentileza. Para minha alegria, após alguns minutos de conversa amigável, em que procurou saber minha formação intelectual e profissional, atendeu minha solicitação. Aceitou-me como orientando e, assim, ingressei no requerido doutorado.

Portanto, a sugestão da professora Maria Amélia para procurar o professor Simão Mathias e solicitar que ele fosse meu orientador de tese foi determinante para que eu conseguisse entrar no programa de doutorado da USP, para o qual eu havia sido aprovado e excluído por falta de vagas. Ela contribuiu, assim, para que eu ingressasse em uma experiência intelectual que descortinou novos horizontes na minha trajetória de vida, para a qual outros contribuíram, como o professor Shozo Motoyama. Este foi designado pelo professor Simão Mathias para, de fato, ser meu orientador, pois foi quem eu havia escolhido para esta tarefa, ao me inscrever no referido programa de doutorado.

Embora a professora Maria Amélia não fosse a minha orientadora de tese, passou a ter uma participação central na minha formação intelectual, desde o início. As conversas que tínhamos, dentro e fora da sala de aula eram profícuas neste sentido. Logo, surgiu a ideia de criar um grupo de estudos de História das Ciências sob sua coordenação. O grupo passou a reunir todos os pós-graduandos que ela orientava. Eu, embora estivesse vinculado a outro orientador, participei ativamente deste grupo, desde a criação. Era um espaço dinâmico de estudos históricos sobre as relações entre ciência e cultura, estudos que se situam no vértice de entrada de uma nova história das ciências no Brasil.

Criava-se, assim, um lugar para a reflexão de novas ideias no campo da história das ciências que naquele momento fervilhavam no debate acadêmico. Ideias inovadoras, como as de Thomas Kuhn, Michel Foucault, Bruno Latour e de muitos outros autores, que rompiam com as anteriores que circulavam

na Universidade de São Paulo, criando polêmicas, dividindo opiniões, suscitando adesões e resistências. Eram ideias fundadas em novas filosofias, sociologias, cuja novidade maior foi a entrada da antropologia nesse rol de fundamentos que passavam a alicerçar os rumos da História das Ciências.

Criava-se um lugar de trocas intelectuais, mas também afetivas, pois a regência acolhedora e afetiva com o qual o grupo era regido pela coordenadora era exemplar e favorável para que as trocas intelectuais fossem acompanhadas de relações de amizade e de solidariedade, relações que permanecem até os dias atuais, apesar das distâncias geográficas que foram se impondo entre os participantes do grupo após finalizarem seus projetos de pós-graduação.

A criação do projeto de pesquisa sobre a história das ciências nas relações Brasil-França com a participação efetiva da professora Maria Amélia na liderança foi outra iniciativa que contribuiu significativamente para minha formação intelectual. Este projeto ampliou meu horizonte intelectual pela relação direta com pesquisadores franceses. Possuindo formação na universidade francesa, ela foi uma das líderes deste projeto, desde o início. Foi uma das coordenadoras de livro que resultou deste projeto, intitulado “História das Ciências Brasil-França”, juntamente com pesquisadores franceses e com Amélia Hamburger, também professora da USP. Duas Amélias, que pela liderança acadêmica no campo intelectual e pedagógico, podem ser ditas mulheres de verdade, o que se opõe à passividade da mulher descrita na música de Ataulfo Alves que consagrou essa frase.

Maria Amélia também criou condições para que eu ingressasse no debate intelectual além das fronteiras do Brasil por ter contribuído para criar o grupo de estudos sobre história das ciências nos países latino-americanos. Participaram deste grupo meu orientador Shozo Motoyama e vários pesquisadores desses países. Trata-se de outro intercâmbio intelectual que ampliou e possibilitou observar a história das ciências no Brasil vinculada à da América Latina, da qual é parte integran-

te. Os resultados das pesquisas realizadas pelos participantes deste projeto foram registradas, sobretudo, na Revista Latino Americana de História das Ciências (QUIPU), que se tornou o principal veículo de difusão da história das ciências neste continente.

Todo esse movimento intelectual contribuiu para ampliar as ideias que eram alvo de reflexões e discutidas ardorosamente nas reuniões do grupo regido pela professora Maria Amélia, que era orientado para o estudo das relações entre ciência e cultura. Estes estudos, gradativamente, ultrapassaram os limites dessas reuniões, indo para além dos muros da USP, difundindo-se para outras localidades. Passaram a ser difundidos pelos participantes dessa orquestra intelectual por meio de instituições de nível superior situadas em outras partes do Brasil, onde se tornaram professores após concluírem seus programas de doutorado.

Peço licença para citar alguns desses participantes e dos primeiros estabelecimentos de nível superior nos quais continuaram a difundir os conhecimentos da nova história adquiridos anteriormente.

Universidade Federal do Pará (UFPA)

José Jerônimo de Alencar Alves

Universidade de Feira de Santana (UEFS)

José Carlos Barreto de Santana

Universidade de Feira de Santana (UEFS)

André Luis Mattedi Dias

Universidade de São Paulo (USP)

Marcia Regina Barros da Silva

Universidade de Campinas (UNICAMP)

Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa

Universidade de Campinas (UNICAMP)

Maria Margaret Lopes

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

James Roberto Silva

Como se pode ver, Maria Amélia se situa no vértice de uma nova história que iniciou na Universidade de São Paulo e posteriormente passou a ser difundida para outras localidades. Uma nova história que passou a analisar as ciências considerando as culturas em que se situam. Participar dessa experiência representou, para mim, a abertura para novos horizontes intelectuais para a aquisição de novas relações de amizade. Neste sentido, não poderia deixar de enfatizar e agradecer a professora que abriu as portas do coração para uma amizade sincera e duradoura que desfruto até os dias de hoje e da qual muito me orgulho.

Belém-PA, 10 de agosto de 2023.

“... *DISCUTIR O QUE ERA FAZER A HISTÓRIA DA CIÊNCIA*”

Maria Rachel Fróes da Fonseca
Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz
rachel.froes@fiocruz.br

Ao pensar sobre o que falar, o que escrever, sobre Maria Amélia Mascarenhas Dantes, fui levada, voltei aos anos 90 do séc. XX, mais precisamente ao ano de 1990, quando, recém ingressada na Casa de Oswaldo Cruz, fui convidada a participar de um Projeto Integrado de Pesquisa (CNPq) que se iniciava, intitulado “Modelos Institucionais Científicos na História da Ciência no Brasil: estudos de caso (1800-1930)”, idealizado e coordenado por Maria Amélia. Juntamente com outros pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz, Flávio Edler e Luiz Otávio Ferreira, analisamos a criação de várias instituições científicas brasileiras do século XIX e início do século XX, e dessa iniciativa originou-se o livro “Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930”, publicado em 2001.

Aqui cabe destacar seu dinamismo e seu relevante papel na introdução e na defesa da linha de pesquisa de história das instituições, e mais especialmente da constituição de instituições, de diferentes tipologias, e das práticas dedicadas às ciências, que haviam sido criadas em diversas regiões do país, há muito tempo, desde o século XIX. Em suas próprias palavras na ocasião de elaboração do livro, “*as instituições científicas recebiam uma atenção secundária dos historiadores da ciência, que têm se dedicado prioritariamente ao estudo do desenvolvimento conceitual das ciências, visto como resultante de um processo autônomo, regido por normas internas e independente dos demais processos sociais*”. Procurava, assim, romper com algumas abordagens vigentes até então, que afirmavam, de certa forma dogmática, que somente com a criação dos ins-

titutos de pesquisa criados na virada do século XIX para o XX, e principalmente das primeiras universidades brasileiras, já nos anos 30 do séc. XX, é que se poderia falar de ciência no Brasil.

Outro momento que me dá muito prazer em comentar, e que foi muito caro para mim e para meu caminhar no campo da história da ciência, foi em janeiro de 1992, quando desembarquei pela primeira vez na cidade do México para participar, juntamente com Maria Amélia, do III Congreso Latinoamericano de Historia de la Ciencia y de la Tecnologia, promovido pela Sociedad Mexicana de Historia de la Ciencia e pela Sociedad Latinoamericana de Historia de la Ciencia. Nossos dias nas salas do congresso, no Seminário de Minería da cidade do México, os encontros com pesquisadores e professores de história das ciências de reconhecidas trajetórias, marcaram profundamente minha trajetória profissional que dava seus primeiros passos. Guardo muitas lembranças dos momentos e trocas acadêmicas com ela, e especialmente de encontros e passeios inesquecíveis, como nossa visita às Pirâmides do Sol e da Lua, em Teotihuacán, da qual temos um carinhoso registro fotográfico no alto da pirâmide, juntamente com os pesquisadores Michel Paty e Patrick Petitjean.

E anos depois, em 2001, outro encontro, acadêmico e afetivo, pelas ruas da cidade do México, pelo Zócalo mexicano e arredores, para o XXI International Congress of History of Science, quando acompanhamos as palavras de Maria Amélia sobre os debates mais candentes da historiografia das ciências no Brasil.

Os eventos da Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC), realizados desde 1986, espaços pioneiros para o encontro de profissionais e de estudiosos da pesquisa em história das ciências no Brasil, me proporcionaram novas e profícuas conversas com Maria Amélia. Suas participações, suas palavras já nos evidenciava o quão relevante seria sua presença naquele momento de constituição do campo da história das ciências no Brasil.

Outro lado da generosidade intelectual de M. Amélia para a história das ciências no Brasil foi seu papel como formadora de jovens pesquisadores naquela área, responsável pela formação de um importante grupo de alunos, mestres e doutores, que se titularam e que seguiram caminhando no mundo de nossa história das ciências, atuando e se destacando em diferentes instituições de ensino e de pesquisa. E é com prazer e orgulho que posso dizer que faço parte deste grupo, daqueles que foram por ela acolhidos e atraídos para este caminhar profissional. De fato, não fui uma de suas orientandas na pós-graduação na USP, mas sinto-me igualmente como tendo sido por ela formada, pois nossos vários encontros me levaram a conhecer uma Professora de História das Ciências em toda dimensão que isso então significava. Lembro-me, igualmente, de sua especial presença, especialmente de seus comentários estimulantes, na Banca de Avaliação de minha Tese de Doutorado, em 1997.

Ao longo desses anos foram muitos os momentos de troca acadêmica e de acolhimento com Maria Amélia, como o ocorrido em 2002, quando dividimos a responsabilidade de uma disciplina no PPGHCS, a de “História das Ciências no Brasil”. Nessas aulas generosamente compartilhou comigo, e com nossos alunos, seu conhecimento e toda sua experiência.

Nos diversos passos de seu caminhar no campo da história das ciências, em seus trabalhos, pesquisas, palestras em eventos e aulas, retratou e foi porta-voz das principais questões e debates do campo. Nas suas palavras sempre se evidenciou como traço característico um olhar agudo sobre a construção do campo da história das ciências, e de suas peculiaridades no cenário da realidade brasileira.

Em entrevista para o vídeo comemorativo dos 32 anos do Departamento de Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz, em 27 de abril de 2022, Maria Amélia, ao recordar os encontros e o entrecruzamentos de caminhos, lembrou de meu interesse pelos temas da história das ciências na América Latina, que nos teria aproximado e possibilitado um diálogo maior e mais abrangente dos debates de nossa historiografia. Encontros es-

tes que foram vivenciados principalmente nos congressos da Sociedad LatinoAmericana de Historia de la Ciencia, por ela destacados por ter proporcionado um dinamismo metodológico, pois significava *“discutir o que era fazer a História da Ciência num país periférico, como a gente falava, e também valorizar o passado científico, a preservação documental”*.

Ao longo de todos estes anos, dos inúmeros encontros, das conversas em viagens e eventos, nunca esquecerei o quão foi importante a troca intelectual, a presença generosa, atenciosa e marcante de Maria Amélia no meu caminhar para tornar-me uma historiadora das ciências.

As páginas da história das ciências no Brasil nunca esquecerão da figura generosa, tranquila, mas impactante, de Maria Amélia Mascarenhas Dantes, e especialmente de seu modo de entender e fazer a história das ciências no Brasil.

Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2023.

A CONTRIBUIÇÃO DA PROFESSORA MARIA AMÉLIA MASCARENHAS DANTES NA CONSTRUÇÃO DA ÁREA DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO INSTITUTO BUTANTAN

Nelson Ibañez

Centro de Memória do Instituto Butantan
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo
Nelsonibanez48@gmail.com

É com imensa satisfação que quero deixar aqui registrado na comemoração dos 80 anos da nossa querida professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes um singelo e sincero agradecimento pela sua brilhante contribuição ao desenvolvimento da área de História da Ciência no Instituto Butantan.

Quando a procurei pela primeira vez em meados de 2003 trazia comigo uma proposta feita em gestões passadas da criação de um “Laboratório Especial de História da Ciência” no instituto e gostaríamos que ela integrasse o grupo, auxiliando nas concepções do projeto. A partir de sua indicação vários nomes apareceram para a criação de um grupo de apoio. Com sua simplicidade e humildade característica acompanhou e orientou o grupo que foi sendo ampliado a partir daí. Os nomes de Marta de Almeida, Márcia Regina Barros, Luís Antônio Teixeira, seus orientados na área, entre outros, começaram a encorpar nosso projeto. Dessas reuniões surgiram ideias de organização dos arquivos existentes, reformulação do museu histórico, seminários internos e externos com temas de ciência e saúde pública em São Paulo e a construção de projetos de pesquisa compondo uma periodização e linha do tempo do Instituto Butantan.

Registro aqui sua importante participação nos debates do I Seminário de História e Memória do Instituto Butantan reali-

zado em 2005 e editados no 1º número da revista “Cadernos de História da Ciência” onde ocupou seu conselho editorial durante todo o período, escrevendo artigos e reflexões sobre a temas importantes da história das instituições paulistas de ciência. Registro aqui também sua recente contribuição trazendo uma reflexão temática e histórica dos 15 anos de existência da revista.

Ainda fruto desse trabalho integrado nos anos de 2011 e 2012 orientou as teses de doutorado da Diretora do museu histórico Suzana César Gouveia Fernandes e de mestrado da pesquisadora Olga Sofia Faberge.

Por essa imensa contribuição ao Instituto Butantan que tardiamente valorizou essa área do conhecimento quero deixar nesses seus 80 anos o agradecimento não só o meu, mas de toda a equipe dos nossos museus e Centro de Memória.

“BRILHO DA CIÊNCIA E DA CULTURA” – GILBERTO GIL E A HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO BRASIL

Olival Freire Junior
UFBA e CNPq
freirejr@ufba.br

Em 25 de junho de 2022, o compositor e intérprete baiano Gilberto Gil, publicou, no jornal Folha de São Paulo, o manifesto intitulado “Brilho da ciência e da cultura vai nos tirar da escuridão”, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/06/brilho-da-ciencia-e-da-cultura-vai-nos-tirar-da-escuridao-diz-gil.shtml>. O texto tem relevância para a história política do país, pois, àquela altura, eram incertos os resultados da disputa das eleições presidenciais. Corríamos o risco de mergulharmos em tempos ainda mais tenebrosos, e o manifesto de Gil, que havia sido Ministro da Cultura nos primeiros governos Lula, foi sua contribuição para aquela histórica luta. Vivíamos ainda os tempos da pandemia e do negacionismo, pelo governo federal, da mesma e da ciência. Gil lembrou então que “[a]o longo da pandemia, a adesão dos brasileiros à vacina foi um ato de resistência contra o negacionismo, uma prova de que os valores da ciência estão bem assimilados pela sociedade e sobrevivem aos ataques”. O compositor lembrou ainda algo que havia afirmado em 1979, no disco Realce: “[E]u disse que a ciência a serviço do país e de sua gente é ‘uma maneira de dizer a luz geral. Denominar o brilho anônimo, como um salário-mínimo de cintilância a que todos tivessem direito’”, e conectou essa declaração poética com uma afirmação de confiança nas lutas que eram então travadas: “Esse brilho anônimo é mais intenso que os raios de Marie Curie e a luz funesta de todas as bombas atômicas: ele é o brilho da ciência e da cultura que nos ajuda a sair da noi-

te escura”. O interesse desse texto não é, contudo, limitado à história política. Ele tem também relevância para a história da ciência e da cultura, e por essa razão considereei fazer esses comentários como um tributo à Maria Amélia Dantes, que tanto tem contribuído para a consolidação epistemológica e institucional da história da ciência no Brasil. Vou selecionar alguns aspectos desse manifesto para comentários, todos relacionados à contribuição que a história das ciências pode trazer para uma melhor compreensão da história do nosso país.

Gil afirma que o futuro da ciência no Brasil requer encontros de distintas culturas e energias disruptivas, a exemplo daquelas que produziram o movimento cultural da Tropicália. Afirma ainda que “[a] história da ciência no Brasil ultrapassa as fronteiras das disciplinas e das instituições — ela se origina na etnociência dos povos indígenas, passa pelas observações astronômicas dos jesuítas, se difunde entre médicos e boticários, sangradores e curandeiros do Rio de Janeiro machadiano.” Este fragmento nos lembra tanto aspectos ainda pouco explorados pela nossa disciplina, como o conhecimento dos povos originários, quanto outros aspectos que conhecemos melhor precisamente pela contribuição de nossos historiadores das ciências. Como não lembrar aqui os trabalhos do nosso colega Carlos Ziller Camenietzki sobre a astronomia jesuítica, em particular sobre Valentim Stansel, que teve observações astronômicas de cometas, realizadas no Colégio dos Jesuítas, em Salvador da Bahia, citados por Isaac Newton? Como não associar médicos e sangradores do Rio de Janeiro machadiano aos trabalhos de historiadores formados por Maria Amélia Dantes e pela Casa de Oswaldo Cruz?

Em outro momento do seu manifesto, Gilberto Gil afirma que a “institucionalização [da ciência] no século 20 foi certamente desigual, cerceada, com idas e vindas, mas ainda assim rebelde e brilhante”. E ilustrou sua afirmativa nos dizendo que “[d]e Oswaldo Cruz ao SUS, de Nise da Silveira ao ingresso de Davi Kopenawa na Academia Brasileira de Ciências, de César Lattes ao sequenciamento do genoma do coronavírus, a ciência se desenvolveu no território nacional, prosperou em

centros de excelência e avançou a despeito de ataques e de sua desigualdade regional”. As idas e vindas nos remetem à metáfora do mito de Sísifo, usada por Simon Schwartzman ao estudar a institucionalização da ciência brasileira no século XX. As referências a Lattes nos remetem aos trabalhos de Ana Maria Ribeiro de Andrade, de Cassio Vieira e Antonio Augusto Passos Videira; enquanto as citações de Oswaldo Cruz, do SUS, e dos centros de excelência nos remetem aos nossos vários historiadores e historiadoras que têm explorado a história de nossas instituições científicas na transição do XIX para o XX, assim como ao longo do século XX, hoje desenvolvendo a pesquisa em história das ciências em instituições como a Unicamp, MAST, UFRJ, UFBA, UEFS, COC-Fiocruz, PUC-SP, UFSC, USP, UnB, UERJ, e UFMG, dentre outras. Esta pequena, mas dinâmica, comunidade tem mantido em atividade por quatro décadas a Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC), a publicação da Revista Brasileira de História da Ciência (RBHC), e foi capaz de organizar em 2017, no Rio de Janeiro, sob a liderança de Luiz Carlos Soares, o congresso internacional da disciplina, o qual se realiza a cada quatro anos. Neste congresso elegemos presidente da Division of History of Science and Technology (DHST) o nosso colega Marcos Cueto, peruano, hoje radicado no Brasil e co-editor da revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos.

O leitor desse manifesto poderá ficar intrigado com a quantidade de referências ao impacto cultural da mecânica quântica, uma das teorias que revolucionou a física no século XX. O próprio Gilberto Gil nos ajuda a entender o porquê dessas referências, ao afirmar que “[a] física quântica foi uma das descobertas que me atraíram enquanto observador dos fazeres e saberes científicos. Esse ramo da ciência, que inspirou meu disco “Quanta” (1997), é a busca de mais de um século por uma linguagem que dê conta do absurdo do mundo nas minúsculas escalas subatômicas, sem a qual é impossível entender a enormidade do cosmos”. Voltaremos ao disco Quanta mais adiante. Por ora, cabe lembrar outro fragmento que corrobora a nossa percepção de que o interesse de Gil na física quân-

tica levou-o a uma compreensão conceitualmente correta da mesma. Ele afirma que “[a]s equações e a famosa metáfora do gato de Schrödinger, o problema da incerteza elaborado por Heisenberg e a longa disputa que se iniciou entre os gigantes Albert Einstein e Niels Bohr — debate que passa por modelos matemáticos divergentes até elaborações teológicas sobre os princípios de ordenação do universo — colocaram em jogo o equilíbrio entre a precisão das leis físicas clássicas e o abismo criativo da incerteza moderna”. Sintonizado com a fronteira atual da pesquisa, ele afirma, otimista e cauteloso: “A computação quântica, atualmente em gestação, é filha rebelde dos sonhos impronunciáveis de Heisenberg sobre a lógica fundamental que constitui a matéria e uma enorme promessa de reviravolta de todos os aspectos da nossa vida coletiva — em boas ou más direções”.

Certamente Gil não foi o único personagem da cultura e das artes, no Brasil e no mundo, que têm fascínio pelas implicações filosóficas e culturais da física quântica. No seu caso, entretanto, podemos rastrear elementos que conectam esse fascínio com a história da ciência no Brasil. Como sabemos, a física foi uma das disciplinas bem desenvolvidas no Brasil ao longo do século XX. Alguns dos nossos melhores cientistas refletiram sobre o significado da mecânica quântica, ou a utilizaram sistematicamente em suas próprias pesquisas. Dentre esses personagens destaco os casos de Mário Schenberg e de César Lattes porque os dois tiveram diálogos frutíferos e relações próximas com Gilberto Gil. Com Schenberg esse diálogo ficou registrado nos volumes publicados pelo nosso colega historiador da ciência José Luiz Goldfarb. César Lattes é citado no manifesto publicado por Gil no ano passado, como vimos. Mais que isso, todos que já manipularam o CD Quanta vão lembrar que o mesmo traz um folheto escrito pelo próprio Lattes, sobre ciência e arte. A essa altura só posso lembrar, com nostalgia, dos tempos em que as músicas eram divulgadas nos LPs e depois nos CDs, com outros elementos culturais, além das próprias músicas.

O manifesto de Gilberto Gil encerra uma afirmativa que po-

demos tomar como uma consideração de ordem metodológica, plenamente alinhada com as tendências mais contemporâneas na teoria e na historiografia das ciências. Gil afirma que a ciência é uma forma de cultura, concepção forte na história cultural da ciência, e para sustentar sua afirmativa elabora o que considera cultura, e ciência: “Do mesmo modo, a ciência é parte da cultura, se por cultura entendemos não um conjunto de obras canonizadas segundo uma régua histórica de desigualdade, mas como uma constelação dinâmica na qual se inscrevem os atos criativos de um povo. E a tecnologia é o encontro da ciência com o terreno das práticas culturais as mais diversas, propiciando a transformação de como organizamos nossa rotina individual e nossa vida coletiva”.

Por fim, o compositor faz afirmativas sobre a relação entre ciência e arte, e sobre analogias entre essas formas culturais, que os atuais historiadores das ciências bem poderiam tomar como objeto de investigação. De fato, quase no início do manifesto, Gil nos brinda com essa afirmativa, e com a transcrição da mesma eu finalizo essa contribuição à comemoração do 80º aniversário da nossa colega Maria Amélia: “Ciência e arte, embora distintas, se entrelaçam, penetram nessas frestas que o universo e a condição humana nos apresentam sob a forma de mistérios. São linguagens e sistemas que, movidos pelo fascínio do novo e pela ebulição do conhecimento, perseguem a busca por novos modos de imaginar o mundo, uma busca que se reveste de enorme sofisticação e especificidade na prática científica, mas que surge da matéria ordinária de que é feito nosso cotidiano”.

COOPERAÇÃO ENTRE O NÚCLEO DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA DA FFLCH-USP E A REHSEIS

Patrick Petitjean

Sphere

Université Paris-Diderot

Patrick.petitjean@univ-paris-diderot.fr

Conheci Maria Amélia em dezembro de 1985, durante minha primeira estadia em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Ainda trabalhava no Centro de Investigação Nuclear em Estrasburgo. Michel Paty, antigo diretor deste Centro, acabara de participar da criação, em Paris, de uma equipe de história e filosofia da ciência, REHSEIS, em 1984. Conhecendo o meu desejo de deixar a física pela história, convidou-me a integrar esta nova equipe, para liderar um programa de pesquisa “ciências e impérios”. Ele já estava engajado em cooperação com historiadores brasileiros e, como parte desse programa, me pediu para trabalhar com ele na história das relações científicas entre a França e o Brasil.

Eu não sabia muito sobre história da ciência ou relações científicas internacionais. Tendo estado em contacto com colegas brasileiros, como José Leite Lopes ou Roberto Salmeron, entre outros, ou tendo frequentemente encontrado exilados políticos no âmbito dos movimentos de solidariedade contra a ditadura, isso não valia o conhecimento real do Brasil, da sua sociedade e da sua história.

Tendo Michel Paty conseguido financiamento para minha primeira missão ao Brasil, tive que ler vários livros sobre o assunto em poucos meses, o que me permitiu publicar um artigo “Sobre a influência científica francesa no Brasil nos séculos XIX e XX”, em colaboração com Michel Paty, em *Les Cahiers*

des Amériques latines, nº4, 1985. E também para dar um pouco de conteúdo aos primeiros seminários em São Paulo e no Rio de Janeiro que ministraria nesta primeira viagem.

Assim, tendo saído de Estrasburgo na neve, encontrei-me no início de dezembro no meio de uma onda de calor no aeroporto de São Paulo, sem falar uma palavra de português, claro, recebido por Maria Amélia. Ainda me pergunto que imagem ela teria deste aprendiz de historiador, cujas poucas ideias preconcebidas devem ter mascarado mal os seus estereótipos, o seu conhecimento incompleto, ou mesmo os inevitáveis preconceitos eurocêntricos.

Um acordo de cooperação CNPq/CNRS foi formalmente assinado no ano seguinte, em 1986, entre, de um lado, a equipe da REHSEIS (Recherches Epistémologiques et Historiques sur les Sciences Exactes et les Institutions Scientifiques) e, de outro, três grupos: o Núcleo de História da Ciência e da Tecnologia, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; o Grupo de Ensino de Física do Departamento de Física da Universidade de São Paulo; e o Museu de Astronomia do CNPq. Os responsáveis foram Maria Amélia Mascarenhas Dantes e Amélia Império Hamburger, do lado brasileiro, Michel Paty e eu, do lado francês. O acordo formal terminou em 1992, mas a cooperação continuou sob outras formas.

Esta cooperação foi o resultado de uma convergência de interesses entre os grupos participantes. Para as equipes brasileiras, o tema da influência das tradições culturais, particularmente francesas, foi de interesse primordial para o estudo do processo de implementação da pesquisa científica e técnica no Brasil. Para a equipe francesa, este tema fazia parte do programa “ciências e impérios”, cujo objetivo era investigar as relações entre a globalização da ciência e a formação de impérios nas décadas de 1850 a 1950. Este programa dizia respeito às antigas colônias francesas, mas, de forma mais ampla, à difusão das tradições científicas francesas em outros países. O Brasil ocupou durante muito tempo um lugar importante na

“diplomacia cultural” francesa, e o estudo do lugar da ciência nas relações Brasil-França teve, portanto, o seu lugar nesta cooperação.

Um momento importante da cooperação foi a realização do simpósio “A História do Papel da Ciência nas Relações Brasil e França” em setembro de 1987 na USP, com palestras, mesas-redondas e sessões de comunicação de pesquisas, depoimentos. O simpósio foi apresentado por José Goldemberg, Reitor da USP. O simpósio contou com as intervenções dos fundadores/facilitadores da Sociedade Brasileira de História da Ciência e Tecnologia, como Simão Mathias, Ruy Gama, Milton Vargas, Shozo Motoyama, Ubiratan d’Ambrosio; de colegas latino-americanos como Hebe Vessuri e Juan José Saldaña; de cientistas como José Leite Lopes e Carlos Chagas Filho; e dos diretores do REHSEIS Roshdi Rashed e Michel Paty. E claro, de Maria Amélia.

Parte do trabalho do simpósio foi publicado em um livro editado pela EDUSP e FAPESP em 1996, *A Ciência nas Relações Brasil-França*, organizado por Amélia Império Hamburger, Maria Amélia Mascarenhas Dantes, Michel Paty e eu.

Esta cooperação beneficiou-se de um contexto particularmente estimulante do lado brasileiro, num período de rápido desenvolvimento e profissionalização da história da ciência. A Sociedade Brasileira de História da Ciência foi fundada no final de 1983. O Núcleo de História da Ciência e da Tecnologia da FFLCH-USP, com Maria Amélia, Shozo e seus alunos de pós-graduação, tiveram papel central neste processo.

O contexto foi também o de efervescência intelectual mais ampla que acompanhou o fim da ditadura. Maria Amélia sabia me apresentar uma série de obras que marcaram essa efervescência.

Proposto por Roshdi Rashed, o Programa “Ciências e Impérios” (falar de “ciência e imperialismo” era um tabu na universidade francesa da época) foi um dos três programas básicos que justificaram a criação do REHSEIS em 1984. O projeto foi baseado em três pilares, contando principalmente com histo-

riadores da ciência da Índia, América Latina e França.

O acontecimento mais significativo foi a organização de uma conferência internacional em Paris, em abril de 1990, sob a égide da UNESCO, com o título “Ciência e Impérios. Uma história comparativa de intercâmbios científicos: expansão europeia e desenvolvimento científico em países asiáticos, africanos, americanos e da Oceania”. Surgiu depois de um seminário sobre o tema para o caso do Império Britânico, ocorrido em Melbourne, em 1978, e de uma conferência sobre o mesmo assunto em Nova Delhi, em 1985. Também se apoiou na criação da Sociedade Latino-Americana para a História da Ciência e da Tecnologia, em 1982, e a publicação da revista *Quipu* a partir de 1984.

Este simpósio foi realmente muito internacional, com a participação de 120 cientistas de 20 nacionalidades. Teve várias dezenas de comunicações da América Latina, inclusive de brasileiros: Isidoro Maria da Silva Alves, José Jerônimo Alves, Regis Cabral, Paulo Marques, Alfredo Tiomno Tolmasquin, Christina Helena Barboza, Ítalo Arnaldo Tronca, Ubiratan d’Ambrosio, Maria Amélia Dantes, Maria Margaret Lopes, José Leite Lopes, José Israel Vargas. Mais de uma dúzia da Índia e do Sri Lanka, mas também da China, Austrália, América do Norte e Japão, para não falar de muitas comunicações europeias. Por fim, o colóquio contou com a participação de personalidades destacadas da União Internacional para a História da Ciência: Abdur Rahman, Roshdi Rashed, Shigeru Nakayama, Juan José Saldaña. Parte das comunicações foi retomada no livro *Science and Empires*, coordenado por Catherine Jami, Anne-Marie Moulin e eu, publicado na série “Boston Studies in the History of Science”.

O objeto deste projeto de pesquisa foi tratar da articulação entre ciências e impérios como uma questão histórica autônoma: não é ciência NOS impérios (abordagem geográfica) nem ciência PARA impérios (abordagem instrumentalista): isso porque os impérios desenvolveram estratégias conscientes de expansão científica, longe também de um desenvolvimento

espontâneo da ciência independentemente dos contextos políticos. Procurava-se romper com o eurocentrismo dominante, falando da ligação orgânica entre a expansão científica e a formação de impérios. Mas também recusando o modelo difusionista da chamada ciência ocidental moderna, destacando, pelo contrário, os sistemas de produção científica específicos dos diferentes países e o papel dos investigadores ou países tradicionalmente marginalizados na história da ciência. Concentrando-nos nos sucessos e não apenas nos obstáculos e fracassos destes países. Falando em hibridização, agora como no passado. O programa foi tanto o produto como o apoio a novas formas de fazer a história da ciência em nível internacional.

O colóquio da Unesco levou à formação de uma rede internacional “ciências e impérios”, baseada nos mesmos três pilares (América Latina, Índia, França), que em 1997 se tornou uma comissão oficial da União Internacional de História da Ciência. Contribuiu para a fertilização cruzada e para uma maior internacionalização da história da ciência.

Se a ruptura com o eurocentrismo na história da ciência foi procurada e iniciada, a eliminação dos preconceitos eurocêntricos foi, sem dúvida, ainda limitada no início. Então, por exemplo:

Uma dificuldade para aprofundar a crítica à assimilação da ciência atual à ciência ocidental, definida como universal e a única moderna, ao conceito de revolução científica (que teria ocorrido apenas na Europa), e à modernidade ocidental;

A influência persistente do modelo Needham, vendo na ciência atual a confluência, no grande rio do progresso científico, de múltiplas correntes antigas de todas as origens;

A importância de um marxismo economicista, para o qual o imperialismo é mais um conjunto de fenômenos econômicos, políticos e militares, do que uma ideologia complexa com dimensões culturais, intelectuais e técnicas.

Na virada do século XXI, os estudos pós-coloniais (notadamente Spivak, Chakrabarty e Subrahmanyam) e depois os

estudos decoloniais (notadamente Dussel, Quijano e Mignolo) tornaram possível levar mais longe a crítica dos preconceitos epistemológicos na forma de conceber a história e abandonar mais o prisma ocidental.

Já é outra época.

MARIA AMÉLIA DANTES E A HISTÓRIA DO POSITIVISMO NO BRASIL: QUESTÕES HISTORIOGRÁFICAS, POSTURAS INSTITUCIONAIS.

Rogério Monteiro

Universidade de São Paulo

Presidente da Sociedade Brasileira de História da Ciência

rogerms@usp.br

Eu iria falar sobre matemática e positivismo no simpósio “História das Ciências e da Tecnologia”, organizado pela Márcia Barros (USP) e pela Regina Galtieri (UNIFESP), dentro do congresso da ANPUH de 2011, em São Paulo. O simpósio era uma deriva do “Grupo de trabalho e estudos de história da ciência e da técnica”, o GEHCT, outrora coordenado pela Maria Amélia, e pretendia acolher trabalhos sobre “a institucionalização de atividades científicas, a formação e a educação em ciências e a diferentes interfaces sobre a produção de conhecimento científico”.

Seria a primeira vez que eu apresentaria minha interpretação das críticas de alguns engenheiros brasileiros aos textos de matemática de Augusto Comte em um evento maior, com colegas da Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC). Os trabalhos de Ubiratan D’Ambrosio e de outros historiadores da matemática diziam que os positivistas haviam sido deletérios às ciências matemáticas no início do século XX, mas os textos da Maria Amélia e do Luiz Otávio Ferreira sobre os positivistas na medicina e nas engenharias iam no sentido oposto.

A questão também era importante para a historiografia das ciências latino-americana. Eu havia encontrado Ismael Ledesma-Mateos, do México, na Esocite de Buenos Aires, em 2010, e contado a ele dos meus planos. Ele foi taxativo: “Positivistas

contra a ciência? Não faz sentido”. Mas, quando lia os textos de matemática do final do XIX que criticavam Comte e os positivistas, eu me perguntava qual era exatamente o pomo da discórdia? Não sabia se os colegas no GEHCT iriam gostar da saída que eu tentava esboçar para acolher a crítica dos positivistas à matemática moderna e, ao mesmo tempo, colocá-los como praticantes das ciências. Eu me sentia pisando em ovos.

Em 1996, Maria Amélia havia publicado um interessante texto sobre teses de medicina e de engenharia com conteúdo positivista, chamado “Os positivistas brasileiros e as ciências no final do século XIX”, em um livro que virou referência nos estudos sobre as relações Brasil–França, “A ciência nas relações Brasil–França (1850–1950)”, organizado por ela, Amélia Império Hamburguer, Michael Paty e Patrick Petitjean. Comparando várias teses publicadas na Bahia e no Rio de Janeiro, ela procurou analisar como Comte e seus textos eram citados por esses autores. Em sua análise, ela encontrara traços do positivismo em uma parcela pequena das teses, o que questionava a extensão do fenômeno.

Li e reli o capítulo da Maria Amélia inúmeras vezes, nos últimos anos, à procura de ideias para a minha pesquisa. Lá nos anos 2010, eu não tinha um conjunto de fontes seriadas, como as dela, nem uma estratégia clara de leitura comparada dos textos. Que elementos escolher para concluir que um texto era ou não positivista? Uma citação, uma referência bibliográfica? Isso me incomodava bastante e se tornou uma espécie de obsessão no que eu vim a escrever anos depois. Descobri, mais tarde, outras fontes e amadureci minha explicação. Os positivistas tinham sido muito críticos de algumas práticas matemáticas, típicas da matemática que iria ser a hegemônica no século XX. Mas isso não os tornava anticientíficos, atrasados. Era, na minha avaliação, um debate tanto sobre os destinos da matemática do século XIX quanto sobre a relevância de Comte para o pensamento político brasileiro. Eu indicava também que as críticas às matemáticas comtianas eram mais antigas e haviam envolvido personagens tanto no Brasil quanto na França. Mas, na época, meu argumento ainda demandava uma in-

terpretação mais simples e clara. Eu temia que a Maria Amélia fosse me inquirir nessas brechas.

Parte da minha apreensão se dava também porque, quando cheguei à USP, em 2007, Maria Amélia já estava aposentada e, mesmo trabalhando em um tema próximo ao dela, eu não a havia encontrado para conversar e me apresentar adequadamente. Imaginava que o encontro do GEHCT possibilitaria isso. Mas nem Maria Amélia, nem Luiz Otávio apareceram na minha sessão. E as perguntas que me foram apresentadas não envolveram os pontos que eu temia. Respirei um pouco aliviado, devo confessar.

Relendo agora as minhas anotações no texto de 1996, uma outra questão me salta aos olhos. Em vários momentos do texto, e em algumas notas de rodapé, Maria Amélia se coloca frontalmente contra a interpretação de que “o positivismo se constituiu em uma barreira para o processo de implantação das ciências no país”, tese de D’Ambrosio e de muitos colegas da história da matemática. Aliás, um dos raros momentos em que ela fez críticas abertas, no seminário da ANPUH em 2011 – e isso ficou registrado na minha memória desde então –, foi para se opor a um comentário da plateia que, citando um livro de uma autora famosa, repetia a tese de que as práticas científicas no Brasil do século XIX eram pouco originais e enciclopédicas. Essa posição interpretativa do que aconteceu no Brasil do século XIX me levou a olhar com muita desconfiança os textos memorialísticos sobre a implantação das universidades nos anos 1930 e marcou quase tudo o que eu escrevi depois.

Não tenho dúvidas de que muitos da minha geração se beneficiaram dessa posição historiográfica, também central para a organização do campo da história da ciência no Brasil nas últimas décadas. E é no campo da história da ciência, formado não somente pelos textos e posições historiográficas, mas também por pessoas e instituições, que eu vejo as posições da Maria Amélia ressoarem. Anos depois do seminário da ANPUH, quando eu já fazia parte da diretoria da SBHC, pedi a ela que entregasse o prêmio de melhor dissertação e tese da SBHC.

Ela recusou a deferência. Pedi ajuda em outras ocasiões. E não raro, para a minha surpresa, ela recusava a demanda dizendo que era a nossa hora, não a dela. Depois de orientar tanta gente, de discutir abertamente suas posições historiográficas, era o descanso justo, eu pensava. Mas em uma chave recente, mais psicanalítica e pessoal, era como se ela chamasse a nova geração ao trabalho.

Mesmo não tendo sido seu orientando, guardei esse chamamento silencioso da Maria Amélia com o maior cuidado e atenção. No último congresso da SBHC, em São Paulo, em 2022, eu sabia que ela ia falar sobre um homeopata do século XIX. Um dos personagens que eu estudo também era homeopata. Mesmo com várias questões a resolver na coordenação do seminário, fiz questão de me organizar para assistir. Estava no corredor das salas dos simpósios quando a vi subindo a rampa do prédio da História e Geografia da USP. Ela sorriu e acenou. Coordenar o Seminário Nacional, na “casa” da Professora Maria Amélia Dantes, na volta da pandemia, foi bastante desafiador. Mas a calma com que ela subia a rampa para vir apresentar seu trabalho, ignorando os problemas evidentes que a equipe do seminário enfrentava, foi suficiente para me tranquilizar.

Em 2023, a Sociedade Brasileira de História da Ciência faz 40 anos. De alguma maneira, nós todos ali, na correria, cada qual à sua maneira, concordando ou discordando a respeito de posições historiográficas, procurávamos responder ao chamamento da Professora Maria Amélia Dantes e de todos os fundadores da SBHC. A mim, me parece o melhor jeito de honrar o trabalho de quem veio antes de mim: conversando com o que me legaram.

São Paulo, 08 de setembro de 2023.

ANEXOS

ORIENTANDOS

Nome	Tipo e ano de conclusão
Adriana Tavares do Amaral Martins Keuller	D 2008
Afonso Carlos Neves	D 2008
Ana Maria de Alencar Alves	M 1998 e D 2005
André Felipe Cândido da Silva	PD 2012
André Luís Mattedi Dias	D 2002
Betânia Gonçalves Figueiredo	PD 2008
Christina Helena da Motta Barboza	D 2002
Dayana de Oliveira Formiga	M 2007
Edivânia Granja da Silva Oliveira	D 2022
Elisandra Moreira de Lira	D 2015
Felipe Nascimento da Silva	M 2012
Flavio Coelho Edler	M 1992
Flávio Diniz Ribeiro	D 2008
Geraldo José Alves	M 1999
Gustavo Querodia Tarelow	M 2012
Heloísa Maria Bertol Domingues	D 1995
Jairo de Jesus Nascimento Da Silva	D 2014
José Augusto Dias Júnior	M 1996
José Carlos Barreto de Santana	D 1998
Jozimar Paes de Almeida	D 1993 e PD 2012
Lígia Terezinha Henning Kussama	M 2003
Luiz Antônio da Silva Teixeira	D 2001
Luiz Otávio Ferreira	D 1996
Márcia Regina Barros da Silva	M 1998 e D 2003
Maria Elizabeth Lunardi	M 1993
Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho	D 1999
Maria Margaret Lopes	D 1993
Marta de Almeida	M 1998 e D 2004

Natália Peixoto Bravo de Souza	M 2010
Olga Sofia Fabergé Alves	M 2011
Olívia da Rocha Robba	D não concluído
Patrícia Albano Maia	D 2012
Regina Cândida Ellero Gualtieri	D 2001
Reginaldo Alberto Meloni	M 1999
Roger Domenech Colácios	M 2009 e D 2014
Ruy Guilherme Castro de Almeida	D 2006
Sérgio Roberto Gomes de Souza	D 2014
Sílvia Fernanda de Mendonça Figueirôa	M 1987 e D 1992
Simone Fadel	D 2006
Suzana Cesar Gouveia Fernandes	D 2011
Sylvia Pinto Machado	M 2016
Tânia Maria Dias Fernandes	D 2001
Victorio Enrique Oxilia Davalos	M 1995

M – Mestrado D – Doutorado PD – Pós-doutorado

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

(EXTRAÍDAS DO CV LATTES)

DANTES, M. A. M. Sobre os quinze anos dos Cadernos de História da Ciência. *Cadernos de História da Ciência*, 2022, p. 1-8.

<https://doi.org/10.47692/cadhisciecienc.2021.v15.37226>

DANTES, M. A. M. Uma História Institucional das Ciências no Brasil. *Ciência e Cultura*, 2022, 74, p. 1-7.

<http://dx.doi.org/10.5935/2317-6660.20220046>

DANTES, M. A. M.; CHASSOT, W. C.; SALINAS, S. R. A.; HENRIQUES, V. B.; SEALE, W. Origens e Formação do Instituto de Física da Universidade de São Paulo. In: Manfredo Tabacniks (Org.). *Origens e Formação do Instituto de Física da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Instituto de Física da USP, 2020.

https://portal.if.usp.br/extensao/sites/portal.if.usp.br/extensao/files/Origens_e_Formacao_do_Instituto_de_Fisica.pdf

DANTES, M. A. M. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo como centro de formação de cientistas nas várias áreas do conhecimento. 1930 e 1940. In: *Evento remoto. Caderno de Resumos do 17º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, 2020, p. 143-144.

https://www.17snhct.sbhc.org.br/download/download?ID_DOWNLOAD=132

DANTES, M. A. M. A relação entre medicina acadêmica e práticas populares de cura na Historiografia: análise do tema para a cidade de São Paulo na Primeira República. In: André Mota; Maria Cristina da Costa Marques (Orgs.) *História da Saúde Coletiva & Medicina*. São Paulo: Hucitec, 2018, p. 48-71.

DANTES, M. A. M. O Instituto Vacinogênico de São Paulo – Uma Instituição de Saúde Pública no bairro do Cambuci. *Cadernos de História da Ciência*, 2016, 12, p. 10-29.

<https://doi.org/10.47692/cadhistcienc.2016.v12.33867>

DANTES, M. A. M. Recordações sobre o processo de constituição da História das Ciências no Brasil. *Revista Maracanan*, 2015, 13, p. 158-163.

SILVA, M. R. B. da; DANTES, M. A. M. Produção de conhecimento e tradições de pesquisa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - USP (1934-1968). *Revista CPC (USP)*, 2015, 20, p. 159-194.

<https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i20p159-194>

DANTES, M. A. M.; CHASSOT, W. C.; Sonja Ashauer (1923-1948). In: Elisa Maria Baggio SAITOVITCH; Renata Zukanovitch FUNCHAL; Marcia Cristina Bernardes BARBOSA; Suani Tavares Rubim de PINHO; Ademir Eugênio de SANTANA (Orgs.) *Mulheres na Física - Casos históricos, panorama e perspectivas*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015, p. 95-113.

DANTES, M. A. M. Em defesa de uma nova ciência médica: a atuação dos homeopatas brasileiros em meados do século XIX. In: *Anais Eletrônicos do VI Simpósio nacional de ciência, tecnologia e sociedade*, Rio de Janeiro. 2015. p.224-25.

<https://www.esocite.org.br/>

<https://drive.google.com/file/d/1uvtDrpCBYETCrJNraLvIAvSYTL5IWEuV/view>

DANTES, M. A. M. A historiografia sobre ciências e impérios: constituição e desenvolvimento. In: Heloisa Meireles GESTEIRA; Luís Miguel CAROLINO; Pedro MARINHO (Orgs.) *Formas do Império - Ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil. Séculos XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014, p. 561-573.

DANTES, M. A. M. Notícia sobre o I Seminário Nacional sobre História da Ciência e Tecnologia, realizado no MAST, Rio de Janeiro, de 2 a 5 de setembro de 1986. *Boletim Eletrônico da SBHC*, Rio de Janeiro: SBHC, 2014, março, p. 1 – 2.

https://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=775

DANTES, M. A. M.; SILVA, M. R. B. da (Orgs.). *Arnaldo Vieira de Carvalho e a história da Medicina paulista (1867-1920)*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. 360p.

DANTES, M. A. M. Arnaldo Vieira de Carvalho e a produção de vacina antivariólica em São Paulo (1892-1912). In: Maria Amélia M. Dantes & Márcia Regina Barros da Silva. (Orgs.). *Arnaldo Vieira de Carvalho e a História da medicina paulista (1867-1920)*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, p. 24-60.

DANTES, M. A. M.; FIGUEIRÔA, S. F. de M. & LOPES, M. M. Sciences in Brazil: An Overview from 1870–1920. In: Décio Krause e Antonio Augusto Passos Videira (orgs.) *Brazilian Studies in Philosophy and History of Science*. 2011, 209, p. 95-105.

https://doi.org/10.1007/978-90-481-9422-3_5

DANTES, M. A. M. História da Ciência no Brasil- Perspectivas. In: *Scientiarum Historia - IV Congresso de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Livro de Anais*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011, p. 35-42.

<http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/issue/view/10>

DANTES, M. A. M. Resenha do livro. *História da saúde em São Paulo- instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*, de Maria Lucia Mott e Gisele Sanglard. São Paulo: *Cadernos de História da Ciência* - Instituto Butantan, 2011.

DANTES, M. A. M. A História das Ciências, os documentos e os acervos. In: Yara Nogueira Monteiro (Org.). *História da Saúde:*

Olhares e Veredas. São Paulo: Instituto de Saúde, 2010, p. 03-12.

DANTES, M. A. M. História, Cultura e relações de poder- A questão da ciência. In: André Luis Mattedi Dias; Eurelino Teixeira Coelho Neto; Márcia Maria da Silva Barreiros Leite (Orgs.). *História, Cultura e Poder*. Feira de Santana: Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010, p. 13-24.

DANTES, M. A. M. Além do “ordem e progresso”. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 2010, p. 36 - 39.

DANTES, M. A. M. Práticas homeopáticas em São Paulo (1850-1920). In: *Caderno de Resumos do XIX Encontro Regional de História*. São Paulo: ANPUH, 2008, p. 235.

DANTES, M. A. M. A profissão médica e outras práticas de cura em São Paulo na Primeira República. In: Marta de Almeida, Moema de Rezende Vergara (Orgs.). *Ciência, história e historiografia*. Rio de Janeiro/São Paulo: MAST/Via Lettera, 2008, p. 53-64.

DANTES, M. A. M. Apresentação. Instituições e acervos: Experiências no estado de São Paulo no campo da saúde. *Cadernos de História da Ciência*, 2007, 3, p. 7-12.

<https://doi.org/10.47692/cadhistcienc.2007.v3.35721>

DANTES, M. A. M. Integrando o Brasil à América Latina. Um movimento da historiografia dos anos de 1980. In: Ana Maria Ribeiro de Andrade (Org.). *Caminho para as estrelas. Reflexões em um museu*. Rio de Janeiro: MAST, 2007, p. 112-125.

DANTES, M. A. M. Reflexões sobre os caminhos da historiografia das ciências no Brasil. In: Mauricio Pietrocola; Olival Freire Jr. (Orgs.). *Filosofia, Ciência e História. Michel Paty e o Brasil, uma homenagem aos 40 anos de colaboração*. São Paulo: Discurso Editorial e Fapesp, 2005, p. 363-374.

DANTES, M. A. M. Resenha do livro. Marcos Chor: *Acompanhando*

os caminhos de Paulo Carneiro, um brasileiro universal. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, 2006, 13, 4, p.1041-1046.

<https://doi.org/10.1590/S0104-59702006000400016>

DANTES, M. A. M. As Ciências na história brasileira. *Ciência e Cultura* (SBPC), 2005, 57, 1, p. 26-29.

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000100014&lng=en&nrm=iso

DANTES, M. A. M. A implantação das ciências no Brasil -Um debate historiográfico. In: José Jerônimo de Alencar Alves (Org.) *Múltiplas faces da história das ciências na Amazônia*. Belém: Editora Universidade Federal do Pará, 2005, p. 31-48.

DANTES, M. A. M. Um Centro de Ciência e Tecnologia. In: Tamás Szmrecsány (Org.) *História Econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Globo, 2004, p. 378-405.

DANTES, M. A. M. No caminho do avião. In: Marcos Silva (Org.) *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva/FFLCH-USP/Fapesp/EDUFRN/Fundação José Augusto, 2003, p. 21-23.

DANTES, M. A. M. Medicina e saúde pública na Primeira República: o encontro de historiadores e historiadores da ciência. In: *Caderno de Programação e Resumos XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa*- João Pessoa: ANPUH, 2003. p. 91.

DANTES, M. A. M. Formação em História da Ciência no Departamento de História na faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas- USP. In: Ana Maria Ribeiro de Andrade (Org.) *Ciência em Perspectiva. Estudos, Ensaios e Debates*. Rio de Janeiro: MAST/SBHC, 2003, p. 181-185.

DANTES, M. A. M. (org.). *Espaços da Ciência no Brasil*. 1800-

1930. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. 202p.

<https://doi.org/10.7476/9786557081570>

DANTES, M. A. M. Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil. In: Maria Amélia M. Dantes (Org.) *Espaços da Ciência no Brasil, 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 13-22.

DANTES, M. A. M.; ALMEIDA, M. O Serviço Sanitário de São Paulo, a Saúde Pública e a Microbiologia. In: Maria Amélia M. Dantes (Org.) *Espaços da Ciência no Brasil, 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 135-155.

DANTES, M. A. M. As instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil. In: Alda Heizer; Antonio Augusto Passos Videira (Orgs.) *Ciência, Civilização e Império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access Editora, 2001, p. 225-234.

DANTES, M. A. M. Historiografia das ciências no Brasil. Análise de sua constituição (1950-1990). In: *XXI International Congress of History of Science, México. Caderno de Resumos* 2001. p. 313-314.

DANTES, M. A. M. As Instituições científicas na Historiografia Brasileira. In: *Simpósio Ciência e Tecnologia como Cultura e Desenvolvimento- um Enfoque Histórico. Caderno de Resumos*, São Paulo, 2001, p. 55.

DANTES, M. A. M. A História da Ciência na Pós-Graduação em História da USP. In: *8º Seminário Nacional da História da Ciência e da Tecnologia*, 2001, Rio de Janeiro. Caderno de Resumos, 2001.s/p.

DANTES, M. A. M. A Formação de Historiadores da Ciência na USP In: *XXI Simpósio Nacional de História. Caderno de Resumos do XXI Simpósio Nacional de História*, Niterói/RJ. 2001. p.463.

DANTES, M. A. M. A Historiografia das ciências no Brasil nos últimos 20 anos. In: *XV Encontro Regional de História-ANPUH*

Núcleo Regional de São Paulo, Caderno de Resumos. XV Encontro Regional de História- S.Paulo, 2000. s/p

DANTES, M. A. M. Estudos Históricos sobre as Ciências no Brasil. In: *As Ciências Humanas e as Ciências da Saúde: Perspectivas de Ensino e Pesquisa. Caderno de Resumos*, São Paulo, 2000.s/p.

DANTES, M. A. M.; SILVA, M. R. B. da; DIAS, A. L. M. Uma Epopeia das ciências no Brasil contemporâneo, segundo seus heróis mais proeminentes. *Revista USP*, 1999, 41, p. 231-238.

<https://www.usp.br/revistausp/41/19-mariamelia.pdf>

DANTES, M. A. M. A História da Ciência e as fronteiras do conhecimento. In: Eunice NODARI; Joana. M. Pedro; Zilda. M. G. Iokoi (Orgs.). *História: Fronteiras*. XX Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 1999, p. 41-50.

DANTES, M. A. M. A História da ciência e as fronteiras do conhecimento. In: *XX Simpósio Nacional da ANPUH*, Florianópolis: ANPUH, 1999, v. 1. p. 41-50.

DANTES, M. A. M. As ciências em um jornal republicano paulista do século XIX. In: *V Congresso da Sociedade Latino-Americana de História da Ciência e da Tecnologia, Caderno de Resumos do V CSLHCT*, Rio de Janeiro, 1998. p.77.

HAMBURGER, A. I.; DANTES, M. A. M.; PATY, M.; PETITJEAN, P. (Orgs.). *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp / Fapesp, 1996. 359 p.

DANTES, M. A. M. Os positivistas brasileiros e as ciências no final do século XIX. In: Amélia. I. Hamburger, Maria Amélia Dantes, Michel Paty & Patrick Petitjean (Orgs.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996, p. 49-63.

DANTES, M. A. M. Resenha do livro: Luiz Antonio Teixeira.

Ciência e sociedade na terra dos bandeirantes: a trajetória do Instituto Pasteur no período de 1903 a 1916. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, 1996, 3, 2, p. 372-374.

<https://doi.org/10.1590/S0104-59701996000200012>

HAMBURGER, A. I.; DANTES, M. A. M. A ciência, os intercâmbios e a história da ciência: reflexões sobre a atividade científica no Brasil. In: Amélia. I. Hamburger, Maria Amélia Dantes, Michel Paty & Patrick Petitjean (Orgs.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996, p. 15-23.

DANTES, M. A. M. Scientisme et pratique scientifique au Brésil a la fin du XIX siècle. In: Silvia F. de M. Figueirôa e Maria Margaret Lopes (Orgs.) *Geological Sciences in Latin America*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995, p. 353-362.

DANTES, M. A. M. História das Ciências no Brasil. In: *Simpósio de História da Ciência, 1995*, Rio Claro/ SP. *Cadernos de Resumos*, 1995.s/p.

DANTES, M. A. M. A atuação dos positivistas brasileiros na área científica. In: *V Congresso Brasileiro de Filosofia*, 1995, São Paulo. *Caderno de Resumos do V CBF*, 1995.s/p.

DANTES, M. A. M. Relações científicas e tradições científicas locais: modelos institucionais no Brasil no final do século XIX. In: Ana M. Goldfarb & Carlos A. Maia. (Orgs.). *História da Ciência: o mapa do conhecimento*. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Expressão e Cultura, 1995, p. 923-931.

DANTES, M. A. M. Cientificismo e institucionalização da ciência no Brasil. In: *IV Congresso da SLHCT, 1995, Cali. Resumos do IV CLHCT*, 1995, p. 30-31.

DANTES, M. A. M. Siderurgia e Tecnologia (1918-1964) e Siderurgia e Tecnologia (1964-1980). In: Shozo Motoyama (Org.). *Tecnologia e Industrialização no Brasil. Uma perspectiva histórica*.

São Paulo: Ed. Unesp, 1994, p. 209-250.

DANTES, M. A. M. Instituições científicas brasileiras. In: 46.^a *Reunião Anual da SBPC*, 1994, Vitória/ ES. *Resumos*, 1994. p.12.

DANTES, M. A. M. Universalismo e ciência no Brasil do final do século XIX. In: Antonio Lafuente, Maria L. Ortega & Alberto Elena (Orgs.). *Mundialización de la ciencia y cultura nacional*. Madrid: DOCE CALLES, 1993, p. 377-389.

DANTES, M. A. M. Positivisme et science au Brésil. In: Patrick Petitjean, Catherine Jami & Anne Marie Moulin (Orgs.). *Science and Empires*. Dordrecht, Boston, London: Kuwe Academic Press, 1992, p. 165-172.

DANTES, M. A. M. Conflitos na construção de uma ciência universal no Brasil. In: *III Congresso da Sociedade Latino-Americana de História da Ciência e Tecnologia*, 1992, México/DF. *Resumos do III CSLHCT*, 1992.s/p.

DANTES, M. A. M. A presença francesa e a formação de tradições em ciências exatas e naturais no Brasil. In: Solange PARVAUX & Jean REVEL-MOUROZ (Orgs.). *Images réciproques du Brésil et de la France* (Edição bilingue). Paris: IHEAL, 1991, v. 2º, p. 789-809.

DANTES, M. A. M. O Ensino de História da Ciência no curso de graduação em História da USP. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*. 1989, 3-4, p. 76-78.

DANTES, M. A. M. Aproximações e distanciamentos entre a atividade científica e a doutrina positivista no Brasil.. In: 41.^a *Reunião Anual da SBPC*, 1989, Fortaleza/CE. *Resumos da 41.^a Reunião Anual da SBPC*, 1989. p.75.

DANTES, M. A. M. Fases de implantação da Ciência no Brasil. *Quipu. Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología*. 1988, 5, 5, p. 265-275.

DANTES, M. A. M. Institucionalização. In: *Anais do II Congresso da Sociedad Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología - SLHCT*, São Paulo: SLHCT, 1988. p. 376-379.

DANTES, M. A. M. O objeto da História da ciência. In: *Anais do I Seminário Nacional sobre história da Ciência e Tecnologia*. Rio de Janeiro: SNHCT, 1986, p. 185-189.

DANTES, M. A. M. Os laboratórios e os primórdios da Medicina experimental no Brasil. In: *38.^a Reunião anual da SBPC*, Curitiba. Resumos, 1986. p.90.

DANTES, M. A. M. A profissionalização do cientista no Brasil de 1870 a 1920. In: *37a Reunião Anual da SBPC*, 1985, Belo Horizonte. Resumos, 1985. p.69.

DANTES, M. A. M.; MOTOYAMA, S.; FLORSHEIM, G. História da Ciência e seu ensino na Universidade de São Paulo. *Quipu. Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología*, 1984, v.1, n.2, p. 245-251.

DANTES, M. A. M. Ciência e sociedade em São Paulo de 1870 a 1920. In: *36.^a Reunião anual da SBPC*, São Paulo. Resumos, 1984. p.58.

DANTES, M. A. M. Ciência básica e ciência aplicada no Brasil: os Institutos de Pesquisa. In: *34.^a Reunião anual da SBPC*, Campinas. Resumos, 1982. p.48.

DANTES, M. A. M. Institutos de pesquisa científica. In: Mário G. Ferri; Shozo Motoyama (Orgs.) *História das ciências no Brasil*. São Paulo: Edusp/ EPU, 1980, v. 2º, p. 341-380.

DANTES, M. A. M. A Fundação da Escola Politécnica de São Paulo - Leitura da ideologia de seus fundadores. In: *30.^a Reunião anual da SBPC*, São Paulo. Resumos, 1978. p.55.

DANTES, M. A. M. A interpretação Tomista da Física de Aristóteles.

Revista de História (USP), 1975, 52, p. 51-60.

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1975.133142>

DANTES, M. A. M. Resenha do livro: Émile Namer. *L’Affaire Galilée*. Paris: Ed. Gallimard, Collection Archives. 1975. São Paulo: *Revista de História- USP*, 1975, 52, 104, p. 994-995.

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1975.133233>

DANTES, M. A. M. Resenha do livro: Georges Gusdorf. *De l’Histoire des Sciences à l’Histoire de la Pensée*. Paris: Ed. Payot. 1966. São Paulo: *Revista de História - USP*, 1975, 52, 104, p. 1023-1024.

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1975.133247>

DANTES, M. A. M. Da Alquimia à Química moderna. In: Shozo MOTOYAMA (Org.). *Dossiê História da ciência – perspectiva científica*. *Revista de História*, 1974, 48, p. 97-106.

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1974.210491>

DANTES, M. A. M. Resenha do livro: A. P. Usher. *História das invenções mecânicas*. 2 vols. Lisboa: Ed. Cosmos. 1973. São Paulo: *Revista de História - USP*, 1975, 51, 102, p. 853-854.

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1975.133083>

DANTES, M. A. M. Um estudo do comentário de São Tomás de Aquino sobre a Física de Aristóteles. In: *25.^a Reunião Anual da SBPC, 1973*, Rio de Janeiro. Resumos, 1973. p.157.

DANTES, M. A. M. *Sobre a Medicina de Paracelso*. Tese de Doutorado em História Social. USP. 1973.

<https://doi.org/10.11606/T.8.1973.tde-04012023-164505>

LINKS DE MATÉRIAS/ENTREVISTAS/ VÍDEOS COM MARIA AMÉLIA DANTES

1. <https://www.youtube.com/watch?v=zVstYkxuTlc>
Mesa-Redonda “Historiografia das Ciências e das Técnicas”,
coordenada por Maria Amélia Mascarenhas Dantes, 30 de
setembro de 2019
2. <https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/maria-amelia-dantes-destaca-a-iniciativa-de-hcs-manguinhos-de-difundir-as-pesquisas-feitas-fora-do-eixo-rio-sp/>
25 anos Revista *História, Ciência, Saúde* - Manguinhos. julho
de 2019
3. <https://www.youtube.com/watch?v=uLsB9isx3r4>
IEA | Arnaldo Vieira de Carvalho e a Produção de Vacina
Antivariólica em São Paulo
14 de fevereiro de 2018
4. <https://www.youtube.com/watch?v=wVcwUMAAvOI>
A professora Maria Amélia Mascarenhas Dantes fala com
Rodrigo Simon sobre o livro *Memória do Saber: Arnaldo Vieira
de Carvalho*. No livro, lançado pela editora da Fundação Miguel
de Cervantes. 18 de julho de 2014 UNIVESP